

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

UBIRATAN SILVA ALVES

**IMIGRANTES BOLIVIANOS EM SÃO PAULO:
A Praça *Kantuta* e o Futebol**

Campinas
2011

UBIRATAN SILVA ALVES

**IMIGRANTES BOLIVIANOS EM SÃO PAULO:
A Praça *Kantuta* e o Futebol**

Tese de doutorado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutor em Educação Física na Área de Concentração Atividade Física, Adaptação e Saúde.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Beatriz Rocha Ferreira

Campinas
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

AL87i Alves, Ubiratan Silva.
Imigrantes bolivianos em São Paulo: a Praça Kantuta e o futebol / Ubiratan Silva Alves. - SP: [s.n.], 2011.

Orientadora: Maria Beatriz Rocha Ferreira.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física

1. Imigrantes bolivianos – São Paulo, Região Metropolitana de. 2. Futebol. 3. Etnografia. 4. Kantuta. I. Ferreira, Maria Beatriz Rocha. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

dilsa/fef

Título em inglês: Bolivian immigrants in São Paulo: the square Kantuta and football.

Palavras-chave em inglês: Bolivian immigrants – São Paulo, Metropolitan Region; Football; Ethnography; Kantuta Square.

Área de Concentração: Atividade Física, Adaptação e Saúde.

Titulação: Doutorado em Educação Física.

Banca Examinadora: Dante De Rose Júnior; Maria Beatriz Rocha Ferreira; Marta Maria do Amaral; Sidney Antonio da Silva; Vera Regina Toledo Camargo.

Data da defesa: 08/02/2011.

UBIRATAN SILVA ALVES

**IMIGRANTES BOLIVIANOS EM SÃO PAULO:
A Praça *Kantuta* e o Futebol**

Este exemplar corresponde à redação final da
Tese de Doutorado defendida por Ubiratan
Silva Alves e aprovada pela Comissão
julgadora em: 08/02/2011



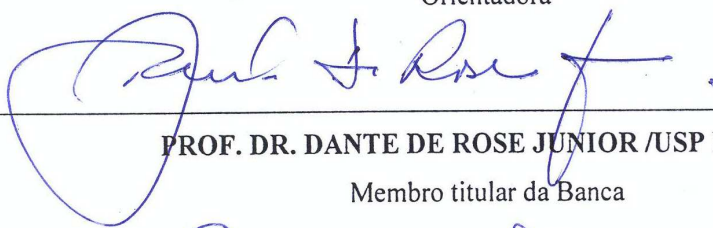
Prof.ª Dr.ª. Maria Beatriz Rocha Ferreira
Orientadora

Campinas
2011

COMISSÃO JULGADORA

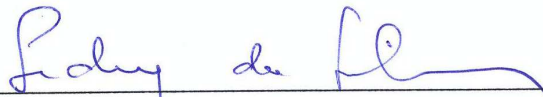
ORIENTADORA: Profª. DRª. MARIA BEATRIZ ROCHA FERREIRA/UNICAMP - FEF

Orientadora



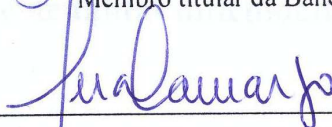
PROF. DR. DANTE DE ROSE JUNIOR /USP LESTE

Membro titular da Banca



PROF. DR. SIDNEY ANTONIO DA SILVA /UFAM

Membro titular da Banca



Profª. DRª. VERA REGINA TOLEDO CAMARGO – UNICAMP - LABJOR

Membro titular da Banca



Profª. DRª. MARTA MARIA DO AMARAL /UNICAMP - NEPO

Membro titular da Banca

Dedicatória

**Este trabalho é dedicado a todos nós, latinos americanos, que,
mesmo diante de tantas dificuldades conseguimos sorrir...**

Agradecimentos

A América do Sul, misteriosa, que permitiu desvendar uma pequena parte de seus “filhos”.

Ao Brasil, aos brasileiros, que permitem possibilidades de integração de etnias.

A Faculdade de Educação Física da UNICAMP que me recebeu com muito carinho e apoio em todas as situações necessárias.

A professora Maria Beatriz Rocha Ferreira que acreditou em mim, no trabalho e na possibilidade de efetivação da pesquisa.

Aos professores da banca examinadora Dante, Sidnei, Vera e Marta que muito contribuíram com suas arguições.

A professora Simone Ligabo, revisora do texto, que captou muito bem minhas idéias decifrando as palavras.

Aos meus colegas de trabalho que estão sempre juntos nas empreitadas.

Aos alunos que já tiveram contato comigo em escolas ou faculdades, pois muito aprendi com eles muito mais do que pude ensiná-los.

Aos meus familiares Gislaine, Juliana, Enrico, Guilherme, Junior que entenderam as fases do trabalho respeitando alguns de meus comportamentos explosivos.

Aos meus pais Hilda e Ubirajara que sempre puderam alicerçar meus caminhos pessoais, acadêmicos e profissionais.

**Essa tese é dedicada em especial a uma pessoa que,
onde estiver, está muito orgulhoso de seu filho.**

ALVES, Ubiratan Silva. Imigrantes bolivianos em São Paulo: a Praça *Kantuta* e o Futebol. 2011. 156f. Tese de Doutorado em Educação Física. Faculdade de Educação Física – Programa de Pós Graduação, Universidade Estadual de Campinas, 2011.

RESUMO

A migração para o Brasil tem um marco nos anos 50 quando os bolivianos vieram para estudar através de um intercâmbio Brasil-Bolívia ou ainda por fuga política. Mas a relevância dos movimentos migratórios da América Latina se destaca a partir da década de 70 devido ao processo de industrialização de países como o Brasil, a Argentina e a Venezuela além da fuga de suas respectivas pátrias por divergências políticas. A partir da década de 1980, houve um grande aumento de bolivianos que vinham para o Brasil, mais especificamente para São Paulo, não mais perseguidos por governos autoritários ou com fins apenas acadêmicos, mas sim pessoas com nível escolar baixo em busca de trabalho. O ramo da costura é o de maior atração dos bolivianos, em nível de trabalho na cidade de São Paulo, pois não requer muito estudo, nem tampouco aprendizado. Neste tipo de atividade existe uma rede de contratação e aliciamento de mão-de-obra, e os já estabelecidos estimulam os compatriotas a imigrarem para o Brasil. A relação trabalhista existente entre o costureiro e o dono da oficina é extremamente informal; o costureiro ganha normalmente por peça produzida, não há nenhuma segurança nem direito nas leis do Trabalho tornando-os vulneráveis as altas e baixas do mercado bem como da ganância de seus empregadores. Os bolivianos moram e trabalham normalmente nas mesmas oficinas e precisam pagar para o patrão, a máquina de costura onde trabalham, a moradia, água, luz e comida. E acabam endividados e praticamente “presos” as confecções. Os objetivos desta pesquisa foram de estudar os significados da prática do futebol pelos bolivianos na cidade de São Paulo na Praça *Kantuta*, as figurações sociais, as relações de poder, a diferenciação e as redes de interdependência relacionadas a esta prática. O método etnográfico foi usado através de observações, entrevistas e conversas com 72 jogadores de futebol bolivianos da Praça *Kantuta*. Observamos que os jogadores, dirigentes e ‘donos dos times’ formam redes de poder e de interdependência muitas vezes iniciadas em solo boliviano gerando configurações sociais que se expandem além da quadra. Eles, predominantemente, trabalham no ramo da costura e não pretendem retornar a Bolívia enquanto as condições de vida naquele país não forem favoráveis. Muitos deles vivem em condições desumanas e muitas vezes são acometidos por doenças oriundas da costura principalmente relacionadas ao aparelho respiratório por conta da aspiração de pó dos tecidos. Outras enfermidades estão associadas ao sistema músculo-esquelético devido ao grande tempo que ficam sentados em posições de costura. Muitos vivem de forma ilegal, denominados de “indocumentados” correndo riscos de serem pegos e deportados. Muitas vezes são humilhados devido ao estereótipo relacionado ao consumo excessivo de bebidas alcoólicas e tráfico de drogas, construído por outros bolivianos. Admiram muito o futebol brasileiro, têm ídolos brasileiros, torcem por times nacionais e alguns freqüentam estádios. Os que jogam futsal na Praça têm nesta modalidade, a única atividade física no Brasil. De maneira geral se submetem aos “donos” das equipes que normalmente também são os donos das oficinas que trabalham. A quadra, localizada no centro da Praça, é ocupada durante a semana por moradores de rua e cercada por alambrado para dar segurança aos jogadores e espectadores. Este foi retirado recentemente, o que impediu a prática do futsal. O quadro dos Bolivianos em São Paulo é preocupante, tornando-se imprescindível que políticas públicas se atentem a estes imigrantes para projetos de moradia, saúde, educação e esportes. A cultura boliviana deveria ser mais valorizada e lembrada que é oriunda de uma das sociedades mais avançadas para a época que existiu: os Incas.

Palavras-Chaves: Imigrantes Bolivianos; Cidade de São Paulo; Etnografia; Futebol; Praça *Kantuta*.

ALVES, Ubiratan Silva. Bolivian immigrants in Sao Paulo: the Square Kantuta and Football. 2011. 156f. Tese de Doutorado em Educação Física. Faculdade de Educação Física – Programa de Pós Graduação, Universidade Estadual de Campinas, 2011.

ABSTRACT

Migration to Brazil reached a landmark in the 1950s, when Bolivians went to study in a Brazil through a Brazil-Bolivia exchange program. However, from the 1970s, migration in Latin America was related to the industrialization of countries like Brazil, Argentina and Venezuela and to national, political problems. From the 1980s there has been a large increase in Bolivians coming to Sao Paulo, no longer persecuted by authoritarian governments or for academic purposes. They have been people with low educational levels in search of work. The most attractive work activity for the Bolivians is the business of sewing. This activity does not require much study or learning. In this activity there is a network for the hiring and recruitment of manpower where the established Bolivians stimulate their compatriots to immigrate to Brazil. The employment relationship between the fashion designer and the owner of the workshop is very casual (the tailor normally receives payment by the produced piece), with no security or right in the laws governing the CLT (Consolidation of Labor Laws), making it vulnerable to the ups and downs of the market and the greed of the employers. Bolivians live and work normally on the same garments. They need to pay the boss for the sewing machine, housing, water, electricity and food. So, they end up in debt and are virtually ‘stuck’, which means that their employers lock the doors of factories and threaten to call the federal police to deport those who are illegal immigrants. The goals of this research were to study the meanings of soccer, the social figurations, the relations of power, the differentiation and the interdependence network related to this sport practice of the Bolivian immigrants in Sao Paulo at Square *Kantuta*. The ethnographic method was used through the observation, interview and conversations with 72 Bolivian soccer players. We observed that the players, coaches and owner of the team form a power network and social interdependence often started in Bolivia soil. So, the social figuration is beyond the sport court. The players work mainly in the field of sewing and do not intend to return to Bolivia while the living conditions in that country are not favorable. Many live in non-human conditions and are often affected by diseases originating from sewing mainly related to the respiratory system due to the dust extraction of tissues. Other diseases are associated with the musculoskeletal system due to the great time that they sit in positions of sewing. Many of them live illegally, being called “undocumented” at risk of being caught and deported. They are often humiliated because of the stereotype related to excessive consumption of alcoholic and drug trade, build up for other Bolivians. They are greatly admired of the Brazilian soccer and Brazilian idols, they are fan of different Brazilian teams and some of them go to the stadium. Those who played soccer in the square have, in this modality, their only physical activity practice in Brazil. Generally they are under the command the “owners” of teams that are often also the owners of workshops that deal. The sport court located in the center of the square is occupied during the week for the homeless. There was a fence surrounding the court to provide security for players and spectators. It was removed lately, which prevented the practice of soccer. The Bolivian immigrants social picture is worrying. It is essential that public policies should be developed regarding housing projects, health, education and sports for this population. Their culture should be more valued and remembered that came from one of the most advanced society in the past: the Incas.

Keywords: Bolivian Immigrants; City Sao Paulo; Ethnography; Soccer; *Kantuta* Square.

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

FIGURA 1 – Mapa da Bolívia em Departamentos.....	39
GRÁFICO 1 – Idade dos sujeitos.....	102
GRÁFICO 2 - Período de tempo em que os sujeitos estão no Brasil.....	102
GRÁFICO 3 - Profissão dos sujeitos.....	141
GRÁFICO 4 - Motivos da vinda dos sujeitos ao Brasil.....	141
GRÁFICO 5 - Situação dos sujeitos relativa aos estudos.....	143
GRÁFICO 6 - Preferência de time de futebol brasileiro.....	148
GRÁFICO 7 - Preferência de time de futebol boliviano.....	148
GRÁFICO 8 – Conselho para amigos ou parentes virem ou não ao Brasil.....	163

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Diferenças entre futebol de campo e futsal.....	87
QUADRO 2 – Eventos e datas comemorativas do calendário boliviano adaptado.....	110
QUADRO 3 – Comparação entre o futebol no Brasil e na Bolívia.....	150
QUADRO 4 – Preferências entre o Futebol de Campo e o Futsal.....	160
QUADRO 5 – Desejos dos bolivianos no Brasil.....	161

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	21
i. Os objetivos.....	28
ii. Estrutura do trabalho.....	29
 CAPÍTULO 1 - BRASIL, BOLÍVIA E MIGRAÇÃO: RELAÇÕES.....	 31
1.1- A migração no Brasil.....	34
1.2- Bolívia: fonte da pesquisa.....	36
1.2.1- A fuga da Bolívia.....	45
 CAPÍTULO 2 - OS CAMINHOS DA PESQUISA.....	 51
2.1- Metodologia.....	53
 CAPÍTULO 3 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	 57
3.1- Etnografia.....	68
3.2- Figuração, Redes e Poder.....	73
3.3- Lazer.....	77
3.4-Futebol: fenômeno mundial.....	81
3.4.1- Futsal: esporte novo.....	86
3.4.1.1- Futsal no Brasil.....	89

3.4.1.2- Futsal na Bolívia.....	90
CAPÍTULO 4 - OS BOLIVIANOS E A PRAÇA KANTUTA.....	91
4.1- Praça <i>Kantuta</i> : local da produção de conhecimento.....	91
4.1.1- A Praça é nossa!	96
4.2- Os sujeitos da Praça.....	101
4.3- As organizações dos “ <i>hermanos</i> ”	104
4.3.1– Festas típicas: crenças e tradições.....	109
4.4- De mãos dadas com Marcel Mauss.....	117
CAPÍTULO 5 - OS BOLIVIANOS E O FUTEBOL.....	139
5.1- Os atores/jogadores de futebol.....	139
ENTRELAÇAMENTOS FINAIS.....	167
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	181
ANEXO 1.....	189
ANEXO 2.....	191

INTRODUÇÃO

Ao decidir pesquisar determinado tema, não é possível, somente com os primeiros contatos, prever o que vamos encontrar, até por conta das nossas curiosidades que afloram diante do desconhecido. Pode existir uma distância entre os pontos teóricos daquilo que se pretende estudar e os interesses dos grupos que serão investigados. Em razão disso, de acordo com Edward Evans-Pritchard (2005), faz-se necessário, em um trabalho de campo, um aprofundamento teórico em Antropologia, mais especificamente em Etnografia, para subsidiar as observações e a escolhas daquilo que será estudado a fim de orientar e direcionar os procedimentos.

A cidade de São Paulo, como qualquer grande centro urbano, sempre oferece a seus moradores e visitantes algo de novo e surpreendente. Em parte, esse contexto se deve à intensa e diversificada quantidade de culturas e pessoas que chegam à metrópole pelos mais diversos motivos, ficam nela e modificam as estruturas urbanas. Essas mudanças não são planejadas, tampouco podem ser previstas, pois, segundo Elias (1994a), não existe um marco inicial, um ponto “zero” nas mudanças. O que existe é um processo que culmina, em algum momento, em transformações explicitadas, parecendo que apenas ocorreram a partir de um determinado período. O autor ainda revela que tudo está em processo e em movimento, que cada um faz parte do processo, ou, ainda, que somos o processo.

Tais processos acontecem em São Paulo há muito tempo, como nos mostra Hall (2004). Em 1893, a cidade já apresentava uma grande variedade de sotaques e tradições, e naquele ano 54,6% da população paulistana era estrangeira. Entretanto, há uma mudança no contexto a partir de 1950 quando a cidade de São Paulo passa a abrigar mais migrantes de outras regiões brasileiras do que estrangeiros, conforme Durham (2004).

Atitudes preconceituosas relacionadas à cultura entre os indivíduos se tornam, então, quase que inevitáveis na população. O juízo preconcebido, normalmente manifestado por meio de atitudes discriminatórias, pode ser endereçado não apenas a indivíduos, mas também a lugares e tradições, a exemplo de vestimentas e comportamentos, quando parecem ser

“estranhos” ou muito diferentes daqueles costumeiramente presenciados. Essa atitude também costuma indicar certo preconceito contra indivíduos e comportamentos, em razão de serem diferentes do que se estipulou ser o padrão.

O preconceito normalmente ocorre pela generalização superficial ou pela falta de entendimento sobre a cultura do outro que pode ser chamada de estereótipo. Como exemplo relacionando as várias etnias aglomeradas em São Paulo, pode-se deparar com frases como: “todos os alemães são prepotentes”, “todos os americanos/argentinos são arrogantes”, “todos os ingleses são frios”, “todos os baianos são preguiçosos”, “todos os paulistas são metidos” e, ainda, “todos os bolivianos são sujos, traficantes e ladrões!”.

Essas atitudes preconceituosas se tornaram constantes na grande metrópole quando do encontro de diferentes indivíduos e culturas. O desconhecido passa a ser algo que deve ser evitado, rejeitado antes mesmo de se saber o que realmente é, pois tudo que é estranho aos padrões culturais vigentes se apresenta como uma ameaça ou como algo “diabólico”, nas palavras de Silva (2005c).

Ao caminhar pelas ruas da cidade de São Paulo, observam-se grupos de indivíduos com características físicas muito distintas dos padrões das pessoas que frequentemente vivem nessa metrópole. Com vestimentas e posturas peculiares, destacavam-se – e ainda se destacam – pelas próprias características de seus rostos e pela cor de pele.

Quanto aos bolivianos, supunha-se serem latinos de descendência indígena. Esses indivíduos, que, há algum tempo, se limitavam a circular em algumas regiões da cidade, circulam por todos os bairros e já fazem parte do cotidiano urbano.

As diferenças entre os padrões físicos dos bolivianos e os dos paulistanos têm explicação nos estudos de Mauss (2003, p. 401) quando o autor se refere a “Técnicas Corporais”, presumindo que são: “as maneiras como os homens, sociedade por sociedade, e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos”. Dessa forma, uma pequena ação ou um pequeno gesto podem traduzir com clareza certos elementos culturais aprendidos pelo indivíduo dentro de sua comunidade, ou mesmo fora dela, como é o caso dos bolivianos em São Paulo. As técnicas corporais se encaixam, assim, em um sistema de montagens simbólicas.

Os bolivianos e tantos outros imigrantes e migrantes praticamente já fazem parte da cidade, e é ingenuidade negar tal realidade. As questões relativas a indivíduo e sociedade

são esclarecidas em Elias (1994a) nas bases da teoria figuracional. Considerando-se essa teoria, é possível entender as teias de relações entre indivíduos interdependentes que se ligam entre si, fornecendo um instrumento conceitual que visa compreender que somos seres relacionais e vivemos em interdependência. Assim, paulistanos e bolivianos, além de outros imigrantes, formam uma grande rede de inter-relações e relações de poder que constituem a sociedade atual.

Concordamos, então, com Elias (1994a, p. 13) quando diz que a sociedade só existe porque:

“existe um grande número de pessoas, só continua a funcionar porque muitas pessoas, isoladamente, querem e fazem certas coisas, e no entanto sua estrutura e suas grandes transformações históricas independem, claramente, das intenções de qualquer pessoa em particular”.

Em geral, as pesquisas brotam das inquietações dos pesquisadores. Em razão da inquietação causada pela presença e pelo modo de viver dos bolivianos em São Paulo, começamos a buscar informações sobre esse povo, como vivem, o que fazem, suas expectativas e outras informações que pudessem ajudar a entender melhor a estada deles na cidade. Descobrimos, então, um ponto de encontro desses grupos, a Praça *Kantuta*, localizada na cidade de São Paulo, no bairro do Canindé.

Nessa praça, diferentes grupos hispânicos se reúnem aos domingos para recordar, por meio de comidas típicas, músicas, futebol e barracas de artesanatos com objetos de suas terras, as raízes que ficam a muitos quilômetros de São Paulo. Especificamente nesse local, há o predomínio de bolivianos sobre outras nacionalidades, o que nos despertou curiosidade em relação aos comportamentos desses indivíduos.

O interesse específico em estudar os aspectos culturais dos grupos de bolivianos em São Paulo começa, num primeiro momento, de forma visual, apreciando os comportamentos deles nos locais públicos, principalmente quanto à prática do futebol nas quadras espalhadas pelas marginais e pelos parques. Soma-se ainda o contato com reportagens da mídia escrita, internet e televisiva que destacam suas vidas e seus comportamentos na grande metrópole. Há

também o contato que tivemos com o professor Sydnei¹ que fizera pesquisas de mestrado e doutorado, tendo publicado livros e artigos acerca desses grupos.

Entretanto, no meu percurso de vida, o contato com o futebol ocorreu na época de escola quando eu fazia parte das equipes de competições escolares. Muitas foram as vezes que participei de seleções para ingresso em equipes de clubes – todas sem sucesso, diga-se de passagem. O nível solicitado para ingressar nessas equipes era muito distante daquele que eu podia oferecer. Não obstante, essa conjuntura nunca me fez abandonar a prática constante da modalidade, interrompida apenas no fim do colegial (atual ensino médio) quando decidi me dedicar mais aos estudos para ingressar no ensino superior e, obviamente por esse histórico, num curso de Educação Física.

A primeira tentativa de ingresso imediatamente após o término do ensino médio foi frustrada, o que nos levou a buscar estudos num cursinho pré-vestibular e, assim, diminuir mais ainda a prática do futebol. A dedicação foi coroada com ingresso numa das faculdades mais conceituadas do país nessa área: a Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo, hoje Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo.

O destino, entretanto, quis que esses estudos também fossem interrompidos logo no seu início quando fui chamado para servir ao Exército brasileiro. O retorno à faculdade se deu após o término do tempo de serviço militar.

Na época da graduação, além de atuar no futebol como jogador das equipes universitárias, ainda fiz cursos de arbitragem, o que me aproximou dessa modalidade e me encantou cada vez mais. A Universidade de São Paulo acolhe estudantes de muitas partes do mundo, e, no curso de Educação Física, pude ter contato com colegas latinos, mais especificamente paraguaios e chilenos. Esse contato também despertou interesse em entender questões relativas a países latino-americanos.

Nessa mesma etapa de formação, tive contato com uma modalidade esportiva pouco conhecida na época aqui no Brasil, o badminton. Esse esporte me encantou e despertou em mim um desejo incontinente de praticá-lo diariamente, levando-me a alçar voos altos (que eu gostaria que fossem no futebol) com uma convocação para a Seleção Brasileira, em 1990. Eu,

¹ O Prof. Dr. Sidney Antonio da Silva, atualmente docente da Universidade Federal do Amazonas, fez dissertação de mestrado e tese de doutorado na área de Antropologia estudando os bolivianos.

com muito orgulho, fazia parte do seletor grupo que, em qualquer modalidade esportiva, representa seu país internacionalmente.

A prática dessa modalidade em alto nível também me colocou em contato com povos latinos nas competições internacionais. O Peru é um país que tem esse esporte bem desenvolvido, e, além de peruanos, pude ter contato com argentinos, uruguaios e chilenos. Com os compromissos profissionais e acadêmicos tomando espaço no dia a dia, passei a praticar o badminton de forma menos intensa, o que ocorre até hoje, ao manter contatos constantes com praticantes da América do Sul.

Todo aluno que ingressa numa faculdade de Educação Física (ou de qualquer outra área) leva consigo um grande sonho na futura profissão. O meu, em consequência da minha trajetória frustrada como jogador de futebol, era ser técnico de futebol. Todavia, os descaminhos que existem acerca dessa modalidade só me deram o prazer de realizar meu sonho oito anos depois de formado, quando fui dirigir uma equipe feminina de futsal do São Paulo Futebol Clube. Permaneci nessa função de técnico durante dois anos e pude vivenciar os sabores e os dissabores existentes no esporte de competição em alto nível no Brasil.

A trajetória profissional ainda incluiu atuações como professor de Educação Física em escolas públicas e privadas, instrutor de academias de ginástica, avaliador físico, recreacionista e técnico esportivo de outras modalidades. Desde 1998, divido com muita serenidade minhas intervenções profissionais com a docência no ensino superior, pois a bagagem prática me permite desenvolver excelentes discussões com os alunos de graduação.

Este novo desafio me fez rever conceitos e buscar novos horizontes de estudos. O caminho para se chegar aos referenciais da Antropologia no curso de doutorado teve um pedágio no mestrado na área de Psicologia em 2001, em que pesquisei e discuti grandes questões acerca das inteligências, suas múltiplas possibilidades e seus múltiplos conceitos, principalmente no âmbito escolar. Essa pesquisa abriu contato com possibilidades de discussões relativas a diferenças entre os indivíduos.

Essa pesquisa da dissertação resultou em um livro intitulado *Inteligências: percepções, identificações e teorias*, publicado pela Vetor editora, em 2001.

Até hoje, frequento estádios, campinhos e quadras para apreciar práticas esportivas. O que me encantava antes, a emoção e o envolvimento com o espetáculo, já não tinha

mais espaço nas minhas idas aos jogos. O que passou a me deixar fascinado foi justamente o que estava além dos olhares do que todos iam ver, ou seja, as atitudes e os gestos dos jogadores, as reações das torcidas, as posturas dos árbitros, as maneiras de atuação dos técnicos, os trejeitos dos gandulas, as rimas dos vendedores, as estratégias dos cambistas. Enfim, comecei a me deixar seduzir por aquilo que compõe o espetáculo, por aquilo que vai além do próprio jogo de futebol dentro das quatro linhas. Essa nova lupa utilizada para apreciar o futebol nos deu oportunidade de escrever alguns textos e publicar trabalhos acerca da modalidade².

Meus primeiros contatos profundos com a Antropologia tiveram início na participação como ouvinte na defesa de tese de alguns colegas no início da década de 2000. Esses primeiros contatos me levaram a buscar participação no Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura (GEPEFIC), orientado pelo Prof. Dr. Jocimar Daolio da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Esse grupo de estudos com suas discussões antropológicas fortaleceram meus interesses pelas pesquisas de grupos sociais, especificamente o dos bolivianos em São Paulo.

Depois de algum tempo, fui apresentado à minha orientadora, Prof^a Dr^a Maria Beatriz Rocha Ferreira, a quem pude expor minhas ideias e, assim, tentar viabilizar um trabalho dentro dos meus interesses, bem como das possibilidades de orientação dela. Após algumas conversas e alguns encontros, chegamos em comum acordo ao tema, o que me fez ingressar no Laboratório de Antropologia Bio-Cultural de responsabilidade da referida professora. Percebi que, na instituição à qual estamos vinculados, a opção por essa linha de pesquisa parece ganhar cada vez mais fôlego e tradição, até mesmo dentro da área da Educação Física.

Por sua relevância e sua originalidade no âmbito das pesquisas em Educação Física, esta Tese foi viável por algumas razões, como o estreitamento de contato de maneira muito amigável entre os grupos de bolivianos e o pesquisador, por meio da Igreja Nossa Senhora

² ALVES, U. S. e BELLO, N. (2008). *Futsal: conceitos modernos*. São Paulo: Phorte Editora.

ALVES, U. S. (2007). "Futebol nas Escolas: Conteúdos e Didática". I Congresso Nacional de Educação Física, Saúde e Cultura Corporal, UFPE, Recife.

ALVES, U. S. (2006). "Futebol de Salão: Versão Brasileira X Versão Uruguaia". 4º Congresso Científico Latino-Americano de Educação Física, 2º Congresso Latino-Americano de Motricidade Humana, Piracicaba.

ALVES, U. S. e ANGELO, M. M. (2007). "As letras Gregas e as Ações Coletivas no Futsal". 11º Congresso Paulista de Educação Física. Jundiaí: Editora Fontoura.

ALVES, U. S. (2003). "Futsal: histórico e implicações". *Revista de Educação Física da Cidade de São Paulo*, São Paulo, v. 3, p. 41-48

ALVES, U. S. (2001). "A hora certa de começar". *Revista de Educação Física da Cidade de São Paulo*, São Paulo, n. 1, v. 1, p. 71-79.

da Paz³ que os acolhe. Além disso, a entidade organizadora da feira dominical que ocorre na Praça *Kantuta*, a Associação Gastronômica e Cultural Padre Bento, recebeu o pesquisador de forma muito amistosa ao entender a proposta desta pesquisa, o que o levou a estar presente por vários domingos ajudando no que fosse preciso, além de observando e pesquisando como aconteciam as relações entre eles.

O tema – entender, com base no futebol praticado por uma população, as configurações formadas por ela –, por ser novo e abrangente, tem o tempo como um fator limitador de discussões mais amplas. Os jogadores de futebol bolivianos na Praça *Kantuta* têm uma organização estabelecida há dez anos, e poucos estudos desses grupos foram realizados. Soma-se ainda o fato de que, em todo momento, se multiplicam e se renovam os grupos de bolivianos no local, tendo gerado as recentes mudanças nas relações com o novo país, visto que a chegada desses imigrantes é uma constante diária na cidade.

Entretanto, o futebol é um facilitador de integração entre indivíduos e sociedades, tendo como explicação o simbolismo cosmológico apresentado por um poeta do século II a.C. citado na obra de Franco (2007, p. 15), mostrando que a: “A bola é redonda e o terreno quadrado como o Céu e a Terra. A bola sobrevoa como o Sol enquanto as duas equipes se enfrentam”. Esse evento causa certo fascínio às pessoas ao entrar em contato com este objeto de desejo chamado de bola⁴. Ademais, por ser uma das grandes instituições culturais, o futebol forma e consolida identidades nacionais no mundo inteiro, aponta Giulianotti (2002).

O futebol, como um fenômeno cultural, não necessita ser destacado por suas especificidades, isto é, não interessa se nos referimos a futebol de campo, de praia ou futsal. A despeito disso, foi da prática especificamente do futsal que buscamos as informações desta pesquisa, até porque a quadra localizada na praça onde coletamos as informações é de futsal, ou seja, os bolivianos estudados são jogadores dessa modalidade.

É importante ressaltar a necessidade de se desenvolverem trabalhos, estudos e pesquisas sobre essa temática. Com a abertura das fronteiras principalmente entre países latino-

³ A Igreja Nossa Senhora da Paz, situada na Rua do Glicério, 225, em São Paulo, abriga o CEM – Centro de Estudos Migratórios (Rua Vasco Pereira, 55 – Liberdade – CEP: 01514-030 São Paulo / SP – Fone / Fax: (0xx11) 3208.6227 – www.cemsp.com.br). O CEM publica a *Travessia – Revista do Migrante*. Essa igreja acolhe os migrantes que chegam a São Paulo sem referências.

⁴ Armando Nogueira (*in* Garamond, 2002, p. 12) afirma que a bola é um: “Brinquedo mágico que se submete suavemente à vontade do homem”.

americanos, a tendência é de cada vez mais os países terem em seus territórios imigrantes diversos.

i. Os objetivos

Esta pesquisa optou pelo futebol como o grande desencadeador das discussões. Ao buscar entender o significado do futebol praticado pelos bolivianos em São Paulo na Praça *Kantuta*, a dimensão da pesquisa se ampliou, dando maior ênfase às configurações existentes na própria praça como um local onde se reproduz a cultura boliviana, não como uma cópia do original, mas sim com ressignificações numa cidade cosmopolita como é São Paulo.

A Etnografia nos levou a repensar os objetivos iniciais da pesquisa atrelados ao futebol, fazendo que redimensionássemos o objeto do estudo para a própria praça como a expressão das configurações existentes entre os bolivianos. O futebol está imbricado nas relações sociais dessas configurações da praça.

À medida que a pesquisa foi avançando, ficaram mais claras as redes de interdependência existentes entre os atores/jogadores, os empregadores, a associação e os frequentadores da praça. Se, por um lado, o futebol foi a porta de entrada das nossas preocupações para se chegar aos sujeitos da pesquisa, a modalidade se mostra, por outro lado, imbricada nas relações das redes como um aspecto importante desse contexto, propiciando momentos de lazer e de prática de atividade física dos bolivianos.

A preocupação principal é saber como acontecem as redes de negociações, as figurações, o poder, a diferenciação, as redes de interdependências entre os bolivianos praticantes do futebol em São Paulo. O que pode estar acontecendo, além dessa prática, entre as equipes, os organizadores, os políticos, os empresários e aqueles que apenas assistem aos jogos? A prática do futebol pelos bolivianos na cidade de São Paulo pode estar refletindo um tempo e um espaço de construção de novas identidades.

Estabelecido o quadro, os objetivos para realização deste trabalho são assim destacados:

- [1] estudar os significados da prática do futebol pelos bolivianos na cidade de São Paulo na Praça *Kantuta*;
- [2] estudar as figurações sociais, as relações de poder, a diferenciação e as redes de interdependência relacionadas à prática do futebol na Praça *Kantuta*.

ii. Estrutura do trabalho

A introdução, como vimos, apresenta uma breve contextualização deste trabalho, um resumo da vida profissional e acadêmica do pesquisador e, na sequência, os objetivos desta pesquisa.

O capítulo 1 discute questões relacionadas à Bolívia como país e alguns de seus principais aspectos. Além disso, abrimos uma discussão acerca da imigração e, mais especificamente, do fluxo de imigrantes bolivianos que vêm ao Brasil.

O capítulo 2 mostra os caminhos que levaram o pesquisador a chegar aos locais e às pessoas sujeitos da pesquisa. Na segunda parte, apresenta-se a metodologia.

O capítulo 3, que fundamenta teoricamente a pesquisa, foi construído com base em teorias sobre os principais assuntos do trabalho: etnografia, figuração, redes, poder, lazer e futebol. Essa parte tem sustentação principalmente em Norbert Elias.

O capítulo 4 apresenta alguns resultados da pesquisa e as discussões baseadas na Praça *Kantuta*, nos sujeitos da pesquisa, em suas organizações formais e festas. Além disso, Marcel Mauss tem destaque como referência de alguns resultados.

O capítulo 5 mostra outros resultados da pesquisa e as discussões a partir da prática do futebol pelos bolivianos na Praça *Kantuta*.

O último capítulo faz um entrelaçamento dos resultados, das ideias e das reflexões construídas durante a pesquisa.

Após as referências bibliográficas, há um anexo no qual se apresenta o roteiro de conversa com os sujeitos da pesquisa utilizado pelo pesquisador na coleta de dados.

CAPÍTULO 1

BRASIL, BOLÍVIA E MIGRAÇÃO: RELAÇÕES

Os primeiros habitantes da nossa terra, antes da chegada dos “descobridores”, somavam 4 milhões, aponta Holanda (2003). Eles, verdadeiros “donos” da terra, tinham religiões, idiomas, organizações e muitas culturas. O Brasil, antes da chegada dos imigrantes, já estava habitado, e aqueles que aqui chegaram tentaram impor aos habitantes locais alguns de seus costumes e hábitos.

Não obstante, de acordo com o mesmo autor, a maioria dos grupos de indivíduos que viviam à margem do Atlântico e dos rios fugiram para dentro das matas para que não fossem escravizados. Esse fenômeno pode ser considerado o primeiro grande êxodo de migrantes internos ocorrido no Brasil.

Somado a esse acontecimento, a ganância dos colonizadores diante das riquezas da nossa terra trouxe cerca de 4 milhões de africanos. Eles vieram como mão de obra escrava e barata, constituindo, assim, de acordo com Souza (2000), o segundo grande êxodo (forçado) de migrantes.

Com o passar do tempo, veio a lei de libertação dos escravos em 1888, substituindo-se o povo africano pelos imigrantes europeus, principalmente italianos, alemães e poloneses, que, em poucas décadas, somavam 4 milhões de pessoas. As principais funções desses europeus foram o trabalho na monocultura do café e o trabalho na insipiente industrialização urbana. Vale ressaltar que, nesse processo migratório, houve subsídio, acompanhamento e orientação política do Estado. Os imigrantes recebiam, ao desembarcar, uma estrutura mínima com sementes e ferramentas para iniciar a nova vida, mostra Holanda (2003), tendo sido considerados pessoas importantes para o desenvolvimento e a construção da América.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, além de europeus e japoneses, Abreu (1999) afirma que novos grupos de imigrantes passam a chegar ao Brasil, como é o caso dos coreanos e dos oriundos dos países árabes.

Em relação à América do Sul, comandada por vários regimes ditatoriais nas décadas de 1960 e de 1970, indivíduos residentes em países limítrofes com o Brasil atravessaram a fronteira para fugir da morte e defender suas vidas. Foi o caso principalmente de paraguaios, chilenos, argentinos, uruguaios, peruanos e bolivianos, indica Abreu.

Por sua vez, os brasileiros também fizeram e ainda fazem saídas do país. Na década de 1980, os Estados Unidos e o Canadá foram grandes locais de chegada dos brasileiros, além do Japão e de alguns países da Europa. Conforme Fusco (2008), acredita-se que hoje existam por volta de 5 milhões de brasileiros em outros países, o que nos leva a crer que o Brasil também “expulsa seus filhos” por motivos iguais aos que trazem os imigrantes ao nosso país.

Segundo Martins e Vanalli (2001), enquanto os primeiros imigrantes eram considerados pessoas importantes que vieram para ajudar o Brasil, hoje “eles” são considerados inimigos e terroristas que causam problema social, tornando-se indesejados e sendo muitas vezes discriminados. Somado a isso, sofrem rejeição e abandono, o que consequentemente os faz sentirem medo e solidão, em razão da forma pela qual parte da sociedade os vê.

Assim, o preconceito, por ser um juízo preconcebido, que pode se manifestar em forma de atitudes de discriminação em relação às pessoas, aos lugares ou às tradições considerados diferentes ou estranhos, se faz presente em muitas situações no dia a dia da cidade de São Paulo entre os paulistanos e os migrantes e imigrantes. Essas atitudes explicitam um desconhecimento das pessoas ou dos grupos e de suas atitudes, o qual se manifesta em preconceito.

Diante dessas conjunturas, vemos um fortalecimento de políticas anti-imigrantes expressas pela construção de muros físicos e psicológicos. Além disso, Fusco identifica a militarização das fronteiras, a criminalização das migrações, os maus-tratos cometidos pelos agentes e pelas autoridades migratórias, a violação dos Direitos Humanos por meio de perseguição, multas, detenções, deportações e leis migratórias restritivas claramente com características de segurança nacional, repressivas e xenófobas.

Não há como deixar de reconhecer que a contribuição dos emigrantes para os países receptores e para o país de onde provêm tem sido bastante expressiva. Além de contribuírem para a circulação de divisas, colaboram também para a diversificação cultural e a integração dos povos. Diante de tal constatação, e, apesar da tendência mundial de discriminar

imigrantes especialmente por razões políticas e culturais, agravadas pelo medo do terrorismo internacional, Martins e Vanalli (2001) mostram que o fenômeno migratório não pode ser ignorado, nomeadamente do ponto de vista econômico e cultural.

O processo de imigração, conforme Martins (2004), é extremamente atual e dinâmico. O afluxo de imigrantes é constante, apresentando sempre novas configurações e desafios.

Todavia ressaltamos que, se no passado os imigrantes eram bem-vindos para substituir a mão de obra escrava ou para tornar “mais branca” a nação brasileira, há reservas na aceitação deles hoje, ocorrendo muitas vezes retaliação antes mesmo de atingirem seus destinos.

Só é bem-vindo ao país atualmente quem aporta com tecnologias ou mão de obra especializada. No entanto, o sonho de alcançar uma vida mais digna para si e para seus filhos é comum a todos eles, verificou Silva (2008).

1.1- A migração no Brasil

A partir de 1934 foram estabelecidas cotas para os imigrantes desde que fossem “brancos”, pois o que estava em jogo era a própria constituição étnica da nação brasileira que deveria ser composta por brancos afiliados de uma herança cultural lusitana. Um desdobramento desse fato ocorre no governo de Getúlio Vargas com a campanha de nacionalização e uma política nacionalista proibindo o uso de línguas estrangeiras nas escolas técnicas. Soma-se a isso uma intervenção nas associações comunitárias, proibindo que estrangeiros fizessem uso de sua própria língua materna, salienta Seyferth (2004).

Ainda em relação à língua, antes disso, Guimarães (2000) destaca que tínhamos a população brasileira formada predominantemente por índios. Nosso país recebeu um grande contingente de portugueses e de escravos negros, fazendo o espaço linguístico brasileiro incluir a relação das línguas oriundas da África. Com o aumento do número de portugueses, houve

também um crescimento do número de falantes específicos do português com dialetos diferentes que vinham de diferentes regiões de Portugal.

Diante de tal fato, o mesmo autor mostra que duas atitudes são tomadas pela Metrópole para tornar o português a língua mais falada do Brasil: primeiramente houve a proibição do uso da língua geral nas escolas, e, em segunda instância, por iniciativa do Marquês de Pombal, proibiu-se o uso na colônia. Essas ações, somadas ao aumento da população de portugueses no Brasil, colaboraram para o declínio da língua geral. A língua portuguesa, que já era a língua oficial do Estado, passa a ser a mais falada no Brasil.

A terceira fase, de acordo com Guimarães (2000), começa com a vinda da família real, em 1808, e termina em 1826 quando se formula a questão da língua nacional no parlamento brasileiro. A vinda da realeza acarreta um aumento da população lusitana e uma transformação do Rio de Janeiro em capital do Império, o que traz novos aspectos para as relações sociais e linguísticas.

Alguns brasileiros ainda teimam em acreditar que o Brasil é um país de “brancos”. Dornelas (2008) nos mostra que essa inverdade fez que parte da população que queria torná-la verídica valorizasse a imigração europeia e asiática, denegrindo a imigração da América Latina, vista como de “periferia” por ser indígena e negra.

O governo brasileiro deve se dar conta de que, nas relações de imigração internacional, não é apenas a quantidade de dinheiro que sai do país ou entra no país que necessita ser fiscalizada, mas também a maneira pela qual os brasileiros recebem e tratam os imigrantes em território nacional. Depois do “11 de Setembro”, o mundo está mais alerta em relação a estrangeiros. Concordamos com Pereira (1996) ao ressaltar que a história da humanidade se assemelha à construção e à desconstrução do etnocentrismo, segundo o qual os povos se fecham e se abrem aos chamados de “diferentes”, surgindo ações de múltiplos fatores sociais, culturais e políticos entre outros.

O estatuto do estrangeiro foi criado em 1980 com uma preocupação “policial” e nacionalista que tentava, na verdade, dificultar a entrada de imigrantes pobres ou com pouca qualificação, principalmente oriundos da América Latina e da África. Essa situação gerou o nascimento de uma figura chamada de “indocumentado” que são imigrantes ilegais, sem registro algum no país.

O “indocumentado”, seja ele de onde for, tem cerceados seus direitos para o exercício da cidadania. Além disso, aponta Dornelas (2008), principalmente os mais pobres sofrem com a discriminação oriunda da sua condição social, étnica e cultural.

No caso dos bolivianos, a associação entre a pobreza, a origem étnica (indígena), a falsa ideia de “falta de cultura” e a ausência de documentação somam-se para composição do perfil desses indivíduos por parte daqueles que desconhecem suas origens, suas dificuldades na cidade de São Paulo e suas contribuições econômicas e culturais para o país.

A experiência da imigração, por um lado, foi positiva não só para muitos imigrantes, mas também para o desenvolvimento socioeconômico e cultural do país. Não obstante, os ádvenas passaram por muitas dificuldades e ainda passam até hoje, algumas delas indicadas por Jannuzzi (2000), como a exploração da mão de obra, o isolamento, a discriminação, o cerceamento de direitos, a negação das diferenças culturais, entre outras.

As matrizes que formaram a nossa cultura, oriundas dos povos indígenas, africanos e europeus, de acordo com Holanda (2003), precisam ser lembradas para que se inicie um processo de desconstrução dos preconceitos que ainda estão presentes na nossa população. Procurar entender os processos de reapropriação e ressignificação de elementos culturais realizados pelos negros e mestiços no Brasil, e pelos indígenas e *cholos* da América Hispânica, segundo Silva (2005a), é o primeiro passo para que o diálogo entre as culturas abra um caminho de aproximação e intercâmbio entre brasileiros e bolivianos, capaz de vencer preconceitos e etnocentrismos que são tão aviltantes e empobrecedores.

1.2- Bolívia: fonte da pesquisa



(Disponível em: <http://formigueiroap.blogspot.com/2008_04_27_archive.html>. Acesso em: 14 nov. 2010)

Visto que os sujeitos desta pesquisa têm origem boliviana, achamos relevante apresentar algumas considerações a respeito da Bolívia. Para tentar confirmar a lenda da existência de uma terra rica em ouro chamada de *Biru*, de acordo com Cortes (2008), os espanhóis Francisco Pizarro, Diego de Almagro e Hernando de Luque navegaram ao longo da costa do Pacífico, partindo do atual Panamá, chegando pela primeira vez a território boliviano em 1524.

Em Klein (1991), vimos que a independência foi proclamada em 1809, mas 16 anos de luta se seguiram antes do estabelecimento da República, nomeada em homenagem a Simón Bolívar (conhecido como *libertador*, apesar de ter nascido em solo venezuelano, em Caracas, em 1783). De acordo com a Enciclopédia Católica de 1907, “Bolívia [...] se tornou uma república autônoma em 6 de agosto de 1825”. Bolívar torna-se o primeiro presidente do novo país.

A Bolívia participou de guerras como a do Pacífico (1879-1884) e, além do acesso ao Oceano Pacífico, perdeu seu litoral e seus campos ricos em nitrato para o Chile, como mostra Andrade (2000). O Chile tomou 350 quilômetros de território costeiro, deixando a Bolívia sem a saída ao mar. Mesmo assim, o Chile tentou compensar a Bolívia com um *ferro carril* desde Antofagasta até Oruro e uma exceção de taxas portuárias sobre as exportações. Os bolivianos não aceitaram essa situação e aproveitam toda oportunidade para pedir novamente uma saída ao mar.

Ainda hoje o governo boliviano usa esse problema quando deseja unir o povo por uma causa comum.

Em 1903, o mesmo autor aponta que, após conflito com seringueiros brasileiros, os bolivianos venderam para o Brasil o atual estado do Acre, quando o governo da Bolívia lavrou com o governo brasileiro o Tratado de Petrópolis, assinado em 17 de novembro de 1903. Esse tratado dava posse das terras e florestas do Acre definitivamente ao Brasil, em troca de terras do Mato Grosso e em troca do pagamento de 2 milhões de libras esterlinas. Além disso, estabeleceu-se o compromisso de construir uma ferrovia que superasse o trecho encachoeirado do Rio Madeira e que possibilitasse o acesso das mercadorias bolivianas (a borracha era a principal mercadoria) aos portos brasileiros do Atlântico (inicialmente Belém do Pará, na foz do Rio Amazonas).

Outra guerra é deflagrada na região entre bolivianos e paraguaios ao ser descoberto petróleo no sopé dos Andes. Denominada Guerra do *Chaco* (1932-1935), mais uma vez a Bolívia é derrotada e perde o território para o Paraguai. Nessa guerra, de acordo com Bandeira (1998), nem o Paraguai conseguiu capturar a zona do petróleo, nem a Bolívia pôde expandir seu território até às margens do Rio Paraguai. Consequentemente, os grandes vencedores desse conflito foram o Brasil e a Argentina, pois firmaram os tratados de vinculação ferroviária, Santa Cruz de la Sierra-Corumbá e Santa Cruz de la Sierra-Yacuiba. Brasil e Argentina também receberam enormes concessões para explorar aquele petróleo, que, conforme se comprovou, jamais teve grande quantidade comercial.

Generais se sucedem na Presidência até 1982, quando entregam o poder ao presidente eleito dois anos antes, Hernán Siles Zuazo que decreta medidas de austeridade e começa a enfrentar oposição e greves.

A deterioração do sistema político vem levando ao enfraquecimento das forças políticas tradicionais, incluindo os partidos ADN (do ex-presidente Hugo Banzer), MIR (do ex-presidente Jaime Paz Zamora) e MNR (dos ex-presidentes Victor Paz Estenssoro e Gonzalo Sánchez de Losada). Esse enfraquecimento levou ao surgimento de uma confederação de movimentos sociais nativos (MAS), tendo Evo Morales como líder. Nas eleições de dezembro de 2005, Evo Morales e o MAS obtiveram uma vitória esmagadora, atingindo 54% dos votos do

eleitorado. Em 6 de dezembro de 2009, Evo Morales obteve 64,22% e foi reeleito por mais 5 anos de mandato.

A Constituição da Bolívia, que data de 2 de fevereiro de 1967, teve sua revisão em agosto de 1994 e foi referendada em 2008. Contudo, essa longa história de concentração da terra, de dependência da volatilidade imposta aos preços dos minerais para exportação e de hiperinflação colocou a Bolívia entre os países da América Latina com o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) mais baixo, só na frente da Guiana, mas com o mesmo índice.

Essa conjuntura explicita os problemas culturais e raciais que fazem parte até hoje do cotidiano da Bolívia, tendo levado o país a inúmeras revoluções e inúmeros golpes militares. Existem diferentes grupos que vivem na Bolívia, destacando-se os *quéchuas* e os *aimarás*. Existem ainda a população indígena, os mestiços, os brancos e os negros.

A Constituição prevê um sistema equilibrado entre os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. A divisão do país foi feita em 9 departamentos⁵ (mesmo nome em castelhano), que receberam maior autonomia pela lei de Descentralização Administrativa de 1995, embora os principais dirigentes departamentais continuem a ser nomeados pelo governo central.

As principais cidades são La Paz, Sucre, Santa Cruz de la Sierra e Cochabamba. Curiosamente, La Paz e Sucre dividem a legitimidade de serem capital do país. Legalmente desde 1839, Sucre é a capital constitucional boliviana, tendo também a sede da Suprema Corte da Justiça e tornando-se Patrimônio da Humanidade em 1991. Não obstante o governo tem sua sede oficial em La Paz desde 1898.

O mapa a seguir apresenta a divisão da Bolívia feita através de seus 9 departamentos.

⁵ São eles: Chuquisaca, Cochabamba, El Beni (ou apenas Beni); La Paz, Oruro, Pando, Potosí, Santa Cruz e Tarija. Cada departamento está subdividido em províncias, responsáveis por alguns assuntos locais.

FIGURA 1 – Mapa da Bolívia em Departamentos



(Disponível em: < <http://www.seuczar.org/menezes/?p=aecehaer&paged=12>>. Acesso em: 14 nov. 2010)

De acordo com Klein (1991), a Bolívia pode ser dividida em cinco regiões para fins de identificação e localização que são diferenciadas cada uma com um interesse particular: o Planalto, os vales das terras altas, os *Yungas*, o Grande *Chaco* e as selvagens bacias amazônicas e do Paraná. A área total do território é de 1.098.581 km².

O IDH é um dos indicadores adotados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), que leva em conta características sociais, culturais e políticas que influenciam a qualidade de vida da sociedade para medir o desenvolvimento de um país, somando-se aos aspectos econômicos. O índice varia de zero (nenhum desenvolvimento humano) até 1 (desenvolvimento humano total), ou seja, quanto mais próximo de 1 melhor é a posição do país. Desse modo, um país com índice entre 0 e 0,499 é considerado um país de desenvolvimento baixo, subdesenvolvido. Quando o IDH está entre 0,500 e 0,799, o país é considerado de desenvolvimento médio, em desenvolvimento. Se o IDH está entre 0,800 e 0,899, o país é considerado elevado – país de desenvolvimento alto, em desenvolvimento. Finalmente, se o IDH está entre 0,900 e 1, o país é considerado muito elevado, país de desenvolvimento muito alto, desenvolvido.

Com essas informações, vimos, nos dados do relatório de 2009, que a Bolívia ocupa o 113º lugar com o IDH médio de 0,729 (Disponível em: <http://hdr.undp.org/en/media/HDR_2009_PT_Complete.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2010). Na América do Sul, o país está, como dissemos, na frente apenas da Guiana, mas com o mesmo índice. Os demais países da América do Sul obtiveram as seguintes colocações: Chile 44º (0,878), Argentina 49º (0,866), Uruguai 50º (0,865), Venezuela 58º (0,844), Brasil 75º (0,813), Colômbia 77º (0,807), Peru 78º (0,806), Equador 80º (0,806), Suriname 97º (0,769), Paraguai 101º (0,761), Guiana 114º (0,729).

O índice da população boliviana que está abaixo do nível de pobreza chega a 60%, e a taxa de desemprego é de 8%. Esses números têm relação direta com o número elevado de bolivianos que deixam o país por não terem boas condições de vida e vêm para o Brasil.

A Bolívia é um país extremamente rico cultural e fisicamente, havendo lá um verdadeiro paraíso natural. O interesse que oferece a sua história se mistura com as tradições indígenas mais ancestrais, além de atrativos como vulcões com neves perpétuas sobre desertos rochosos no Planalto, os quais se refletem nas águas majestosas do lago *Titicaca*.

Em relação à língua, Aragón (1987) nos mostra que, em território boliviano, existem pelo menos 26 línguas diferentes, subdivididas em 127 dialetos já classificados e outros ainda por serem classificados. Em 1977, uma lei declara que, além do castelhano, o *quéchua* e o *aimará* são línguas oficiais da Bolívia. Estudos de linguistas, em Elias (2005), mostraram que muitas línguas têm estruturas que tornam possível uma assimilação diferente diante de alguns fenômenos.

Em solo boliviano, existem dois grandes grupos de indivíduos, duas categorias sociais: os *camba*, que preservam a cultura oriental, e os *colla*, com a cultura dos Andes. Além das diferenças culturais, como língua, música, tradições, costumes e dança, os *cambas* têm uma aparência física muito comum a todos os ocidentais. Já os *collas* têm semelhança física com índios. Existem brigas entre estes grupos que chegam a extremos físicos com dia e hora marcada para brigar.

Os *cambas* são considerados a parte da população intelectualizada, com estudos e profissões liberais. Já os *collas* são vistos como a parte mais numerosa da população, com baixa instrução. Evo Morales é colla e briga pelos direitos dessa parte da população, até mesmo com

reforma agrária em favor desse grupo. Os *cambas* querem separar a Bolívia nesses dois povos, pois entendem que sustentam a parte “indígena” da população. A maior parte dos *cambas* vive na região de Santa Cruz de la Sierra, e os *collas* vivem na região de La Paz.

Depois de tanta mistura de raça, existem *collas* que não mais têm aparência indígena e *cambas* que a possuem. Entretanto, parece que o biótipo não se faz presente como referencial, mas sim as suas origens que delimitam seus grupos. Essas retaliações existem até no matrimônio. Diz-se ser inviável o casamento entre dois indivíduos desses dois povos diferentes, até porque os *collas* do sexo feminino, ao se casarem, levam seus maridos para morar na casa de seus pais, o que pelos *cambas* não é aceito.

O sujeito 14 da pesquisa vivenciou essa situação pessoalmente, pois, sendo camba, casou-se com uma colla e sofreu muitas retaliações em sua estada na casa da companheira:

“Casei com ela porque ela engravidou. Até que a gente se dava bem, mas o problema era a mãe dela que queria mandar nela e em mim. A gente só podia sair para onde a mãe dela queria que a gente fosse e tínhamos que ficar como irmãos, pois a mãe dela estava sempre olhando e controlando tudo. Chegou uma hora que não aguentei mais e fui embora da casa dela. Agora vivo aqui no Brasil e às vezes falo com meu filho pelo telefone, mas sempre mando dinheiro para ele. Quando vou à Bolívia, vou vê-lo”.

Os sujeitos da pesquisa sinalizaram que, em solo brasileiro, essa diferenciação não é tão explícita como em solo boliviano. O sujeito 19 da pesquisa tenta explicar esses grupos com a seguinte comparação: “Aqui no Brasil os brasileiros têm rixa entre paulistas e cariocas, não têm? Na Bolívia é a mesma coisa entre *cambas* e *collas*.” Ressaltamos que essa comparação não condiz totalmente com a realidade; até mesmo na fala do sujeito 54 da pesquisa, verificamos a magnitude dessas questões: “Os grupos marcam dia, hora e local para se enfrentar com lutas e demonstrarem que são mais fortes e quem manda mais na Bolívia. Parece que não acaba nunca essa briga”.

Um dos principais produtos cultivados em terras bolivianas⁶, o que mais caracterizou sua cultura desde tempos imemoriais, é a folha da coca. As folhas da coca são mastigadas com cinzas de outras plantas, e o suco extraído produz uma sensação de bem-estar

⁶ A Bolívia é o terceiro maior produtor de coca do mundo, perdendo apenas para a Colômbia e o Peru.

que leva a um alto grau de insensibilidade à fome, à fadiga e à dor, além de grande indiferença perante as penúrias e a angústia. Tradicionalmente, as folhas verdes também são mascadas, até como forma de aliviar os efeitos da altitude, em cidades como La Paz, a 3.600 metros do nível do mar.

A coca não pode ser confundida com a cocaína. A “coca legal” é toda a produção de folhas de coca que não são usadas para a fabricação de cocaína (o entorpecente). Dessas folhas se fazem chás e outros produtos alimentícios e farmacêuticos como farinha, xampu, balas e doces entre outros.

Além desse destino, a *coca* é utilizada em rituais religiosos (como no Altar de todos os Santos) e na fabricação de licores, doces e vinhos. Entretanto, é frequente o uso da folha mastigada como um chicle para adaptações à altitude, o que facilita a oxigenação do sangue quando o ar rarefeito parece não fornecer oxigênio suficiente.



Produtos feitos a partir da folha de coca.
 (Disponível em: <<http://portuguese.alibaba.com/product-ifm/coca-leaf-liquor-pisco-made-105588539.html>>;
 <<http://idasevindas.wordpress.com/2007/08/14/nas-alturas/>>;
 <http://www.bazarperu.com.pe/index_envasados.htm>;
 <http://www.montanha.bio.br/coca_inca.htm>. Acesso em: 14 nov. 2010)

Perguntamos ao sujeito 9 da pesquisa sobre a coca, e ele disse: “Muitos bolivianos que usam a folha de coca para mastigar começaram a ter problemas na gengiva, cair os dentes e ter mau hálito. Entretanto, a tradição supera todas essas doenças, pois sempre vemos os velhinhos e as velhinhas mascando coca pelas ruas”.

O preço médio da coca varia entre R\$ 4,00 e R\$ 10,00 um pacote com meio quilo, que representa um grande volume por se tratar de uma folha.

Ressaltamos que a plantação de coca na Bolívia vem aumentando ano a ano até porque o próprio presidente Evo Morales é cocaleiro, ou seja, plantador de coca, e fez sua carreira política entre os plantadores na região do Chapare, lutando contra a erradicação das plantações, fazendo bloqueios em estradas e protestos que ajudaram a derrubar dois presidentes. Em seus discursos, Evo sempre afirma ser a favor da coca e contra a cocaína. Em números, a coca plantada na Bolívia que é processada chega à marca de 113 toneladas por ano.



Evo Morales, atual presidente da Bolívia.
(Disponível em: <http://cafeholandes.blogspot.com/2010/07/plantao-do-cafe_29.html>. Acesso em: 14 nov. 2010)

Num dos domingos em que estávamos na feira da Praça *Kantuta*, tivemos oportunidade de conversar com uma senhora boliviana, mãe de um dos feirantes, que estava de visita ao Brasil. A senhora entendia pouco a língua portuguesa e a todo momento abria um pequeno saco de plástico e tirava algo que punha na boca. Perguntei o que era ao feirante, e ele me disse que eram folhas de coca que ela havia trazido e que mascava o dia todo. Sem muita cerimônia, ofereceu-me e eu aceitei. Passei boas horas mascando a folha na feira com uma espécie de “pedra” feita de banana para adocicar a folha.

Outra grande fonte de renda da Bolívia vem da própria natureza, da extração de gás natural. Mesmo com os conflitos ocorridos com o Brasil, após a nacionalização desse produto pelo governo boliviano, aos poucos os entendimentos vêm acontecendo.

Além desse gás, foi encontrada na Bolívia, na salina de *Uyuni*, uma grande reserva de lítio que, na verdade, abriga a maior reserva do mundo, metade da existente no planeta. Esse metal tem jazidas misturadas às salinas e faz parte da vida atual por ser matéria-prima das baterias presentes em *notebooks*, aparelhos celulares, MP3, entre outros eletrônicos de uso pessoal. O lítio é mais leve e tem tamanho menor que o chumbo, metal utilizado nas baterias antigas. Além desse uso, o lítio compõe as baterias dos veículos elétricos. Como grande parte das nações do mundo tenta deixar de usar os derivados do petróleo, carros elétricos e baterias de íons de lítio têm um mercado extremamente promissor.

Entretanto, as reservas bolivianas continuam praticamente inexploradas, e o governo boliviano, na figura de seu representante Evo Morales, se coloca aberto a negociações. Talvez, caso haja acordos entre o governo boliviano e as empresas que exploram o lítio, os bolivianos venham a ter uma nova oportunidade de emprego e renda, o que facilitará a permanência deles em seu país.

1.2.1- A fuga da Bolívia

Silva (1999) aponta os anos 50 como o início da chegada dos bolivianos a São Paulo, principalmente por estudos, com um intercâmbio Brasil-Bolívia, ou ainda por fuga política. Esses antecedentes resultaram na permanência de alguns deles no Brasil devido à grande oferta de empregos.

Nos anos 60, em São Paulo, os bolivianos eram contratados para os trabalhos manuais nas oficinas de costura de propriedade dos coreanos que, antes disso, eram empregados dos judeus. Esses coreanos que fugiam do comunismo, durante o período em que eram empregados dos judeus, se fortaleceram financeiramente e, por isso, conseguiram montar suas próprias oficinas, importando tecidos da Ásia com preço baixo. Essas oficinas tinham como empregados dos serviços manuais os bolivianos que mantiveram o mesmo processo, ou seja, os que começaram como empregados pouco a pouco montavam suas próprias oficinas e traziam compatriotas para trabalharem.

A relevância dos movimentos migratórios da América Latina se destaca a partir da década de 70 devido ao processo de industrialização de países como o Brasil, a Argentina e a Venezuela. O destaque se explica também pela fuga de suas respectivas pátrias por divergências políticas.

A partir da década de 1980, houve um grande aumento do número de bolivianos que vinham para São Paulo, não mais perseguidos por governos autoritários ou com fins apenas acadêmicos. Bolivianos com nível escolar baixo passaram a vir em busca de trabalho. Esse aumento ocorreu em razão da crise econômica boliviana da época quando se destacou o processo de reorientação da mão de obra por conta da privatização do setor mineiro que provocou muitas demissões.

Silva (2006) constatou que essa busca ocorre pela procura de melhores condições de trabalho e de algum tipo de renda que, naquele país, não seria oferecida, e o sonho a ser alcançado perpassa a busca de uma qualidade de vida melhor para si e seus entes. Na Bolívia o trabalho é extremamente escasso e sem possibilidades de ascensão para aqueles que não

conseguem ingressar numa faculdade, e o principal objetivo não é guardar dinheiro, mas sim ter uma vida um pouco melhor. Cerca de 70% da população boliviana economicamente ativa vive na economia informal, pois, além do problema do desemprego, há falta de moradia e há saturação de serviços públicos como a saúde e a educação.

A revista *Veja*⁷ confirmou que, nas emissoras de rádio bolivianas e na seção de classificados de jornais como *Diario de La Paz*, existem vários anúncios com ofertas de emprego em São Paulo, quase sempre no ramo de confecção. Os anúncios prometem casa, comida, salário pago em dólar e um amparo jurídico capaz de regularizar a situação dos clandestinos. Espremidos por uma alta taxa de desemprego, os bolivianos chegam ao Brasil sonhando em juntar algum dinheiro, mas a fantasia desaparece rapidamente. As tecelagens a que se referem os anúncios em geral funcionam de forma irregular, e o dono, muitas vezes um boliviano já legalizado, submete os imigrantes a um regime quase que de semiescravidão.

Então, não acontece o apresentado nas propagandas divulgadas na Bolívia, pois, aliciados por agenciadores que cobram suas passagens, os bolivianos, ao chegarem aqui, têm que trabalhar muito (cerca de 16 horas diárias), alimentam-se mal e ainda têm que estar sempre alertas para não serem apanhados pela Polícia Federal no caso de estarem ilegais, constatou Silva *in* Schwarcz (2000).

Em linhas gerais, o perfil dos bolivianos que vêm para o Brasil em busca de trabalho nas últimas décadas, de acordo com Silva (2005b), é de jovens, solteiros, em sua maioria do sexo masculino (a presença feminina tem aumentado consideravelmente nos últimos anos), com nível de escolaridade médio. Acrescentam-se nessa lista os profissionais liberais (médicos, dentistas, engenheiros etc.) com expressivo contingente. Esse perfil é muito parecido com o dos sujeitos entrevistados nesta pesquisa.

Uma das grandes facilidades para se entrar no Brasil são os 16.500 quilômetros de fronteira seca e os acordos feitos entre os países-membros do Mercosul. Esses acordos permitem a entrada de imigrantes com maior liberdade para circulação apenas com o documento de identidade expedido pelo seu país de origem, não havendo necessidade de selar o passaporte.

⁷ Revista *Veja* – 25 de agosto de 1999. Leandro Loyola, de São Paulo, e Esdras Paiva, de Brasília.

Com esses indicativos, alguns dados⁸ mostram a presença de mais de 60 mil bolivianos “indocumentados” em São Paulo, trabalhando em mais de 8 mil oficinas de costura ilegais, que abastecem grande parte do mercado de vestuário da cidade. As condições de trabalho são, em geral, precárias e degradantes. Vê-se o local de trabalho como o mesmo lugar onde se come, dorme, onde as crianças crescem e os adultos se relacionam.

De acordo com dados da Polícia Federal apresentados nos relatórios de 2003 e 2004 da Rede Social de Direitos Humanos⁹, a falta de documentação é uma das maiores dificuldades encontradas pelos bolivianos, pois o pesadelo de serem abordados e expulsos do país os assombra diariamente. Essa situação de insegurança em que vive a maioria dos bolivianos é resultante, por um lado, da falta de documentos e, por outro, da estratégia utilizada por alguns donos de confecções que os amedrontam, dizendo que a polícia pode abordá-los a qualquer momento pelas ruas da cidade; ou, então, ficam sob ameaças de serem entregues a ela, caso decidam mudar de emprego.

A atividade que mais atrai os bolivianos na cidade de São Paulo é a costura. Destacam-se nessa atividade algumas particularidades, como a rede de contratação e o aliciamento de mão de obra para esse setor, em que os já estabelecidos estimulam os compatriotas a virem somar força de trabalho.



Fotos tiradas em oficinas de costura em São Paulo com bolivianos trabalhando.

(Disponível em: <http://spm-imigrantes.ning.com/>;

<<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT878882-1664-2,00.html>>. Acesso em: 14 nov. 2010)

⁸ Relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar a exploração de trabalho análogo ao de escravo. Processo N° 0024/2005: Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar a exploração de trabalho análogo ao de escravo nas empresas, regular ou irregularmente instaladas em São Paulo.

⁹ Relatório apresentado pela Rede Social de Justiça e Direitos Humanos: www.social.org.br

Na feira de domingo da Praça *Kantuta*, por volta das 16, 17 horas, identificamos, com base nas fontes de observações do autor, por meio do diário de campo, que se forma um grande corredor de pessoas com panfletos nas mãos para distribuir aos frequentadores do local com indicação de propostas de emprego no ramo das confecções. Alguns levam modelos de roupas prontos para mostrar aos interessados, a fim de verificar a possibilidade de se confeccionar tal peça daquela mesma maneira.

No começo da pesquisa, passei várias vezes por esse corredor tentando pegar um desses papéis (escritos à mão). Fui ignorado pelos distribuidores de panfletos talvez por minha aparência física não condizer com a dos bolivianos, tampouco aparentar estar à procura desse tipo de emprego.

A relação trabalhista existente entre o costureiro e o dono da oficina é extremamente informal (o costureiro ganha normalmente por peça produzida), não havendo nenhuma segurança nem direito nas leis que regem a CLT (Consolidação das Leis de Trabalho). Esses trabalhadores se tornam vulneráveis a altas e a baixas do mercado, bem como à ganância de seus empregadores.

Os bolivianos moram normalmente nas próprias confecções onde trabalham e precisam pagar tudo para o patrão, desde a máquina de costura que utilizam até a moradia, a água, a luz e a comida. Por isso, acabam endividados e praticamente “presos”, o que faz seus patrões, além de trancarem as portas das fábricas, ameaçarem chamar a Polícia Federal para deportar aqueles em situação ilegal, conforme Silva, 1997.

Nas pesquisas de Xavier e Cymbalista (2007), os autores ressaltam que a oficina é muito mais do que um local de trabalho, pois é lá que os bolivianos, além de trabalharem, comem e dormem em meio às máquinas de costura. A saída para a rua fica muito limitada porque é o próprio dono da oficina que faz as compras, obrigando os empregados a praticamente não terem necessidade de se ausentar do local.



Fotos tiradas de bolivianos em manifestações na Bolívia.
(Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/09/264356.shtml>>. Acesso em: 14 nov. 2010)

Um dos lemas que podem ajudar a entender como os bolivianos sobrevivem às condições encontradas aqui no Brasil pode estar na letra do Hino Nacional da Bolívia que diz: “¡morir antes que esclavos vivir!” – “Morrer antes de viver como escravos”. Acreditamos que eles vieram para o Brasil em busca de uma nova vida e, por terem grande sede de viver, vão construir forças a todo custo para tentar sair dessa condição ruim e viver em melhores condições. No entanto, é “quase” como escravos que vivem alguns bolivianos em São Paulo.

As maneiras de se legalizarem são casando-se com um(a) brasileiro(a), tendo filhos nascidos aqui ou pais brasileiros. Existem ainda periodicamente promovidas pelo governo as ditas “anistias”, em que se legalizam os imigrantes em situação irregular. No entanto, a procura por essas anistias não é muito grande, pois o medo de contato com a polícia, os custos e a falta de informação são considerados as explicações para o baixo número de beneficiados.

Nas quatro últimas anistias concedidas pelo governo brasileiro aos imigrantes, foram beneficiados 27 mil sujeitos em 1981, 30 mil em 1988, cerca de 39 mil em 1998 e mais de 40 mil em 2009. Neste último ano, mais de 40% dos anistiados eram bolivianos (16.881) seguidos de chineses (5.492), peruanos (4.642), paraguaios (4.135) e coreanos (1.129). Em relação às três primeiras anistias, dois anos mais tarde, no recadastramento, houve falta de pelo menos 20% deste total. Mesmo tendo uma quantidade crescente de adeptos das anistias, esses números estão bem aquém da realidade existente no Brasil.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou em 2009 a chamada Lei da Anistia Migratória, que autoriza a residência provisória de cidadãos estrangeiros em situação irregular no Brasil. A nova lei permite que todos os estrangeiros que estejam em situação irregular e tenham entrado no Brasil até o dia 1º de fevereiro de 2009 regularizem sua situação e

tenham liberdade de circulação, direito de trabalhar, acesso à saúde e à educação públicas e à Justiça.

O desprezo dos brasileiros pelos bolivianos é muito grande, afirma Paulo Illes¹⁰. Alguns paulistanos têm uma imagem muito negativa dos bolivianos aqui presentes. Constantemente associam essa permanência ao trabalho escravo e ao tráfico de mão de obra para as oficinas de costura, vendo-os como “índios”, “pobres” e com “pouca cultura”.

O que está por trás dessa imagem do boliviano, segundo Cavalcanti (2005), se encaixa na própria denominação “imigrante” que opera no sentido de marginalizar grupos, levando-os a ocuparem lugares inferiores no sistema social e serem responsabilizados por todos os males que assolam a região. Essa realidade simbólica merece ser repensada e receber uma reflexão, alerta Ramos (2004), pois, ao olhar o contexto urbano no qual existem imigrantes e o fenômeno migratório, eles nos fazem pensar que esse dado se tornou algo decisivo para a própria sobrevivência da comunidade local.

¹⁰ Paulo Illes, coordenador do Centro de Apoio ao Migrante, entidade ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) da igreja católica.

CAPÍTULO 2

OS CAMINHOS DA PESQUISA

Quando iniciamos o cumprimento dos créditos do doutorado, discutimos com a orientadora qual seria o caminho mais factível para se chegar ao grupo de bolivianos. Sabíamos que esses grupos têm estreita ligação com a igreja católica e que não são muito receptivos a “estranhos” pelo fato de grande parte estar no Brasil de forma ilegal (são, como já dissemos, os chamados “indocumentados”).

Chegamos, então, depois de algum tempo, ao nome de Sidney Antonio da Silva que havia escrito alguns artigos e livros sobre os bolivianos. Entramos em contato com esse professor que estava morando em Manaus e trabalhando na Universidade Federal daquele estado.

O professor Sidney disse achar muito interessante a proposta de nossa pesquisa e mesmo fora de São Paulo nos forneceu o endereço da Igreja Nossa Senhora da Paz onde fez trabalhos e pesquisas com os bolivianos. O professor sugeriu que mencionássemos seu nome como contato e indicou o nome do pároco responsável pela intervenção com os imigrantes bem como o de uma advogada que presta assessoria jurídica na paróquia e que tem muito respeito desses grupos.

Contatamos, então, a Igreja Nossa Senhora da Paz e agendamos um encontro com o pároco responsável que nos atendeu e expressou muita satisfação em ver um pesquisador da área da Educação Física interessado em estudar os bolivianos. Na conversa, o pároco nos forneceu informações importantes que ratificaram nossos dados quanto à dificuldade de se aproximar desses grupos e na nossa conversa até brincou com meu biótipo: “Você parece ser da Polícia Federal! Os bolivianos vão fugir de você...”.

Após conversas com o pároco, nós nos reunimos com a advogada que presta assistência jurídica aos imigrantes. Ela também nos indicou muitos locais onde existem concentrações de bolivianos, principalmente onde se pratica futebol, tema desencadeador desta pesquisa. A advogada se mostrou muito animada com o tema deste trabalho, visto que ela atende

na igreja predominantemente bolivianos e sabe muito bem das dificuldades desses grupos não apenas nas questões trabalhistas e documentais, mas também nas relacionadas à saúde e ao lazer.

Essa igreja promove no último domingo de cada mês, ao meio-dia, uma missa celebrada em espanhol, e a comunidade de um país fica responsável pelos rituais ocorridos na celebração. A cada último domingo se estabelece qual país fará o gerenciamento da próxima missa. Após a celebração, os integrantes da comunidade do país responsável promovem uma pequena festa com comidas típicas do próprio país, e as pessoas se encontram e conversam assuntos diversos. Tivemos a oportunidade de participar muitas vezes desses eventos e conversar com imigrantes de vários países.



Foto tirada (pela orientadora desta tese Prof^ª Dr^ª Maria Beatriz Rocha Ferreira) da missa dominical em dia festivo na Igreja Nossa Senhora da Paz quando o pesquisador lê trecho da Bíblia em espanhol que constam das observações do diário de campo.

Na primeira conversa que tivemos com o pároco da Igreja Nossa Senhora da Paz, ele nos convidou a assistir à próxima missa em espanhol que coincidentemente seria promovida pelos bolivianos. Participei da celebração que é muito emocionante e conta com a presença de pessoas de praticamente todos os países da América Latina.

Ao final da missa, são dadas informações relacionadas à igreja, à pastoral, aos eventos e a tudo que pode ser de interesse dos diferentes grupos. Naquele dia, o pároco me apresentou oficialmente ao público presente e tive direito à palavra a fim de me apresentar e divulgar os interesses acadêmicos científicos da pesquisa com o grupo de bolivianos. Ficamos

muito emocionados e felizes com a oportunidade que, ao final da missa, gerou muitos contatos com alguns bolivianos, trocas de telefones e cartão, além de esclarecimentos das dúvidas sobre a pesquisa.

Frequentamos essa missa dominical durante seis meses, fazendo contatos com bolivianos e pessoas de outras nacionalidades, expondo os interesses acadêmicos científicos para que nenhuma dúvida pairasse nas intenções do trabalho que poderiam ser confundidas com “investigativas policiais” ou algo semelhante. Depois desse tempo de contato que nos permitiu ganhar a confiança dos religiosos e frequentadores, fomos convidados a procurar a Associação Gastronômica e Cultural Padre Bento, com sede na Praça *Kantuta* onde iríamos iniciar novas conversas para desenvolver a pesquisa.

2.1- Metodologia

Esta pesquisa etnográfica teve uma característica de pesquisação que, de acordo com Eden e Huxham (2001), se aplica aos casos em que é necessário coletar dados mais sutis e significativos. Por conseguinte, pela ampla inserção do pesquisador no contexto da pesquisa e pelo seu envolvimento com os membros da organização pesquisada em torno de um interesse comum, os dados se tornam mais facilmente acessíveis.

As entrevistas e as observações ocorreram de maneira concomitante, e uma ação não invalidou a outra, mas sim potencializou seus entendimentos. No caso da aplicação das entrevistas, foram catalogadas em duas categorias, conforme Powney e Watts (1987). Uma categoria foi orientada para a resposta, e o pesquisador manteve o controle no decurso de todo o processo, e a outra foi orientada para a informação que visou circunscrever a percepção e o ponto de vista do sujeito diante de um dado contexto.

Somada a essas categorias, houve também utilização da entrevista não diretiva. Nesse caso, de acordo com Pourtois e Desmet (1988), o pesquisador deve encorajar a livre expressão do sujeito da pesquisa por meio de uma escuta atenta e ativa.

Além das entrevistas propriamente ditas com os sujeitos da pesquisa, estabeleceram-se conversas com pessoas que frequentam a praça e foram feitas observações, a fim de coletar outros dados. Esses métodos de observação direta, de acordo com Quivy e Campenhoudt (2003), captam comportamentos ditos espontâneos no momento em que acontecem. Essas observações formam um conjunto de instrumentos na captação de dados e identificam quatro tipos principais de registro que Evertson e Green (1986) assim descrevem: sistemas categoriais, descritivos, narrativos e tecnológicos.

Os sistemas categoriais são considerados fechados, uma vez que as unidades de observação são sempre predefinidas. Nos sistemas descritivos, a análise tende a se basear numa retrospectiva de acontecimentos já registrados. Os sistemas narrativos se baseiam na elaboração de um registro escrito dos dados numa linguagem corrente do cotidiano. Os sistemas tecnológicos são os mais abertos e normalmente surgem em complementaridade com os outros tipos de sistemas.

Nesta pesquisa o sistema narrativo predominou, pois foi possível coletar dados no momento da observação de um acontecimento ou de um conjunto de acontecimentos verificados num período de tempo. O pesquisador *in loco* fazia observações, participava de conversas, discutia e descrevia os fatos no diário de campo.

O trabalho aconteceu efetivamente com o pesquisador fazendo parte do Departamento de Esportes da Associação Gastronômica e Cultural Padre Bento, auxiliando na organização dos campeonatos, estabelecendo regulamentos. Ele, principalmente, ajudou na elaboração de projetos de parceria e captação de recursos com o intuito de utilizar a quadra como escolinhas de esportes para crianças da região e como espaço para outros eventos esportivos.



Foto tirada (pelo autor desta tese Ubiratan Silva Alves) da faixa confeccionada pela Associação Padre Bento colocada na quadra em dias de jogos para divulgação do campeonato.

Espera-se que este trabalho possa contribuir para a área da Educação Física e outras áreas afins, além de, possivelmente, nortear professores de Educação Física, principalmente em âmbito escolar, nas relações e nos entendimentos com alunos bolivianos, latinos ou de qualquer outra nacionalidade.

CAPÍTULO 3

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ainda que pouco trilhado, existe um grande caminho a ser percorrido entre os campos da Antropologia e a Educação Física, principalmente pelas novas pesquisas que florescem. Nessas pesquisas a Antropologia na Educação Física relaciona questões sobre interculturalidade.

Do ponto de vista antropológico, os tipos de produção bibliográfica na concepção de Fernandes (2003, p. 7) se apresentam em quatro modelos:

“Histórico-etnográfico, etnográfico do contato, institucional do contato e modelo etnológico [...] o que não implica que cada obra esteja limitada exclusivamente a um ou outro modelo”.

Por conseguinte, a diversidade dos objetos e pontos de vista sobre esses objetos indica à Antropologia o seu caráter peculiar, que, de acordo com Peirano (1996, p.13):

“Abriga estilos bastante diferenciados, uma vez que fatores como contexto de pesquisa, orientação teórica, momento sócio-histórico e até personalidade do pesquisador e *ethos* dos pesquisados influenciam o resultado obtido”.

Nos estudos antropológicos apresentados em Laplantine (1996), nota-se que as diferentes formas de vida encontradas nas sociedades, como o andar, as vestimentas, o modo de dormir, entre outros, não têm nada de inato. São, sim, uma construção e um produto de escolhas culturais. O autor enfatiza que o que caracteriza a “unidade” do homem “é a sua aptidão praticamente infinita pra inventar modos de vida e formas de organização social extremamente diversos” (p. 21). Consequentemente, a cultura hoje é pensada como um processo dinâmico, constante e contínuo de sentido, significação e ressignificação.

Indo além, o autor completa que aquilo que os seres humanos têm em comum é a sua capacidade para se diferenciar dos outros, elaborando costumes, mitos, conhecimentos, instituições, jogos, línguas e tantas outras criações. É uma particularidade da espécie humana sua aptidão à variação cultural.

Conforme Elias (2005, p. 117): “O fator central e inalterável em todas as sociedades é a natureza humana”, e, por terem essa mesma natureza humana, nascem com um equipamento biológico semelhante, o que permite viverem várias possibilidades humanas. É por conta das diferenças culturais que, apesar de termos a mesma “natureza”, explicitamos muitos comportamentos e atitudes distintas.

Já para Geertz (1989), quando se faz uma conceitualização estratigráfica das relações entre fatores culturais e não culturais, fica mais difícil entender esse fundamento, uma vez que, se a cultura, a psique, a sociedade e o organismo forem separados, compartimentados, será mais complicado reuni-los de novo. Assim sendo, conhecer, reconhecer e compreender toda a pluralidade humana são parte de um projeto antropológico no qual esta pesquisa está alicerçada.

Sustentados em Laplantine (1996), consentimos também que a Antropologia é um certo olhar, um certo enfoque que consiste em estudar o homem inteiro e em todas as sociedades, de todas as latitudes, em todos os seus estados, em todas as épocas, as suas práticas e os seus costumes. Refutando a ideia de cultura apenas como construção exterior e de materiais, pretende-se, com a Antropologia, estudar o conjunto de sentidos, de significados que o ser humano apresenta diante das diferentes situações, como é o caso estudado, com base na prática do futebol pelos bolivianos na Praça *Kantuta* em São Paulo.

De modo amplo, a Antropologia pode ser definida como o estudo do homem como ser biológico, social e cultural não apenas na sua totalidade, mas também nas suas diversidades e familiaridades. Nesse contexto, ressaltamos que não se pode esquecer de admitir que a sociedade com a qual temos contato diário e na qual estamos inseridos não é a única, tampouco a mais ou a menos importante ou eficiente e sim apenas mais uma das inúmeras possibilidades de sociedade. Ou seja, a sociedade paulistana, diante dos grupos de bolivianos, não é melhor nem pior, apenas tem diferentes padrões, o que leva os hispânicos a terem que se adequar a certos costumes até por uma questão de sobrevivência.

Postula-se apenas que as sociedades são diferentes entre tantas outras que existem e que ainda podem vir a existir, pois, nos termos de Laplantine (1996, p. 197):

“O conhecimento antropológico surge do encontro, não apenas de dois discursos explícitos, mas de dois inconscientes em espelho, que espelham uma imagem deformada. É o discurso sobre a diferença (e sobre minha diferença) baseado em uma prática da diferença que trabalha sobre os limites e as fronteiras.”

No mesmo autor, identificamos provocações de alguns povos que se dizem mais evoluídos, superiores ou instruídos a visitar povos “mais ignorantes” com fins de entender o início das próprias descobertas, pois já há tempo não somos discípulos da natureza. Considerando imprescindível que a abordagem antropológica seja integrativa e leve em consideração as múltiplas dimensões do ser humano em sociedade, utilizamos quesitos relacionados à organização social e política, ao parentesco, às instituições sociais, aos sistemas simbólicos, à religião e ao comportamento, citados por Laplantine (1996).

Não obstante, conforme Silva (1997), pela amplitude que cada uma das dimensões apresenta, o conhecimento antropológico geralmente é organizado em áreas que indicam uma escolha prévia de certos aspectos a serem privilegiados nas investigações.

Qualquer que seja a definição adotada, é possível entender a Antropologia como uma forma de conhecimento sobre a diversidade cultural, isto é, a busca de respostas para entendermos o que somos, com base no espelho fornecido pelo “outro”. É uma maneira de nos situar na fronteira de vários mundos sociais e culturais, abrindo janelas entre eles, através das quais podemos alargar nossas possibilidades de sentir e de agir, além de refletir sobre o que, afinal de contas, nos torna seres singulares, humanos.

Por conseguinte, para descrever um discurso social do “outro”, é preciso entender as formas de organização social, se aproximar, em parte ou pelo menos no aspecto metodológico, da lógica do “outro”. Isso sugere o conceito e a compreensão da alteridade que parte de um pressuposto básico, segundo o qual todo ser humano é um ser social e interage com os outros seres humanos e interdepende deles. Portanto, a existência de um “eu-individual” só faz sentido mediante contatos com o “outro”; “eu” apenas existo a partir do “outro”, o que permite

compreender o mundo de um olhar diferenciado tanto de um quanto de outro, sugere Geertz (2001).

O *outro*, nas ciências humanas, nada mais é do que uma construção. Malinowski (1986) sustenta que, para olhar o *outro*, devemos vê-lo como ele realmente é e não tentar encontrar aquilo que o *outro* não tem ou tem a mais que é diferente do que eu tenho ou do que eu sou. Quando se estranha demais o *outro* ou se familiariza demais com o *outro*, perdem-se alguns detalhes de entendimento que poderiam perfeitamente ser observados em outras condições. Essa metodologia do despojamento e da inserção é conhecida como “observação participante” e não deve ser confundida com uma ideia de se querer “*ser o outro*”, tampouco “*entrar na mente do outro*”, mas sim entender por que “*ele*” faz o que faz da maneira que “*ele*” faz.

A observação participante depende da nossa aceitabilidade dentro de um grupo, num tempo razoavelmente de convívio. Além da observação participante, é possível que se pratique também algum tipo de pesquisação. A aplicabilidade antropológica é, portanto, viável sempre que se leva em conta o que o grupo deseja da nossa ação sobre eles.

Essas participações fizeram parte do trabalho durante toda a coleta de dados na praça. Na *Kantuta*, além de ter contato individual com cada sujeito da pesquisa, pudemos muitas vezes “experenciar” a sensação dos bolivianos diante de situações específicas, principalmente relacionadas aos jogos de futebol, às festas e às comemorações em que estivemos presentes durante 18 meses.

No entanto, não se pode perder de vista que o próprio fato de estarmos no local (condição fundamental da pesquisa) de antemão acarreta algum tipo de interferência. Por mais que se tenha aceitação do grupo pesquisado e por mais que nos deixemos levar, ou nos “naturalizar”, pela lógica específica do grupo, não fomos anônimos, somos reais e visíveis. Parte de nossos resultados são análises de nós mesmos na relação com o outro. Dessa maneira, o *ethos* do antropólogo (e de qualquer outro tipo de pesquisador) interfere sempre nos resultados da pesquisa.

A experiência de alteridade induz, segundo Laplantine (1996), a ver aquilo que não imaginávamos ser possível acontecer, pois temos muita dificuldade em focar nossas atenções naquilo que não nos é familiar ou habitual. Então, passamos a perceber que qualquer um de

nossos comportamentos ou atitudes não tem nada de “natural”. Aí, então, é que passamos a nos surpreender com as nossas próprias atitudes e comportamentos, reconhecendo que somos apenas uma cultura entre tantas outras culturas e não a única.

A Antropologia ensina que as diferenças devem ser consideradas não como desigualdades, mas como características específicas de cada grupo e que, para se fazer Antropologia, é necessário, de certa forma, se colocar no lugar do outro, tentando compreender sua dinâmica cultural. Considerar e respeitar as diferenças humanas devem fazer parte desses procedimentos.

É com Malinowski que a Antropologia passa a ser considerada uma ciência da alteridade que se nega ao empreendimento evolucionista da reconstituição das origens da civilização, dedicando seus estudos às lógicas particulares características de cada cultura.

Existe um obstáculo criado entre o que podemos chamar de “familiar” e aquilo que denominamos “exótico”. Essa barreira só poderá ser ultrapassada quando houver algum tipo de participação no mundo do “outro”. Deveria haver o convencimento não apenas de uma integração presencial ou física, mas também de uma aproximação de sensações, ou seja, como o “outro” enxerga e sente, bem como talvez sentir como o “outro” sente ou ainda ver determinado fenômeno como o “outro” o vê. As festas e as comemorações em que estivemos presentes serão apresentadas em capítulo específico e ilustram essa contextualização.

A Antropologia, então, deve ser utilizada não apenas para se entenderem tribos ou civilizações distantes das nossas, mas principalmente, nos dias atuais, para se refletir sobre as sociedades ditas modernas, visto que as ciências humanas fazem reconstruções provisórias e parciais, considerada por Laplantine (1996) a análise do todo.

No campo da antropologia, deparamos ainda com o conceito de cultura que, em Geertz (1989), é tida como as teias de significados e disposições simbólicas, ou ainda mecanismos de controle. Sem embargo, é por conta das diferenças culturais que os seres humanos se comportam de diferentes maneiras, levando-nos a perceber que a cultura, atualmente, é pensada como um processo vivo.

Bhabha (2001), em relação às questões da cultura, salienta que todas as formas estão, de algum modo, relacionadas umas com as outras por serem uma atividade significativa ou simbólica. O autor ressalta que a articulação das culturas só é possível porque todas são

formadoras de símbolos e constituidoras de temas e não apenas por conta das familiaridades ou das similaridades de conteúdos, podendo-se afirmar que são práticas conjugadas. Decorre disso que nenhuma cultura é completa em si mesma, tampouco está a rigor em plenitude. Isso acontece não só porque há outras culturas que contradizem sua autoridade, mas também porque sua própria atividade formadora de símbolos, sua própria interpelação no processo de representação, linguagem, significação e constituição de sentido, sempre têm a pretensão de encontrar uma identidade originária, holística e orgânica.

Continuando nessa temática, o autor questiona os conceitos de homogeneidade da identidade nacional, corroborando, assim, com conceitos culturais do hibridismo. O autor defende o deslocamento cultural como histórico do mundo pós-colonial, ressaltando que cada vez mais as culturas nacionais estão sendo criadas da perspectiva das minorias destituídas de poder. Assim, a identidade nacional seria constituída dessa concepção, estando em processo de redefinição contínuo. Já em relação à identidade cultural, Bhabha adverte que não pode ser única, uma vez que a diversidade cultural é global e o deslocamento identitário cultural é constante.

O hibridismo permite vislumbrar não uma síntese da relação binária entre duas culturas ou mais, mas também pensar a “hibridação” como o terceiro espaço, em que outras posições podem emergir. Para Bhabha (2001, p. 36-37):

“este terceiro espaço desloca as histórias que o constituem, e gera novas estruturas de autoridade, novas iniciativas políticas, gera algo novo e irreconhecível, uma nova área de negociação de sentido e representação”.

Na lógica do hibridismo, segundo Hall (1996), é possível operar a interculturalidade, pois nessa perspectiva a cultura não é pensada como uma essência, mas sim como um posicionamento, indicando que as identidades culturais possuem história, portanto, sofrem transformações constantes. Por não serem eternamente fixas, estão sujeitas aos contínuos “jogos” da história, da cultura e do poder.

As sociedades contemporâneas são heterogêneas e compostas por diferentes grupos humanos com interesses contrapostos, classes e identidades culturais em conflito. Os diferentes estão permanentemente em contato, tendo que conviver em harmonia.

As ideias multiculturalistas discutem entendimentos sobre questões geradas por essa heterogeneidade cultural, política, religiosa, étnica, racial, comportamental, econômica. De acordo com Praxedes (2004), a convivência entre esses “diferentes” é quase que inevitável.

Hall (2003) apresenta diferentes concepções para essas ideias sobre multiculturalismo:

1. Multiculturalismo conservador: os dominantes buscam assimilar as diferentes minorias às tradições e aos costumes da maioria;
2. Multiculturalismo liberal: os diferentes devem ser integrados como iguais na sociedade dominante. A cidadania deve ser universal e igualitária, mas, no domínio privado, os diferentes podem adotar suas práticas culturais específicas;
3. Multiculturalismo pluralista: os diferentes grupos devem viver separadamente, dentro de uma ordem política federativa;
4. Multiculturalismo comercial: a diferença entre os indivíduos e os grupos deve ser resolvida nas relações de mercado e no consumo privado, sem que sejam questionadas as desigualdades de poder e riqueza;
5. Multiculturalismo corporativo (público ou privado): a diferença deve ser administrada, de modo que os interesses culturais e econômicos das minorias subalternas não incomodem os interesses dos dominantes;
6. Multiculturalismo crítico: questiona a origem das diferenças, criticando a exclusão social, a exclusão política, as formas de privilégio e de hierarquia existentes nas sociedades contemporâneas. Apoia os movimentos de resistência e de rebelião dos dominados.

As contribuições de Bourdieu (1983) para o tema descrevem a existência de muitas culturas numa mesma localidade, cidade ou país, sem que uma delas predomine. No caso do Brasil, existem diversas culturas que se inter cruzam e ainda são amalgamadas muitas vezes com intervenção do Estado. Esse multiculturalismo está cada vez mais sendo alterado e ressignificado, até mesmo pela presença de novo grupos que aqui se estabelecem, como é o caso dos bolivianos em São Paulo.

A perspectiva teórica multiculturalista, segundo Moreira e Candau, (2008), implica reivindicações e possíveis conquistas de grupos tidos como minorias, enfatizando a ideia de que esses grupos são discriminados e merecem o respeito público. Para isso, tais minorias devem ser amparadas e protegidas por lei.

A política multiculturalista tende a resistir à homogeneidade cultural, principalmente quando essa homogeneidade é considerada única e legítima, submetendo outras culturas a particularismos e dependências. A diversidade cultural e étnica muitas vezes é vista como uma ameaça para a identidade da nação, e em muitas nações o multiculturalismo provoca desprezo e indiferença. Um bom exemplo é o Canadá onde existem discórdias entre os habitantes de língua francesa e os de língua inglesa. D'Adesky (2001) indica que no Brasil se veem casos relacionados aos latinos e aos afrodescendentes.

O multiculturalismo pode ser considerado fator de enriquecimento e abertura de novas e diversas possibilidades, e o hibridismo e a maleabilidade das culturas são fatores positivos de inovação. Concebemos, como Taylor (1994), a ideia segundo a qual toda política identitária não deveria ultrapassar a liberdade individual, os indivíduos são únicos e não poderiam ser categorizados, definindo democracia como a política do reconhecimento do outro, ou seja, da diversidade.

Praxedes (2004) esclarece que o multiculturalismo ensina que reconhecer a diferença é reconhecer que existem indivíduos e grupos que são diferentes entre si, mas que possuem direitos correlatos. Acrescenta, ainda, que a convivência em uma sociedade democrática depende da aceitação da ideia de compormos uma totalidade social heterogênea na qual:

- a) não poderá ocorrer a exclusão de nenhum elemento da totalidade;
- b) os conflitos de interesse e de valores deverão ser negociados pacificamente;
- c) a diferença deverá ser respeitada.

A política do reconhecimento e as várias concepções de multiculturalismo nos ensinam, enfim, que é necessário que seja admitida a diferença na relação com o outro. Ou seja, é preciso tolerar e conviver com aquele que não é como eu sou e não vive como eu vivo, e o seu modo de ser não pode significar que o outro deva ter menos oportunidades, menos atenção e recursos.

O mesmo autor ainda ressalta que a democracia é uma forma de viver em negociação permanente, tendo como parâmetro a necessidade de convivência entre os diferentes, ou seja, a tolerância. Mas, para valorizar a tolerância entre os diferentes, temos que reconhecer também o que nos une.

A proposta de uma sociedade multicultural e multiétnica que implica o respeito ao direito à diferença em condições de igualdade, superando o racismo e o etnocentrismo, segundo Seyferth (2004), parece ainda estar longe de se tornar uma realidade aqui no Brasil.

Ressaltamos a importância dos diversos conceitos de cultura, em que predomina seu caráter dinâmico, enfatizando que cada sociedade se modifica, tendo ou não contato com outras sociedades, apenas pela própria existência e evolução. O que pode talvez diferenciar essa questão é o tempo que cada sociedade demora para atingir novos patamares de comportamentos e relações.

O conceito de *habitus* desenvolvido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983, 2003), aparece nessa mesma linha com o objetivo de pôr fim à antinomia indivíduo/sociedade. Para o autor (2003), *habitus* se relaciona à capacidade de uma determinada estrutura social ser incorporada pelos agentes por meio de disposições para sentir, pensar e agir.

O termo *habitus social*, em Elias (1994b), expressa algo que é transmitido e incorporado, passando de geração em geração, e o indivíduo age de determinada maneira e, de forma geral, quase “nem pensa” para fazer aquilo que faz. Esse significado da ação não é passageiro, pois está interiorizado nas atitudes das diferentes sociedades. Tais atitudes são controladas, segundo o autor, por um sistema composto de diferentes elementos, regras e proibições. Os mecanismos de controle existentes se dão por diferentes pressões, como o castigo, a repreensão, a exclusão e também pelo aumento do sentimento de vergonha.

Elias (1994a) considera um sujeito composto por várias “camadas”, produtos de experiências vividas ao longo de uma trajetória de vida e aprendidas por um conhecimento de gerações. O uso da linguagem, por exemplo, que o indivíduo compartilha com outros indivíduos é, certamente, um componente do *habitus social*.

A ideia segundo a qual um indivíduo porta em si o *habitus* de um grupo e é esse *habitus* o que ele individualiza em maior ou menor grau pode ser apresentada com um pouco mais de precisão. Por exemplo, em sociedades menos diferenciadas, talvez o *habitus social*

tivesse uma camada única diferente das sociedades mais complexas, que devem ter muitas camadas.

Uma das principais características humanas que nos distingue de outros seres, como os vegetais e os animais, é a cultura, pois somente o homem tem a capacidade de desenvolvê-la. A sua transmissão, feita de geração a geração, tem processos de mudanças muito lentos. Com as transformações e as evoluções pelas quais passa o mundo, a cultura não permanece intacta na história da humanidade em que existem forças para mudar e outras para permanecer. As guerras entre povos que propiciam domínios de uns diante de outros influenciam muito essas mudanças. Ressalte-se que, ao longo da história humana na Terra, muitas coisas foram alteradas.

O conceito de civilização no pensamento eliasiano é entendido como um processo constituído a partir de uma rede de interdependência funcional (Elias, 1994b). Assim, a ideia de civilização se apresenta como um instrumento teórico, uma vez que convoca a atenção para os detalhes da vida cotidiana numa perspectiva de mudança social.

Para Elias (2006), o conceito de civilização expressa uma cadeia de lentas transformações dos padrões sociais de autorregulação. Trata-se, essencialmente, de um processo de longa duração, em que o “processo civilizador” não caminha de forma linear e evolutiva, mas sim de modo contínuo, com impulsos e contraimpulsos alternados.

O desenvolvimento das redes de relações levou a uma expansão dos circuitos de regulação, que, modificados no tempo e no espaço, continuaram como tensas conexões entre as singularidades da interdependência social nos espaços urbanos e um crescente e complexo conjunto de instituições e regras de controle. Essas regras, segundo Elias, embora diferenciadas e transformadas por seus contextos, implicam ordens simbólicas de poder.

No conceito de interdependência, em Elias (1994b), cuja origem não pode ser determinada, vê-se que nenhum indivíduo ou grupo planeja de maneira racional esse fluxo de eventos, pois, segundo o autor (p. 194):

“planos e ações, impulsos emocionais e racionais de pessoas isoladas constantemente se entrelaçam de modo amistoso ou hostil. Esse tecido básico, resultante de muitos planos e ações isolados, podem dar origem a mudanças e modelos que nenhuma pessoa isolada planejou ou criou. Dessa interdependência

de pessoas surge uma ordem *sui generis*, uma ordem mais irresistível e mais forte do que a vontade e a razão das pessoas isoladas que a compõem. É essa ordem de impulsos e anelos humanos entrelaçados, essa ordem social, que determina o curso da mudança histórica, e que subjaz ao processo civilizador.”

Essa interdependência indica o caráter sociológico do pensamento eliasiano, destacando a preocupação com a sociedade e com o indivíduo não como ideias separadas, mas sim como partes de uma mesma relação. O indivíduo traz consigo fortes tendências incorporadas pelas pressões impostas da sociedade. Em contrapartida, a sociedade é formada por configurações de indivíduos e pelas próprias relações de dependência entre eles.

A despeito de as várias normas sociais terem surgido do interesse de grupos específicos, Elias (1994a) afirma que nenhum desses grupos ou pessoas tem controle sobre os rumos e as consequências dos eventos sociais. Isso nos coloca de volta à noção de interdependência, em que o universo de ações tomadas, as direções e os resultados não podem ser previstos por nenhum dos envolvidos. O autor enfatiza que (p. 69):

“Na verdade somos impelidos pelo curso da história humana como os passageiros de um trem desgovernado, em disparada cada vez mais rápida, sem condutor e sem o menor controle por parte dos ocupantes. Ninguém sabe aonde a viagem nos levará ou quando virá a próxima colisão, nem tão pouco o que pode ser feito para colocar o trem sob controle.”

A permanência dos bolivianos em São Paulo gera relações de interdependência com todos os indivíduos que vivem nessa sociedade. E, conforme Elias, não é possível prever como será o desenrolar dessas relações, até porque tem aumentado constantemente o fluxo de migrantes, ou seja, “novos” indivíduos passam a fazer parte dessa sociedade e consequentemente vão gerar novas relações entre si.

Diante dessa conjunção de pessoas, para Martins (2004), o conceito de multiculturalidade da cidade de São Paulo pode ser mais bem compreendido como uma multiculturalidade transitiva. Isso a torna bem diferente de metrópoles reconhecidamente multiculturais que o são porque se caracterizaram pela colagem de uma certa diversidade de culturas.

A multiculturalidade transitiva de São Paulo, apesar de suas referências históricas tendentes ao confinamento, segundo o mesmo autor, acabou se impondo pela complexa necessidade do trânsito multicultural numa cidade que foi recriada urbanística, arquitetônica e populacionalmente ao menos três vezes na época contemporânea: nas décadas de 1880, 1910 e 1960. Foram momentos culturalmente cataclísmicos que agregaram novos personagens ao cenário e, ao mesmo tempo, anularam velhos enredos.

Desse modo, a rigidez cultural de tradições e costumes arrefeceu para viabilizar a nova e recíproca adaptação dos moradores antigos e o acolhimento dos novos moradores. Martins (2004) adverte que é um erro afirmar que os paulistanos estão incondicionalmente abertos à multiculturalidade, pois só o estão no que se refere aos aspectos propriamente cotidianos da convivência, nos espaços em que a pluralidade é inevitável. Não obstante, em relação aos aspectos mais resistentes do privado e da vida familiar e comunitária, aos aspectos invulneráveis à ressocialização pluralista, os paulistanos estão fechados ao “outro”.

Assim, complementa o autor, tem sido característica do conjunto da população paulistana a diluição desses bloqueios com o passar das gerações. Tal fato caracteriza a transitividade num significativo equilíbrio entre manter elementos do essencial das culturas de origem e assimilar complementarmente aquilo que pode ser somado ou completado.

3.1- Etnografia

A Etnografia, base metodológica desta pesquisa, faz parte de uma prática dos estudos do *outro*. Os diferentes níveis de análises e tradições acadêmicas se distinguem com a utilização da Etnografia, que, para Lévi-Strauss (1970, p. 377), corresponde “aos primeiros estágios da pesquisa: observação e descrição, trabalho de campo”.

A utilização de técnicas e procedimentos etnográficos não segue padrões rígidos, mas, sim, o contexto e a percepção que o pesquisador desenvolve a partir do trabalho de

campo no contexto social da pesquisa. As técnicas devem ser adequadas à realidade em que será feito o trabalho de campo.

A pesquisação que norteou este trabalho se baseou nas ideias de Kemmis e McTaggart (1988), que enfocam a procura da mudança sendo sempre uma mudança para melhorar. Dessa forma, os seus principais objetivos são: melhorar a prática dos participantes, sua compreensão dessa prática e a situação em que se produz a prática. Além disso, objetiva envolver e assegurar a participação dos integrantes do processo, bem como estabelecer uma organização democrática da ação e um compromisso dos participantes com a mudança.

A Etnografia sugere uma observação participante e dependente da aceitação do pesquisador pelos envolvidos na pesquisa. Conforme Malinowski (1986), não se pode esquecer de que a inserção do pesquisador no grupo é fundamental para eficiência do trabalho etnográfico, e a sua permanência no local acarretará algum tipo de interferência.

Além disso, a dificuldade autoral da Etnografia permeia os trabalhos, pois é inevitável o risco que se corre num possível erro sobre a cultura estudada, até porque não devemos descartar ou desconsiderar os estudos anteriores feitos com os mesmos grupos. Assim, criamos a possibilidade de diálogo não só com os outros autores, mas também com suas próprias indagações, o que nos remete à produção de um trabalho com autoridade compartilhada com as outras pesquisas. Isso nos leva a acreditar na Etnografia como uma prática atualmente diversificada.

Concordamos com os argumentos de Almeida (2001, p. 21), em relação a essa discussão, quando afirma que:

“A Etnografia [...] assiste à construção de novos corpos singulares e coletivos politicamente orientados: caso da territorialidade, das identidades étnicas, das definições de paisagens-patrimônio; mas também de corpos com gênero, corpos com cor, com historicidade. Antropólogos, por um lado, são parceiros na emergência das ‘culturas híbridas’ – e, por outro, são membros de uma comunidade orientada para verdades e juízos. O nexos entre as suas duas posições é essencial para sua atuação e para sua contribuição no processo de construção de consensos necessários sobre a natureza do mundo social.”

Como abordagem de investigação científica, a Etnografia traz algumas contribuições para o campo das pesquisas qualitativas, em que a cultura não é vista como um mero reflexo de forças estruturais da sociedade, mas como um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e a ação humana. Também conhecida como pesquisa social, observação participante, pesquisa interpretativa, pesquisa analítica ou pesquisa hermenêutica, compreende o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas. Pode ser um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, formada por poucos ou por muitos elementos. Citamos como exemplo uma vila, uma escola, um hospital, os bolivianos praticantes de futebol em São Paulo, entre outros.

Esse tipo de estudo observa predominantemente os padrões mais previsíveis do pensamento e do comportamento humanos manifestos em sua rotina diária. Considera ainda os fatos e os eventos menos previsíveis ou manifestados particularmente em determinado contexto interativo entre as pessoas ou grupos.

Em Etnografia, holisticamente, observam-se os modos pelos quais grupos sociais ou pessoas conduzem suas vidas com o objetivo de “desvendar” o significado cotidiano no qual as pessoas agem. De acordo com Mattos (2001), o objetivo é documentar, monitorar, encontrar o significado da ação dos sujeitos.

Os autores que discutem a Etnografia envolvem períodos de observação que são necessários para que o pesquisador possa entender e validar o significado das ações dos envolvidos. Isso ocorre para que tal significado seja o mais representativo possível do significado que as próprias pessoas pesquisadas dariam à mesma ação, ao mesmo evento ou à mesma situação interpretada.

O significado local e a organização do significado local para as pessoas estudadas constituem aspectos importantes a serem observados no trabalho etnográfico. Quando existe um grupo de pessoas reunidas para uma socialização, uma ordem social é desenvolvida para aquele grupo particular de indivíduos (Hymes, 1977; Goffman, 1981). Isso acontece nas escolas, nas fábricas, nos hospitais, nos escritórios, na Praça *Kantuta*, ou onde quer que as pessoas se encontrem regularmente para se socializarem de alguma forma. Existe uma ética de organização e um significado que é peculiar a cada grupo especificamente.

A Etnografia está interessada no significado local para essas pessoas em particular. Existe um interesse geral em comparação com todos os outros modos de ser e de fazer que nós conheçamos como humanos, mas existe também o interesse no estudo de caso local, de ser bem específico sobre o significado da organização de um grupo particular de pessoas. O interesse no local e no particular está inerentemente conectado com o interesse no geral e no universal.

Uma das principais contribuições para esse entendimento aparece em Malinowski e Boas, enfatizados na obra de Laplantine (1996), quando discutem que a Etnografia só começa a existir a partir do momento em que se percebe a importância de o pesquisador estar no campo de pesquisa. Definida em Laplantine (1996, p. 150):

“a Etnografia é antes a experiência de uma imersão total, consistindo em uma verdadeira *aculturação invertida*, na qual, longe de compreender uma sociedade apenas em suas manifestações ‘exteriores’ (Durkheim), devo interiorizá-la nas significações que os próprios indivíduos atribuem a seus comportamentos”.

Todavia, a prática etnográfica exige mais do que a paciência do pesquisador para observar pessoas. Também é necessário fazer uso de todo o arcabouço teórico ofertado pela Antropologia para que os resultados possam ser proveitosos.

No campo da investigação sociocultural, a Etnografia se diferencia dos métodos tradicionalmente empregados nas investigações culturais que por muito tempo foram exclusivamente aceitos e recomendados para determinar certos aspectos sociais. Por constituir uma estratégia não convencional, cujo processo metodológico se centra mais nos aspectos qualitativos do que nos quantitativos, a Etnografia precisou de muito tempo para romper com o descrédito de alguns setores das ciências sociais.

Esse método coloca o pesquisador no interior de um determinado grupo, em que, por meio de uma observação participante (Malinowski, 1986), se busca compreender a lógica cultural e “o ponto de vista do nativo”. A Etnografia surge como ferramenta que possibilita o entendimento da diferença, da percepção do *outro*, de poder dar sentido a uma cultura que nos é estranha, e, ao mesmo tempo, estranhar aquela que nos é familiar. O processo de se familiarizar

com o exótico e de se estranhar o familiar proporciona um novo olhar reflexivo sobre a cultura alheia e a nossa cultura.

Em síntese, a Etnografia visa descobrir e descrever ações dos “nativos” de um determinado grupo dentro de suas interações sociais contextualizadas, buscando o sentido e o significado de suas representações, apresentados pelos próprios “nativos”.

As definições de representação são muito complexas e apreendidas como uma espécie de imagem mental da realidade composta por experiências individuais decorrentes da realidade social. De acordo com Magnani (1986), essa realidade seria constituída por elementos como família, vizinhos, bairro, profissão, classe social, entre outros. O autor ressalta que tais representações são formadas pelas condições sociais de inserção dos diversos agentes, e sua manifestação se dá pelo discurso, em processo de contínua reconstituição. Somado a isso, a análise dos discursos deve vir com a análise da prática, pois, segundo o autor, discurso e prática não são realidades que se opõem, mas constituem pistas diferentes e complementares para a compreensão mais clara dos significados.

Os sistemas simbólicos de ideias e valores que orientam e dão significado à conduta são construídos na prática coletiva, vivida pelos indivíduos e constituem, conforme Magnani (1986, p. 128), “uma espécie de imagem mental da realidade”, ou seja, são representações.

A etnografia também é considerada um caminho teórico-metodológico para se empreender um conhecimento, e esse caminho não depende de métodos somente, mas também de um esforço intelectual. Só compreendendo o que é Etnografia e sua prática é que se pode entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento.

Geertz, em suas obras, apresenta como razão primeira da Etnografia a possibilidade de se inventariarem as mais diversas respostas que o homem encontrou para dar sentido à existência na história do mundo. O autor (1989, p. 4) acrescenta ainda que a Etnografia contempla esses pontos ao confirmar que sua prática consiste em “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante” e se utiliza do termo de Gilbert Ryle, “descrição densa”, para afirmar que uma análise cultural nada mais é do que uma leitura sobre o real. Cabe acrescentar que essa leitura é de “segunda mão”, pois é uma reconstrução da realidade e não a realidade em si.

Pela mesma direção, Laplantine (1996) indica que, com base na descrição (Etnografia) e na análise, pretende-se refletir sobre o que Lévi-Strauss chamou de “estrutura inconsciente”, que pode ser encontrada de maneiras diferentes nas diferentes localidades.

3.2- Figuração, redes e poder

A fim de que, com base na prática do futebol pelos bolivianos em São Paulo, pudéssemos entender os significados e as relações interpessoais, buscamos em Norbert Elias alguns conceitos para alicerçar as discussões.

A grande contribuição do conceito de figuração diz respeito ao rompimento do abismo que coloca indivíduo de um lado e sociedade de outro, quebrando a ideia da possibilidade da existência de uma sociedade independente de seus indivíduos. A figuração nos faz compreender a teia de relações de indivíduos interdependentes ligados entre si. Em sua obra *Introdução à sociologia* (2005), Norbert Elias sugere que esse conceito seja um instrumento que visa afrouxar o constrangimento social de se pensar ou discutir indivíduo e sociedade como antagônicos e diferentes.

Nessa mesma obra, Elias assinala que as pessoas são orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das maneiras mais diversificadas possíveis, tudo de acordo com suas disposições e inclinações. Essas relações compõem as teias de interdependência ou configurações que podem ser de vários tipos, como a família ou a escola e, em grande escala, as cidades e os estados. O mesmo autor (1994) faz analogia das configurações com uma dança de salão, em que as ações das pessoas ao dançarem são interdependentes naquele local e no momento da dança.

Tais configurações, mutáveis, constituem o próprio centro do processo de configuração. Nesse conjunto há um equilíbrio chamado por Elias de “flutuante e elástico” que se move ou se inclina ora para uma direção, ora para outra. Assim sendo, esse “equilíbrio flutuante” pode ser considerado característica estrutural do fluxo de cada configuração.

Uma das preocupações de Elias diante desse conceito se refere às cadeias de interdependência grandes e diferenciadas, como é o caso de grandes centros urbanos. Nessas situações, as configurações também existem, mas não é possível percebê-las diretamente, pois as cadeias de interdependência que as ligam são maiores e conseqüentemente mais diferenciadas. O autor enfatiza que essas figurações, por serem tão complexas, devem ser abordadas indiretamente e compreendidas mediante uma análise dos elos de interdependência.

A situação em que vivem hoje os bolivianos em São Paulo é muito bem esclarecida com a alusão feita por Elias. Na verdade, podemos supor que as configurações existentes hoje têm seu início na década de 1960 quando os judeus eram os donos das confecções, depois os coreanos e hoje os bolivianos.

As pequenas confecções desses bolivianos em São Paulo são, em sua maioria, constituídas como um empreendimento familiar e de certa forma artesanal que tende a crescer e se valer de tecnologias mais avançadas. Essas confecções se utilizam de uma rede de aliciamento e contratação de mão de obra predominantemente “indocumentada” e com baixa remuneração.

As redes e as configurações existentes hoje continuam em mudanças. Vimos que o poder, num mesmo ramo de trabalho (costura) e local (São Paulo), passou, num período de aproximadamente 50 anos, por três grupos distintos: judeus, coreanos e bolivianos. Ratificam-se, então, as ideias de Elias ao apontar a elasticidade e o desequilíbrio precedido de um equilíbrio na balança de poder.

Além disso, o processo continua dinâmico e com alternância porque o atual presidente da Bolívia, Evo Morales, acaba de ser reeleito e, em seus discursos, sempre frisa o orgulho que tem dos bolivianos fora da Bolívia. Esse orgulho é explicado pelo fato de os bolivianos que vivem fora da Bolívia enviarem quantias em dinheiro para o país a fim de sustentar seus familiares e conseqüentemente aumentar a receita local.

Ressaltamos que, nas últimas eleições presidenciais da Bolívia, ocorrida em 6 de dezembro de 2009, os bolivianos que não residem em território boliviano poderiam votar e assim o fizeram. Dos votos fora da Bolívia (Argentina, Brasil, Espanha e Estados Unidos – Evo perdeu apenas nos EUA), Evo Morales obteve 75,77%, tendo sido reeleito com 64,22%. Pudemos presenciar, nos meses que antecederam as eleições, que muitos políticos da coligação de Evo Morales estiveram presentes na Praça *Kantuta* fazendo comícios e distribuindo material

de campanha, como bonés e camisetas. Alguns frequentadores, em conversas informais, demonstrando serem contrários ao governo de Evo, comentavam que os políticos da oposição não têm espaço na praça para divulgar suas ideias no Brasil.



Bolivianos, bairro do Brás, São Paulo, em 2009, votando para presidente da Bolívia. (Deborah Giannini, do R7)

Com a atual situação do país de “repatriar” todos os recursos naturais, principalmente o gás que era explorado por estrangeiros, entendemos que novas e diferentes configurações estão por se formar nesses contextos, reorganizando a sociedade local e fora do território.

Muitas pessoas ainda se sentem incomodadas ao falar sobre o termo “poder”, pois historicamente, durante o processo de desenvolvimento da sociedade humana, o poder esteve posto de maneira extremamente desequilibrada. Algumas pessoas ou mesmo grupos de pessoas que tinham facilidade de acesso ao poder o exerciam de modo brutal e violento de acordo com as suas finalidades. Ressaltamos que tal poder está sempre posto em uma balança onde o equilíbrio, que não é uma ocorrência extraordinária e sim do cotidiano, segundo Elias (2005, p. 80):

“não se encontra unicamente na grande arena de relações entre os estados, onde é frequentemente espetacular, atraindo grande atenção. Constitui um elemento integral de todas as relações humanas.”

De modo geral, tal como nessas relações humanas, o poder é, nas palavras do autor, pelo menos bipolar ou multipolar. Independentemente da grandeza ou da pequenez, as diferenças e o equilíbrio de poder sempre se fazem presentes em qualquer relação em que haja interdependência funcional entre pessoas. O poder também, segundo Elias (2005, p. 101), pode ser considerado de modo inequívoco uma:

“característica estrutural de uma relação, que a penetra totalmente; como característica estrutural que é, não é boa nem má. Pode mesmo ser boa e má. Dependemos dos outros; os outros dependem de nós”.

Todo indivíduo depende de algum ou de alguns outros indivíduos, bem como os outros dependem destes. O poder nas relações depende da medida de dependência que cada um tem do outro, ou seja, quanto mais um indivíduo é dependente do outro, ou dirigido pelo outro, menos poder ele tem. Essa dependência pode ocorrer pelo uso da força, do afeto, do amor, do dinheiro, da cura ou do estímulo, lembrando que tais relações não são estáticas. Elas são, conforme Elias (2005), processos.

Em organizações, o poder não é executado somente por meio da democracia, mas também por uma base sólida que permita sua subsistência de forma aceitável diante de todos os membros da organização.

De acordo com Weber (1994, p. 33), “o poder é toda probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências”. Assim, o poder é a capacidade de impor a sua própria vontade, ou por meio de coerção pelo uso da força, ou ainda por meio de recompensas e punições determinadas pelas relações entre os agentes sociais, ou seja, pela influência que se pode exercer sobre o outro.

Ainda em Weber (1994, p. 139), apresenta-se o poder como “a probabilidade de encontrar obediência para ordens específicas dentro de um determinado grupo de pessoas”. É o que se chama de “dominação”.

Assim sendo, a legitimidade se dá pelo respeito das pessoas, afirmando que legitimidade é uma aprovação social. A primeira ideia que se tem de legitimidade é que tal noção

pressupõe um conjunto de valores, ou seja, elementos que remetem à autoridade e ao exercício do poder, que os torna aceitos, independentemente do uso da força e das punições.

Weber (1994, p. 141) destaca três tipos de dominação legítima, baseadas em: carisma, tradição e lei. O caráter carismático é baseado na veneração, pelo poder heroico ou pelo exemplo de uma pessoa. O tradicional é baseado no simbolismo, nos costumes e nas práticas do passado. Por fim, o racional, ou legal, é aquele baseado na lei, no direito de mando nomeado a alguns. A legitimidade pode ser definida como o consenso, determinado pela maioria dos agentes sociais, de que as ações empreendidas são de fato corretas e favoráveis a todos os envolvidos em um determinado ambiente.

Com base em tais questões, as equipes de futsal que jogam na Praça *Kantuta* têm seus delegados que cuidam dos times. Esses “donos” têm certo poder diante dos jogadores da equipe, pois são eles que permitem ou não a algum indivíduo participar do grupo. Esse poder, observado, raramente entra no âmbito técnico ou tático da equipe, pois o conhecimento da modalidade, no que se refere a montar a equipe, fazer substituições de jogadores, discutir regras ou posicionamentos, está bem longe desses técnicos da modalidade. Detectamos que esses delegados, além de pagarem as contas, são grandes aficionados pelo futsal e fanáticos pela equipe, tornando-se entusiastas durante as competições, até certo ponto detentores de poder no contexto.

Elias (1994b) alerta para os cuidados que devemos tomar ao usar o termo “poder”, pois dizer que uma pessoa detém grande poder remete a ideias místicas e mágicas. O poder não é um “amuleto” que uns têm e outros não, mas sim uma característica estrutural de todas as relações humanas.

3.3- Lazer

O termo “lazer” sempre foi muito discutido principalmente quando se pensa em questões relacionadas à qualidade de vida. Algumas pessoas, principalmente por influências da

mídia, postulam o lazer como um produto a ser consumido. Não obstante, a popularização do tema diminui em parte tal visão capitalista do lazer, como algo que possa ser simplesmente comprado.

O tempo livre, nos dias atuais, é visto como elemento indispensável na busca de melhor qualidade de vida. Segundo Magnani (2003), as atividades que preenchem esses momentos e as formas pelas quais as pessoas desfrutam essas situações constituem uma boa via de acesso para que se possam compreender a dinâmica cultural e os valores sociais contemporâneos de determinados grupos.

Diante desse tema, vamos nos ater a Elias que indica o lazer como: “uma ocupação escolhida livremente e não remunerada – escolhida, antes de tudo, porque é agradável para si mesmo” (Elias e Dunning 1992, p. 107).

Em todos os momentos históricos do ser humano, o controle se fez presente. Na obra em que discute o processo civilizador, Elias (1994b) enfoca o processo pelo qual se deu o controle das emoções até a conjuntura atual. Com o passar do tempo, esse controle parece estar enraizado no subconsciente das pessoas. Elias e Dunning (1992, p. 103) expõem que:

“o controle que exercem sobre si tornou-se, de certo modo, automático. O controle – em parte – já não se encontra sob o seu domínio. Tornou-se um aspecto da estrutura profunda da sua personalidade”.

Na obra de Elias (1994b), o autor afirma que existe a necessidade de buscar um equilíbrio desse autocontrole que poderia ocorrer na prática de atividades em que acontecesse a liberação de emoções e sentimentos reprimidos, a chamada catarse, tendo como destaque o lazer.

Nessa linha, Gebara (2002, p. 85) ressalta que o futebol na praça faz isso acontecer e afirma que:

“As relações entre lazer e o não lazer tornam-se um equilíbrio entre tensões flutuantes. A função do lazer, se é que assim podemos nos expressar, não é liberar tensões compensatórias e sim, restaurar tensões agradáveis e desrotinizadoras, capazes de recuperar e integrar todas as esferas da vida”.

Essa busca pela excitação nas atividades de lazer, principalmente as de caráter mimético, está ligada à manifestação de sentimentos reprimidos pelo autocontrole ou pelas imposições da sociedade.

O conceito de *mimesis* apresentado por Taussig (1993) nos auxilia quando assinala que a faculdade mimética pertence à “natureza” que têm as culturas de criar uma segunda “natureza”. Todavia, essa faculdade não acontece meramente pela cópia do original, mas também por meio de ressignificações que cada cultura consegue desse original, influenciando, como consequência, o próprio original.

Os bolivianos que vivem em São Paulo, cada qual com suas lentes, ao depararem com o cotidiano da vida no Brasil, fazem suas interpretações e suas reinterpretações dos novos destinos que ora se moldam em suas vidas. Assim, a faculdade mimética que esses indivíduos possuem, para transformar e ressignificar os novos saberes adquiridos no nosso país, tem uma grande explicitação demonstrada por meio da organização que se dá pela prática do futebol. Consequentemente:

“Um olhar atento sobre o futebol pode revelar diversas realidades antropológicas interessantes. Ou seja, sob forma moderna e esportiva, práticas culturais arraigadas no ser humano independentemente de seus ambientes históricos específicos. Mais do que atento, porém, tal olhar deve estar despido de preconceitos, de valores externos ao futebol”. (Franco 2007, p. 212)

Tanto em circunstâncias de excitação séria como as de lazer (miméticas), os indivíduos experimentam níveis de excitação iguais em termos fisiológicos e distintos em aspectos sociológicos e psicológicos. Sem nenhum tipo de controle, as situações sérias poderiam trazer riscos para o indivíduo e para a sociedade enquanto as atividades miméticas estariam livres desse processo, observam Reis e Giacomello (2005). Sobre isso, Elias e Dunning (1992, p. 112) afirmam que:

“Sob a forma de fatos de lazer, em particular os da classe mimética, a nossa sociedade satisfaz a necessidade de experimentar em público a explosão de fortes emoções – um tipo de excitação que não perturba nem coloca em risco a relativa ordem da vida social, como sucede com as excitações de tipo sério”.

A tensão faz parte do contexto da vida humana e é procurada pelos indivíduos como seres sociais. Na Praça *Kantuta*, principalmente durante os jogos de futsal, verificou-se que existe por parte dos participantes um nível de excitação que não é tão grande e explícito, pois o ambiente ao redor do contexto é predominantemente familiar. Isso estabelece alguns comportamentos que não podem e não devem ser exaltados.

Elias e Dunning (1992) sugerem que algumas modalidades esportivas suscitam um clima quase que de uma guerra. Mesmo assim se faz necessário conciliar a busca da excitação agradável de descontrole com os dispositivos sociais e de vigilância, para manter o controle dessas excitações.

Ressaltamos que tal excitação não está presente apenas naqueles atletas envolvidos diretamente no esporte, mas também nos espectadores. Ainda que pouco envolvidos diretamente com o jogo, os espectadores do futebol na praça fazem parte do contexto. Por isso, Elias e Dunning (1992, p. 134) alertam que:

“A tensão do jogo comunica-se visivelmente aos telespectadores. A sua tensão, a sua excitação crescente comunica-se, em contrapartida, aos jogadores, e assim por diante, até que a tensão atinge um ponto em que apenas se pode suportar e conter, no limite, sem ficar incontrolada”.

As atividades de lazer, principalmente o esporte, que possui grande relevância social, demonstram ser um bom caminho para compreender relações existentes nas diferentes sociedades. Essa busca pelas atividades, como geradoras de emoções para o entendimento das relações humanas e as suas evoluções, é um bom fomento de dados.

A prática do futebol pelos bolivianos na Praça *Kantuta* envolve não apenas os jogadores, mas também uma grande quantidade de espectadores e uma rede que se forma entre os dirigentes e os “donos” das equipes, os “delegados”, os feirantes, as famílias e os frequentadores em geral.

Grande parte dos bolivianos opta, talvez por falta de opção, quase que exclusivamente, como atividade de lazer no Brasil, pela prática do futebol, como mostram os resultados da pesquisa. Esse fascínio pelo futebol acontece, de acordo com Franco (2007), por ser

uma fresta de liberdade. Poucos bolivianos praticam outras atividades de lazer. Quando o fazem, vão a parques ou praças públicas.

3.4 – Futebol: fenômeno mundial

O futebol, difundido e divulgado em todas as partes do mundo, foi o esporte escolhido como base inicial para o desenvolvimento deste trabalho. Visto que os sujeitos que forneceram as informações para este estudo são praticantes de futebol, julgamos prudente tecer algumas considerações acerca desse fenômeno mundial que é, segundo Franco (2007, p. 180), “a maior indústria do planeta”.

Ainda que o foco deste estudo não seja o futebol, mas sim as configurações existentes baseadas nessa prática na Praça *Kantuta*, algumas considerações sobre tal modalidade no mundo, no Brasil e na Bolívia merecem destaque para que se entendam alguns dados.

Antes de nos referirmos propriamente ao futebol, é importante ressaltar que a modalidade faz parte de um campo maior de estudos denominado esporte que também tem muitas correntes de discussão acerca do tema. Entretanto, vamos nos pautar em considerações do amplo mundo que envolve o futebol e não propriamente da modalidade em quadra ou no campo. O futebol, que nos brindou como o grande portal de acesso ao grupo de bolivianos pesquisados neste trabalho e que merece entendimento, pode ser considerado uma linguagem universal, porquanto: “O futebol tem profundos e inegáveis aspectos antropológicos, religiosos e psicológicos, que para serem comunicados fizeram dele uma linguagem” (Franco 2007, p. 182).

Quando colocamos a palavra-chave “futebol” em *sites* de busca, a quantidade de páginas referentes ao tema fica em torno de 22 milhões. Só no Brasil esse número ultrapassa os 6 milhões e, somado ao carnaval e à religião, segundo Bellos (2003), forma a Santíssima Trindade da cultura popular brasileira.

Alguns outros números apresentados por estudos da Fundação Getulio Vargas demonstram a grandeza dessa modalidade. Em relação aos esportes, existe um giro no mundo em torno de US\$ 1 trilhão/ano enquanto no Brasil a cifra é de R\$ 30 bilhões/ano (FGV). Já quando o dado é só do futebol, no mundo o valor é de US\$ 216 bilhões/ano (Imperial College Londres) e no Brasil de US\$ 7 bilhões/ano (Imperial College Londres).

Evidentemente esse tema, endossado por esses números, é um campo extremamente fértil para estudos e pesquisas. Não obstante, grande parte dos estudos sobre futebol se restringem a questões técnicas, táticas, regras, treinamento e história¹¹. As ciências humanas enxergaram nessa modalidade muitas possibilidades de estudos, o que também aguçou o nosso interesse pelo tema, como é o caso da professora Heloisa Helena Baldy dos Reis (2006), que estuda a violência; Luiz Henrique de Toledo (1996), que estuda as torcidas organizadas; Jocimar Daolio (2006, 2005), que estuda as relações com a sociedade e cultura, bem como as superstições, e outros.

Além disso, Giulianotti (2002, p. 25) acrescenta que o código do futebol universal: “é utilizado para expressar formas particulares de identidade social e cultural”.

Na Educação Física, inúmeras discussões recaem na prevalência ou na prioridade do grau de importância das ciências naturais e das ciências sociais para a formação docente. Elias (1994a, p. 71), em sua colocação, nos conforta, dizendo que:

“As ciências naturais normalmente influenciam o pensamento popular sobre os eventos naturais restando as noções afetivas, especialmente através do sucesso prático de sua aplicação aos problemas técnicos. As ciências sociais, por sua vez, ainda tendem a ser vivamente influenciadas, em suas ideias afetivas que prevalecem na esfera pública de suas sociedades”.

A origem do futebol está nos jogos tradicionais europeus, contendo elementos culturais próprios da sociedade local. Seu desenvolvimento se deu numa filosofia racionalista, própria dos últimos séculos, indica Rocha Ferreira (1998, 2002).

¹¹ Concordamos com Franco (2007, p. 24) quando sinaliza que: “a história do futebol não pode ser dissociada da história geral das civilizações”.

O surgimento do futebol faz parte de um processo maior de mudanças sociais relacionadas à organização do estado, à elaboração de regras, ao controle de comportamentos e poder. O passatempo das classes altas, que se tornara muito violento, necessitava ser revisto para que pudesse ter continuidade em sua prática. Com a criação de regras, foi possível que um time jogasse contra o outro, respeitando o que fora estabelecido previamente. Ressaltamos que essas regras não estão desvinculadas das mudanças sociais. É preciso observar as alterações num âmbito global, sofrendo influências umas das outras. O comando e a direção dessas mudanças não são imóveis, são consequências de um processo.

O futebol, relacionando-o às obras de Norbert Elias sobre o processo civilizador, com o tempo passa a ser comandado e dirigido por indivíduos e instituições que tentam restringir comportamentos que permitam a vida em sociedade, controlando os interesses individuais em nome do bem comum. Esse processo é influenciado por um complexo desenvolvimento em longo prazo inter-relacionado que inclui o crescimento econômico, a divisão do trabalho, o monopólio estatal de taxação e de violência de uma democratização social.

É com o estabelecimento de regras para a prática que, com sua expansão espacial e demográfica, essas instâncias representativas e decisórias criadas no futebol, como o árbitro¹², o capitão do time, o presidente do clube¹³, o representante da federação, entre outros, constituem microssociedades à imagem e semelhança da macrosociedade que organiza e dirige a modalidade.

A criação das regras formais do futebol, segundo Fassheber (2006), permitiu a disciplinarização dos corpos dos jogadores em seus comportamentos nas diferenciadas funções e redes de interdependência inerentes ao esporte. Ele, na modernidade, é controlado por regras, havendo a divisão de funções, o número de pessoas envolvidas, o controle das pulsões, entre outras questões que compõem uma variada rede de interdependência nesse contexto.

O esporte, de acordo com o mesmo autor, foi extremamente positivo nos procedimentos para frear violências que não mais cabiam nas sociedades. Além disso, foi utilizado como mecanismo de extravasamento controlado das emoções. Tal qual em outros

¹² Para Norbert Elias, o juiz veio representar a materialização da codificação das regras, não apenas pelo controle do tempo, mas principalmente pelo controle dos níveis das tensões exacerbados num jogo.

¹³ Em relação aos clubes, Halfpap (*in* Garamond 2002, p. 16) afirma que: “Há componentes tribais fortemente atuantes no clube de futebol”. Bellos (2003) mostra a grande visibilidade que tem um presidente de clube que se utiliza disso para ingressar na política e na captação de votos.

aspectos da vida, no esporte a violência e as emoções precisavam ser controladas, sendo, então, um processo civilizador difundido em longo alcance e por longa duração. Elias e Dunning (1992) se referem ao esporte construído na modernidade como elemento mimético da guerra para o controle das emoções.

A vantagem do esporte no controle dessas emoções está no fato de possibilitar às pessoas uma experiência de excitação total de uma disputa, sem seus perigos e riscos, principalmente os físicos. Os aspectos miméticos do esporte estão na imitação por vezes de fatos da vida real. No futebol, por exemplo, o esquema de jogo de uma equipe e a destreza dos jogadores permitem que o prazer do confronto se desenvolva sem ferimentos ou mortes (Elias e Dunning 1992).

A não violência e o jogo limpo, pelo menos no plano ideal conhecidos hoje como *fair play*, fazem parte de sentimentos cada vez mais difundidos e dominantes, por conta da difusão do autocontrole das emoções. Todavia, nem sempre as emoções são controladas em um plano ideal, como observa Geertz (1989), para quem, se, por um lado, a cultura oferece um *modelo para* o comportamento, a sociedade, por outro, estabelece um *modelo de* comportamento nem sempre congruente com a planificação original. Assim, extravasar emoções com picos de maior descontrole pode acontecer.

O futebol hoje é praticado e divulgado da maneira como é, em razão do somatório de todos os fatores desencadeados individualmente por aqueles que, de maneira direta ou indireta, estiveram ou estão envolvidos nos processos. Entretanto, nada fora planejado para que se tornasse esse grande fenômeno mundial, tampouco fora previsto alcançar tal patamar.

O caráter democrático existente no futebol também é fascinante, não existindo nenhum tipo de definição dos participantes por conta de aspectos físicos. Todos podem participar independentemente da altura, peso ou velocidade, de acordo com Giulianotti, (2002). Há ainda um equilíbrio gerado entre o individual e o coletivo, em que a posição funcional, num olhar sociológico, sugere que a cultura do futebol nada mais é do que uma reprodução direta de relações sociais mais amplas. O mesmo autor diz que o futebol certamente é modelado por uma sociedade e dentro de uma sociedade mais ampla, produzindo seu próprio universo de relações de poder, significados, discursos e estilos estéticos. Esse contexto expressa aquilo que acreditamos existir entre os bolivianos que jogam futebol no Brasil.

De acordo com Daolio (2000), principalmente no Brasil, o futebol é uma forma que a sociedade encontrou para se expressar e para extravasar emoções como paixão, ódio, felicidade, tristeza, prazer, dor, fidelidade, resignação, coragem, fraqueza e tantas outras. Por ser dinâmico, o autor salienta que esse esporte reflete a própria sociedade brasileira.

O futebol, “melhor metáfora do Brasil como um todo” (Cony *in* Garamond 2002, p. 44), pode servir para estudar algumas questões relacionadas às sociedades. Todavia, concordamos com Giulianotti (2002, p. 12) quando afirma que:

“os aspectos do futebol somente passam a ser significativos quando colocados em seu contexto histórico e cultural. O futebol não é dependente nem sequer isolado das influências do meio mais amplo; existe uma relativa autonomia entre os dois.”

Ainda que a globalização favoreça a prática e a divulgação do futebol por meio da quantidade de informações e fatos originados e destinados a todas as partes do planeta, assentimos Giulianotti (2002). O autor indica que lugares e sociedades diferentes geram percepções diversas em relação aos estilos e à estética do futebol. Essa globalização, até certo ponto, permite o encontro de abordagens e filosofias do “outro”.

O futebol sofreu e ainda sofre muitas alterações em todos os quesitos a ele relacionados, desde regras, material, campos, entre outros. Quem busca o futebol está à procura de algo que, no seu trabalho diário, não pode ser alcançado. Nos termos de Elias e Dunning (1992), essa busca por uma excitação agradável é peça fundamental na satisfação do lazer, em que o espaço permite a quebra de rotina, além do descontrole controlado das emoções. As atividades profissionais do dia a dia têm certa obrigatoriedade que não acontece no futebol, modalidade em que se procuram emoções agradáveis. Bellos (2003, p. 103) busca, num grande jogador brasileiro, essa relação, afirmando que: “Garrincha simboliza jogar pelo prazer do jogo. O Brasil não é um país de vencedores. É um país de gente que gosta de se divertir”.

Talvez seja pela busca dessa excitação (Elias e Dunning 1992) que o futebol, diante de sua imprevisibilidade, pode ofertar muitos momentos de prazer para quem o procura, até porque, nas palavras de Wright (*in* Garamond 2002, p. 39), “O futebol é uma caixinha de surpresas”.

Assim sendo, o futebol ainda é considerado por alguns uma atividade de espírito infantil praticada por adultos. Outros pensam o futebol como algo muito importante, às vezes até central. A única questão que muda, com o tempo e com os diferentes grupos de indivíduos que praticam futebol, é o significado que é dado a ele. Segundo Franco (2007), por razões ideológicas, sociais, culturais, religiosas, psicológicas, cada indivíduo ou grupo atribui um diferente significado à prática.

Nesta matéria, ressaltamos em Vargas citado por Agostino (2002, p. 233) que:

“O futebol, temos que admitir, é um eficaz caldo de cultivo da lógica tribal. E das lógicas intertribais às múltiplas possibilidades de representação da guerra há, de fato, uma margem muito estreita”.

A complexidade cultural, que se refere ao conhecimento, à quantidade de informações que os atores possuem; bem como a complexidade social, que se refere à interação social desses atores, às posições e às distâncias sociais existentes entre eles, fazem parte do complexo mundo do futebol moderno.

Hoje, a interação entre os participantes do futebol (seja em que posição for: jogadores, dirigentes, torcedores, repórteres, políticos, patrocinadores, entre outros) ocorre de maneira muito incisiva, principalmente pelos meios de comunicação. Isso favoreceu um aumento significativo nos atores que participam desse evento, sinaliza Giulianotti (2002).

3.4.1- Futsal: esporte novo

Especificamente na América do Sul, três países historicamente têm destaque na prática do futebol: o Brasil, a Argentina e o Uruguai. Na verdade, toda a América Latina é apaixonada pelo futebol, mas historicamente essas três nações realizaram feitos no futebol que as diferenciam das outras.

Grande parte dos praticantes destacados do futebol latino é oriunda de classes sociais baixas ou, nas palavras de Giulianotti (2002, p.181): “o gênio no futebol é encontrado e cultivado mais facilmente nos *potreros* (terrenos baldios) e favelas de Buenos Aires e do Rio de Janeiro”. Evidentemente, com a diminuição desses locais de prática do futebol na moderna sociedade urbana, é explicável a diminuição do número de aparecimento desses “gênios”.

O futebol, como um fenômeno cultural, não necessita de ser destacado pela sua especificidade da prática, ou seja, não interessa se estamos nos referindo ao futebol de campo ou ao futsal. Mesmo assim, apresentamos algumas diferenças entre as duas modalidades para melhor entendimento:

QUADRO 1 – Diferenças entre futebol de campo e futsal

	Futebol de campo	Futsal
Número de jogadores	11	5
Número de substituições	3	Sem limite
Tempo de jogo	2 tempos de 45’	2 tempos de 20’
Tamanho do local	Máxima: 90m X 120m / Mínimo: 45m X 90m	40m X 20m
Tamanho do gol	7,32m X 2,44m	2m X 3m
Árbitros	1 árbitro + 2 auxiliares	2
Faltas	Sem limite	Máximo 5 faltas
Arremesso lateral	Com as mãos	Com o pé

Autor: Ubiratan Silva Alves

A despeito disso, foi na prática especificamente do futsal que buscamos as informações desta pesquisa. Por isso, vemos a necessidade de fazer um sobrevoo em relação a algumas questões relacionadas a essa modalidade especificamente.

O futsal é uma modalidade nova, criada no final dos anos 80 a partir do futebol de salão, após um acordo entre a FIFUSA (Federação Internacional de Futebol de Salão) e a

FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado). O futsal herdou do futebol de salão grande parte de seus fundamentos. Com a grande organização que passou a comandar a modalidade, a FIFA, a expansão do futsal foi algo surpreendente no mundo, deixando de ser apenas praticada predominantemente na América do Sul, onde tradicionalmente Brasil e Paraguai tinham hegemonia.

A FIFUSA organizou os campeonatos mundiais de futebol de salão com muita força, até a FIFA criar e gerenciar o futsal no início dos anos 90. Até então a hegemonia e a prática se restringiam à América do Sul. O futebol de salão perde forças diante desse quadro, e o futsal começa a ter maior visibilidade mundial, contando com a prática em países da Europa e nos Estados Unidos.

Enfraquecida a FIFUSA, os países que ainda faziam parte dela se reúnem e criam uma entidade para manter a prática do futebol de salão na América do Sul. Em 1990, criam a PANAFUTSAL (Confederação Pan-Americana de Futsal), tendo a Bolívia como uma de seus fundadores. Em 2000, há sem sucesso uma tentativa de aproximação da nova entidade com a FIFA. Esse episódio levou os integrantes da PANAFUTSAL a tentarem expandir suas ideologias para o âmbito mundial, criando a AMF (Associação Mundial de Futebol de Salão) e contando com a participação tanto da Bolívia quanto do Brasil.

É importante ressaltar que a prática do futebol de salão é diferente da prática do futsal. O primeiro ainda mantém praticantes pelo mundo, mas principalmente pela América do Sul, incluindo Bolívia e Brasil. Já o futsal, que tem respaldo da FIFA, tem adeptos por todo o mundo em número bastante elevado, sendo amplamente divulgado. No Brasil, a prática dos bolivianos é quase que restrita ao futsal.

3.4.1.1- Futsal no Brasil

No Brasil, a CBFS¹⁴ (Confederação Brasileira de Futebol de Salão) é a entidade que comanda a modalidade no plano nacional. Estima-se que o número de praticantes de futsal no Brasil ultrapasse a barreira dos 20 milhões, como mostra Alves e Bello (2008). Esse número inclui tanto os praticantes que têm algum registro em federações quanto os que praticam de maneira não cadastrada, como é o caso daqueles relacionados a esta pesquisa, pois o futsal não necessita de grandes investimentos para ser praticado.

O futsal no Brasil é praticado em três segmentos, de acordo com Tubino (2005): recreacional/lazer, educacional e de competição/*performance*¹⁵. Educação Física escolar tem como um de seus principais conteúdos o futsal, o que, diante de todas essas possibilidades práticas, levou o Brasil a ser o grande país do futsal, considerado berço da modalidade e maior ganhador de competições internacionais. Soma-se a isso a enorme quantidade de atletas, técnicos, preparadores físicos, árbitros e dirigentes que o Brasil exporta constantemente para todas as partes do planeta.

Muitas crianças bolivianas que estudam no Brasil praticam futsal nas escolas com os brasileiros.

¹⁴ Mesmo mantendo o nome original “futebol de salão”, ressaltamos que essa modalidade atualmente praticamente inexiste no Brasil. A entidade em questão dirige o futsal em âmbito nacional.

¹⁵ Na vertente do lazer, o praticante se entrega às atividades e fica plenamente envolvido; não percebe o tempo passar, não sente dor, frio, calor, fome, sede etc. No segmento educacional, predominantemente utilizado em âmbito escolar, todos têm direito de participar independentemente do nível motor, das condições físicas, das condições sociais, das condições econômicas, das condições culturais, das condições étnicas, da opção religiosa, da opção sexual, entre outras. No plano da competição, a prática esportiva se torna elitizada e seletiva, portanto, não é para todos. Nessa linha de prática, a cobrança por resultados é predominante. A lógica da competição, ou seja, indivíduos disputando algo, se faz presente nos três segmentos de prática. Entretanto, em cada vertente há o predomínio de determinado objetivo.

3.4.1.2- Futsal na Bolívia

A Bolívia não tem nenhuma expressão em eventos mundiais dessa modalidade. Participou de alguns campeonatos mundiais de futebol de salão e obteve pouco êxito. Com a criação e o comando do futsal pela FIFA, a Bolívia não participou de nenhum campeonato mundial.

A FEBOLFUSA (Federação Boliviana de Futebol de Salão) é a organização que comanda e dirige a modalidade em território boliviano.

Um dos informantes, que foi ex-jogador de futebol profissional na Bolívia, ressalta que os atletas profissionais naquele país fazem uso indiscriminado de drogas (coca e maconha) e de álcool, dificultando suas atividades por longo tempo no esporte; suas carreiras, então, terminam precocemente. Segundo um informante, os bolivianos, principalmente após a prática do futebol, fazem “festas” em bares, de terça a domingo, regadas com muitas bebidas alcoólicas. Esses momentos, para muitos bolivianos, não têm limite, e, nas palavras do informante, “o boliviano bebe até cair!”.

CAPÍTULO 4

OS BOLIVIANOS E A PRAÇA *KANTUTA*

4.1- Praça *Kantuta*: local da produção de conhecimento

Lévi-Strauss (1970) indica que os primeiros passos de uma pesquisa, na linha pela qual optamos, se dão por meio da observação e da descrição num trabalho de campo, ou seja, no local onde se decidiu coletar os dados. Segundo Laplantine (1996), estar no local é fundamental para que o pesquisador tenha imersão no campo e obtenha subsídios nas análises.

Em Geertz (1989), ratificamos nossa inserção no campo, pois, segundo o autor, fazem-se necessários o estabelecimento de relações e a seleção dos informantes a fim de mapear o campo e construir um diário. Gilbert Ryle, citado por Geertz (1989), utiliza o termo “descrição densa” para esses procedimentos, afirmando que a análise cultural se dá pela leitura da realidade do local.

Baseados nesses argumentos, optamos por escolher a praça como local da pesquisa. Também decidimos ficar lá por um tempo suficiente que nos desse noção de entendimento do funcionamento das relações entre as pessoas envolvidas com a praça.

A Praça *Kantuta*, antes de ser oficializada, passou por muitas ocorrências. O primeiro local de encontro de bolivianos em São Paulo acontecia na Praça Padre Bento, popularmente chamada de Praça do Pari, que abriga a Igreja de Santo Antonio do Pari. Nesse local, os bolivianos eram atraídos pelas ofertas de emprego nas confecções em São Paulo.

No início, os encontros, aos domingos à tarde, aconteciam de forma pacífica, para rever amigos compatriotas, degustar comidas típicas, comprar produtos típicos, “paquerar” e até conseguir trabalho. Entretanto, o elevado número de imigrantes oriundos não apenas da Bolívia, mas também de outros países da América Latina, fez essa ocupação começar a

incomodar os antigos moradores do local, em razão de barulho, sujeira e segurança, principalmente pelo excesso de consumo de bebidas.

As brigas relacionadas a essa ocupação geraram um abaixo-assinado dos residentes locais e culminaram com a expulsão dos bolivianos da praça em 2002. Os moradores, segundo Silva (2005c), diziam que o local “tem dono” e os “legítimos” frequentadores resolveram restabelecer a “ordem” e a “tranquilidade” que “eles” (bolivianos) tiraram.

Constatamos que o bairro do Pari e alguns bairros vizinhos dessa região acolheram, nas décadas de 1910 e de 1920, grande parte dos imigrantes portugueses, espanhóis e italianos por conta da proximidade do Rio Tietê e da instalação de um dos maiores pátios ferroviários da cidade de São Paulo, o Pátio do Pari. Esses imigrantes, na época, também usavam a Praça Bento para suas festividades. Aliás, grande parte dos moradores locais é descendente desses imigrantes.

Após muitas tentativas de negociação e reuniões entre os bolivianos e algumas entidades, no início do mês de junho de 2002 a prefeitura concedeu um novo espaço, mais isolado, no mesmo bairro, para os encontros dominicais. Esse local foi informalmente batizado, em 2 de junho, com o nome de Praça *Kantuta*.

Em 2003, a feira típica boliviana *Kantuta* foi oficializada numa portaria do Diário Oficial¹⁶. Oficialmente reconhecida em 2004¹⁷, a praça, chamada de Praça *Kantuta*, está localizada próxima à estação do metrô Armênia, entre as ruas Pedro Vicente, Carnot e das Olarias, no bairro do Pari.

Durante a semana, não existe nenhuma atividade formal no local. Por isso, infelizmente, a praça é frequentada por moradores de rua que fazem uso de álcool e drogas. Aos

¹⁶ A oficialização da feira típica boliviana *Kantuta* foi publicada no Diário Oficial em 28 de fevereiro de 2003. Portaria nº 26/ SEMAB-SEC/2003. O secretário municipal de abastecimento, no uso das atribuições que lhe são conferidas por lei, e considerando as disposições constantes do art. 1º, inciso II, da lei nº 10.311/87 c.c. o disposto no art. 1º de Decreto nº 40.904/2001. RESOLVE: OFICIALIZAR a “Feira de Arte, Cultura de Lazer Boliviana Padre Bento”, que se realiza aos domingos, das 11:00 às 19:00 horas, na confluência das Ruas Pedro Vicente, das Olarias e Carnot, sob jurisdição da Subprefeitura da Mooca.

¹⁷ DECRETO Nº 45.326, DE 24 DE SETEMBRO DE 2004 – Dispõe sobre denominação de logradouro público. MARTA SUPPLY, Prefeita do Município de São Paulo, no uso das atribuições que lhe são conferidas por lei, e nos termos do inciso XI do artigo 70 da Lei Orgânica do Município de São Paulo, DECRETA: Art. 1º. Fica denominado Praça Kantuta, código CADLOG 22.653-0, o espaço livre sem denominação delimitado pelas Ruas Pedro Vicente, Carnot e das Olarias e por equipamentos institucionais (Setor 17 – Quadra 105), situado no Distrito do Pari, da Subprefeitura da Mooca.

Art. 2º. As despesas com a execução deste decreto correrão por conta das dotações orçamentárias próprias.

domingos, quando acontece a tradicional feira, o lugar fica tomado por barracas típicas e pela prática esportiva do futsal na quadra localizada no centro da praça.

Em 1º de julho de 2002, foi fundada a Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Boliviana “Padre Bento”, sustentada pelos próprios feirantes que administram a feira. A regulamentação da praça ocorreu no dia 24 de setembro de 2004 (Silva, 2005c).



Fotos da Praça *Kantuta* aos domingos.
(Disponível em: <http://entretenimento.uol.com.br/album/festa_boliviana_album.jhtm>. Acesso em: 14 nov. 2010)

O nome da praça é uma homenagem à flor que cresce no altiplano andino e que tem as cores verde, amarela e vermelha, as mesmas da bandeira da Bolívia.



Desenho da flor “*Kantuta*” e foto da mesma flor ao natural.
(Disponível em: <<http://national-flowers.info/2010/05/07/pictures-bolivia-national-flowers-kantuta-patuju/>>. Acesso em: 14 nov. 2010)

Atualmente a feira oferece aos visitantes barracas com comidas típicas bolivianas, como cereais, doces, pães, bolos, sucos tradicionais e pratos típicos, como as famosas saltenhas (*salteñas* em castelhano). A saltenha é um tipo de empanada suculenta, assada em forno, que pode ser recheada com legumes, carne de frango, boi, porco, contendo especiarias e outros ingredientes. Tradicionalmente o recheio é bem ensopado e consumido com colher. Na feira da Praça *Kantuta*, as saltenhas sofreram adaptações para o Brasil, sendo feitas também de queijo, presunto e doces.



Foto de saltenhas.
(Disponível em: <<http://www.boliviacultural.com>. Acesso em: 14 nov. 2010)

Somam-se ainda barracas de artesanato, fotos, vídeos, cabeleireiros e brinquedos para as crianças. Em dias festivos, existem apresentações do rico folclore boliviano e eventos culturais. A quadra sempre é utilizada para os campeonatos de futsal. A feira funciona das 11h às 19h todos os domingos.



Fotos tiradas (pelo autor desta tese Ubiratan Silva Alves da orientadora da tese) em frente de uma barraca de corte de cabelo da Praça *Kantuta*, na feira dominical, em 2009, que constam das observações do diário de campo.

Em média, duas mil pessoas visitam a Praça *Kantuta* a cada domingo¹⁸, e 90% são bolivianos, entre nativos e descendentes que vão à praça para se encontrarem, se divertirem, degustarem comidas típicas, procurarem emprego, “paquerarem” e viverem um pouco dos costumes de seu país.



Fotos tiradas (pelo autor desta tese Ubiratan Silva Alves) dos brinquedos para crianças, instalados ao fundo da quadra de futsal da Praça *Kantuta*, na feira dominical, que constam das observações do diário de campo.

A prática do futsal pelos bolivianos na Praça *Kantuta* se mistura a indivíduos de praticamente toda a América do Sul durante os jogos. Constatamos com a pesquisa que algumas equipes são formadas exclusivamente de bolivianos, outras exclusivamente de brasileiros, e em outras existem jogadores de diferentes nacionalidades, inclusive brasileiros e bolivianos.

Vemos, com muita clareza, que todos se “entendem”, se comunicam e se integram nas equipes e nos jogos, mesmo tendo línguas e origens diferentes. O “vocabulário” do futebol parece não ter fronteiras territoriais dentro “das quatro linhas”. Isso é estendido para “fora das quatro linhas”, onde os espectadores também se relacionam e se comunicam entre si sobre os jogos com comentários em várias línguas, perfeitamente entendidas entre eles.

Se, por um lado, a feira contribui para reforçar a identidade dos bolivianos em São Paulo, por outro, propicia a exacerbação de preconceitos¹⁹ que acabam sendo extensivos a

¹⁸ Em domingos com alguma festividade comemorativa, o número de visitas gira em torno de 5 mil pessoas.

¹⁹ A Praça *Kantuta* enfrenta problemas quando existem grandes quantidades de chuva na capital. As enchentes provocam no local um acúmulo de lixo que ali permanece por um tempo após o encerramento das chuvas. O lixo, aos olhos dos “preconceituosos”, parece ser dos bolivianos quando, na verdade, são acúmulos das indústrias e dos

todos os bolivianos na cidade. Isso acontece principalmente quando os paulistanos, de maneira equivocada, dizem que eles são um povo “sem cultura”.



Típica senhora boliviana em visita à feira.



Amigo boliviano na praça em frente a sede.

Fotos (tirada por um amigo boliviano Jorge) que constam das observações do diário de campo.

É importante ressaltar que as relações políticas e econômicas do Brasil sempre priorizaram estreitar laços com países da Europa e com os Estados Unidos. Isso inviabilizou conhecer a grandeza e a riqueza de costumes e tradições dos nossos vizinhos latinos.

4.1.1- A praça é nossa²⁰!

A Praça *Kantuta*, já havia sido visitada muitas vezes por nós, de maneira turística, sem nenhum tipo de procedimento acadêmico. Frequentamos efetivamente as barracas comprando comidas típicas, degustamos o famoso chá de coca (comumente apreciado pelos bolivianos), observamos a movimentação das pessoas e principalmente assistimos aos jogos de futsal que ocorriam na quadra central aos domingos.

moradores da região, como ocorre em toda a cidade. Tivemos oportunidade de presenciar uma dessas chuvas num sábado à tarde, e realmente o acúmulo de lixo se dá de maneira desastrosa e perigosa.

²⁰ Utilizamos o título de um dos textos publicados pelo professor Sidney (1999) citado nesta pesquisa.

Num desses domingos em que estivemos na missa celebrada em espanhol, após o término da celebração, o pároco nos recomendou ir à feira para fazer contato com um dos membros da diretoria da associação que organiza a feira, proprietário de uma barraca que vende comida típica boliviana, a saltenha.



Fotos (tiradas pelo autor desta tese Ubiratan Silva Alves e por Wilson Ferreira Campos presidente da Associação Gastronômica e Cultural Padre Bento) do palco e da sede na praça em dia festivo, que constam das observações do diário de campo.

O senhor, um brasileiro²¹ casado com uma boliviana, foi muito atencioso, mas também se mostrou um pouco desconfiado em primeira instância. Essa atitude tem explicação: muitas pessoas procuram esse grupo com outros interesses, por exemplo, políticos ou financeiros. Em alguns casos, pessoas de má-fé se utilizam dessas organizações, desses espaços e das pessoas para tentar obter vantagens, sem que deixem nada em troca às pessoas, tampouco ao local. Tivemos uma conversa informal em sua barraca, em que apresentei rapidamente meus antecedentes, minhas indicações e meus interesses em pesquisar aquele grupo na vertente da prática do futebol.

Ficou combinado que o senhor me ligaria durante a semana, fato que não ocorreu e que me fez, no domingo seguinte, voltar à feira. Nesse dia, após mais uma conversa, ele me apresentou a um dos diretores de esportes da associação, um boliviano dono de uma barraca de artesanatos, que também se mostrou muito interessado na pesquisa. Agendamos uma reunião para explicar como seriam os procedimentos da pesquisa e os encaminhamentos das ações.

A reunião foi marcada para um dia de semana na própria sede da associação que fica na Praça *Kantuta*. Pudemos esclarecer as dúvidas, explicando como seria a pesquisa e dando como contrapartida colaboração na organização do campeonato.

Outra reunião foi agendada com os “delegados” das equipes para que pudessem entender como eu atuaria na feira. Esses “delegados” são os “donos” dos times, os que pagam as inscrições, fornecem os uniformes, os lanches, os refrigerantes, o transporte e o apoio. Muitas vezes experimentam atuações como técnico, escalando os jogadores, substituindo durante os jogos e representando a equipe nas reuniões. Normalmente os “delegados” das equipes são bolivianos e donos de oficinas, o que, de certo modo, lhes confere poder em relação ao grupo de jogadores e funcionários. Para os “delegados” das equipes brasileiras, esse contexto não tem valor, pois a relação está limitada exclusivamente à participação no campeonato.

Com o campeonato em andamento chegando quase ao fim, tais “delegados” fizeram uma reunião para decidir como seria a forma de disputa final para se chegar ao campeão.

²¹ O casamento do brasileiro com a boliviana ajuda nos processos de adaptações. O casal tem um casal de filhos brasileiros. O menino joga futsal numa das equipes da praça, e a menina está sempre ao lado do pai na feira.

Fui convidado a participar e a opinar. Observei, então, muitos posicionamentos individuais, sem a preocupação com a coletividade do evento.

Visto que todos entenderam minha postura em relação à pesquisa, e acreditaram nela, passei a organizar as tabelas dos jogos, a contatar árbitros e mesários e a deixar bem claros os procedimentos que estavam sendo adotados a partir daquele momento pelo Departamento de Esportes da Associação da qual eu já estava fazendo parte. Comecei, então, a coletar os dados dos sujeitos nas entrevistas antes, durante e após os jogos.

O procedimento dominical ocorria da seguinte maneira: o diretor de esportes da associação, o boliviano citado anteriormente, fazia o convite ao jogador, explicando o que seria feito comigo. Após convencimento e aceitação de que seria uma conversa rápida e que ajudaria a todos, íamos até a sala de reuniões da associação e começávamos a conversa. Tentei sempre conversar com eles em língua portuguesa até para que eles pudessem “treinar” suas falas para outras ocasiões e eu pudesse decifrar o famoso “portunhol”²². Nem sempre fomos bem-sucedidos, o que nos levou a retomar os estudos da língua espanhola para entendimento das partes. O estudo da língua espanhola foi muito útil em algumas entrevistas não apenas para entendimento das respostas, mas principalmente para explicar o que estávamos perguntando.

O jogo final ocorreu em 23 de novembro de 2008, e eu estive presente, participando da organização e das premiações que ocorreram no palco da praça. Pude nesse dia identificar muitos comportamentos que serão analisados no decorrer deste texto.

Após o final desse campeonato, outra reunião foi agendada antes do final do ano a fim de que pudessem planejar o campeonato do ano seguinte, 2009. Durante todos esses períodos, desde o segundo semestre de 2008 até o final de 2009, a permanência na praça ocorreu todos os domingos, quando pudemos vivenciar os acontecimentos que cercam essa feira e mergulhar neles. Os encontros com bolivianos, dirigentes e outros aconteciam não apenas aos domingos, mas também muitas vezes durante a semana em reuniões e conversas na sede da Associação, onde discutíamos assuntos diversos relacionados à feira, à migração, à política, ao esporte etc. A missa dominical que acontece na Igreja Nossa Senhora da Paz também foi palco de muitas conversas com informantes que fazem parte do diário de campo da pesquisa.

²² Língua que não existe oficialmente, mas muito usada na prática como uma mistura da língua portuguesa com a língua espanhola em diálogos entre os dois povos. Trata-se de um dialeto.



Foto (tirada pelo presidente da Associação) do dia do jogo final do campeonato que constam das observações do diário de campo.



Fotos (tiradas pelo amigo boliviano Jorge) do palco da Praça na entrega do troféu a equipe campeã e na quadra da praça no dia da final do campeonato com menina boliviana, que constam das observações do diário de campo.

Além da Praça *Kantuta*, considerada uma representação social, existem outros “pedaços bolivianos” na cidade de São Paulo, como é o caso do Memorial da América Latina e da própria Igreja Nossa Senhora da Paz.



Fotos (tiradas pelo autor desta tese Ubiratan Silva Alves e por um amigo boliviano Jorge) da Igreja Nossa Senhora da Paz, em missa dominical, que constam das observações do diário de campo.

4.2- Os sujeitos da praça

Os dados desta pesquisa foram coletados com cidadãos bolivianos, frequentadores da Praça *Kantuta* envolvidos com o futebol, e que, por livre vontade, aceitaram conversar sobre os temas propostos neste estudo.

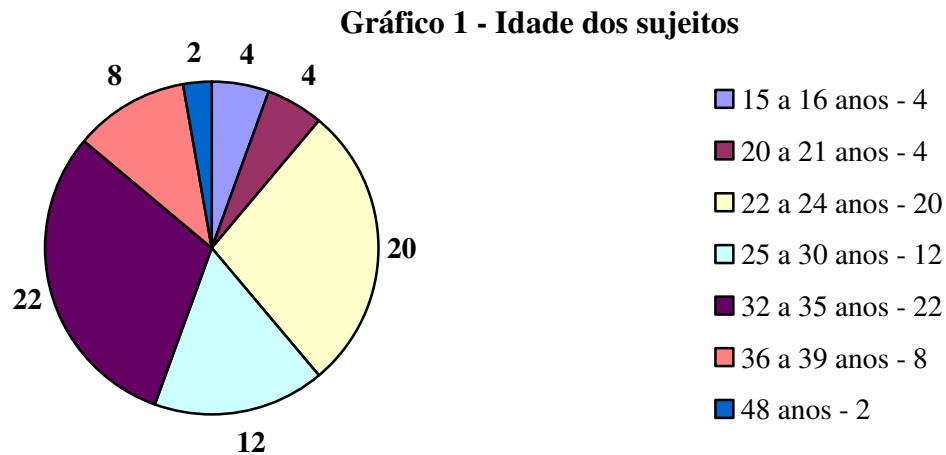
Conversamos com 72 sujeitos durante o período de pesquisa (agosto de 2008 até fevereiro de 2010), às vezes individualmente e às vezes em grupo, para que pudessem se sentir mais à vontade e não esconder nenhum relato. Nas conversas, alguns demonstraram domínio amplo da língua portuguesa, tanto para falar quanto para entender nossa fala. Entretanto, alguns apresentaram certa dificuldade tanto em falar quanto em entender nossas questões, o que nos levou por vezes a pedir auxílio dos colegas e ainda utilizar a língua espanhola para tornar compreensível nosso diálogo.

A quadra de futsal é utilizada predominantemente por homens, o que nos fez optar por sujeitos do sexo masculino nas entrevistas. Ressaltamos que na praça existe um pequeno número de mulheres bolivianas que jogam futsal, o que nos fez contribuir na fomentação dessa prática feminina, levando ao local jogadoras brasileiras para fazerem jogos amistosos e de apresentação. Por se tratar de um evento novo na praça, no dia dos jogos femininos, observamos que os frequentadores prestigiaram muito a prática feminina.

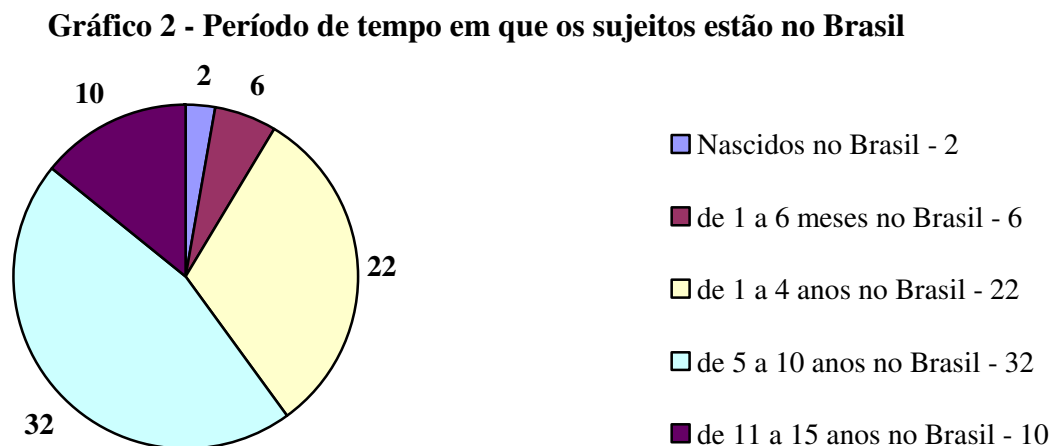


Fotos tiradas (pelas jogadoras que participaram do jogo) no dia do jogo de futsal feminino entre brasileiras e bolivianas que constam das observações do diário de campo.

A idade dos sujeitos que participaram da pesquisa está compreendida entre 15 e 48 anos, com o predomínio de indivíduos entre 22 e 35 anos, assim apresentados no gráfico:



Os sujeitos da pesquisa, conforme identificamos, são nascidos na Bolívia, exceção feita a dois garotos. Filhos de imigrantes, eles nasceram em solo brasileiro, mas mantêm as tradições da cultura de seus pais e jogam futsal com a família. Cada sujeito da pesquisa está no Brasil por um tempo diferenciado exposto neste gráfico:



Considerando que o casamento se dá pela efetivação de documentação legal, dos bolivianos pesquisados, identificamos que 24 são casados e 48 não. Não obstante, desses 48 legalmente solteiros, mais da metade vive em condição de casado, aguardando para oficializar o matrimônio. Todos os bolivianos legalmente casados constituíram o matrimônio com bolivianas. Esses casamentos entre bolivianos são explicados por conta de tradições e comportamentos daquele país, diferentes dos de outros países, o que, segundo eles, dificultaria a manutenção de uma relação conjugal. O sujeito 26 da pesquisa ilustrou essa situação, dizendo que: “As bolivianas estão acostumadas com o jeito dos bolivianos. Por isso, a gente procura casar sempre com uma mulher boliviana. Não que as brasileiras não sejam bonitas, mas as bolivianas aceitam nosso jeito porque já conhecem como a gente é.”

Outro fato interessante, em relação a esse item, é que alguns ainda se mantêm casados legalmente com mulheres bolivianas residentes na Bolívia, o que os impede de constituírem um novo matrimônio legalmente no Brasil, inviabilizando sua legalização em nível de documentação. O sujeito 2 da pesquisa nos explicou seu caso: “Fui casado na Bolívia e, quando vim para cá, estava separado, mas não no papel. Vivo aqui com outra mulher boliviana, mas não posso me casar com ela, pois os papéis estão na Bolívia.”

Dos frutos das relações entre casais bolivianos sujeitos da pesquisa, identificamos que 30 não têm filhos e 42 têm. Destes, mais da metade tem 2 filhos ou mais filhos, e a minoria tem apenas um filho. A explicação para se ter mais de um filho vem do sujeito 47 da pesquisa: “Um filho é muito pouco. É melhor criar irmãos sempre juntos”.

A maioria dos sujeitos que não têm filhos, em seus discursos, indicam a intenção de um dia se tornarem pais, pois, além do orgulho de questões relacionadas à família e à continuidade dela, a paternidade no Brasil lhes confere legalidade na documentação. O sujeito 35 da pesquisa relata suas intenções de paternidade: “Eu sempre quis ser pai, mas nunca tive condições financeiras, pois, para ter filho, temos que educar, e isso custa dinheiro. Agora, com a nova oficina, eu e minha mulher vamos tentar ter filhos”.

Os bolivianos sujeitos da pesquisa os quais têm filhos, em sua maioria, os tiveram em solo brasileiro. Mesmo assim, existem no grupo sujeitos com mais de um filho que foram pais na Bolívia e no Brasil. Essa situação é explicável pela possibilidade de se legalizar ao ter um filho nascido no Brasil.

Na feira da Praça *Kantuta*, é muito comum ver bolivianas grávidas e outras amamentando seus filhos sentadas nos bancos, ou carregando-os pendurados nas costas em grandes panos tradicionais daquele país chamados de *awayo* (nome na língua *aimará*). Aparentemente não havia nenhum tipo de constrangimento por parte das amamentadoras em exhibir os seios, nem por parte dos frequentadores da feira visualizar tal situação.



Bolivianas carregando crianças em *awayo* nas costas.

(Disponível em: <<http://digilander.libero.it/missioneekami/Foto/mercato-awayo.jpg>>; <http://www.chustomania.pl/online/chustomania/CiS-web2_chust.nsf/Inhalt/awayo>. Acesso em: 14 nov. 2010).

4.3- As organizações dos “*hermanos*”

Não podemos negar ou camuflar a consolidação do processo migratório existente atualmente na nossa sociedade e que certamente continuará sendo um fenômeno marcante na história mundial, uma vez que, apesar de contraditório e complexo, tem a propriedade de enriquecer a humanidade com sua pluralidade cultural. Assim, o fenômeno migratório se apresenta contraditório e complexo, pois, ao mesmo tempo em que os imigrantes são indesejados, eles possuem outros costumes, outra cultura, outro jeito de viver e de se comportar, o que enriquece quem os conhece e quem com eles convive.

No caso dos bolivianos em São Paulo, o que tem ocorrido é uma grande oferta de mão de obra e consequentemente queda nos salários desses empregados. Como a qualificação para atuar no ramo da costura é baixa, os empregadores podem conduzir a remuneração a ser paga.

Os indivíduos, em seus países ou fora deles, compõem as sociedades. Em Elias (1994a, p. 67), temos uma noção desse termo quando o autor afirma que:

“Toda sociedade humana consiste em indivíduos distintos e todo individuo humano só se humaniza ao aprender a agir, falar e sentir no convívio com outros. A sociedade sem os indivíduos ou o indivíduo sem a sociedade é um absurdo”.

Esse contexto favorece a criação de diferentes organizações entre os diversos grupos de imigrantes em especial o dos bolivianos. Tais organizações, criadas dentro das próprias comunidades, ampliam a rede de solidariedade, mantêm e difundem as tradições culturais de seus respectivos países.

Desfrutar de maneira harmoniosa os espaços, as atividades e os interesses comuns não é uma tarefa simples, ainda mais tendo como agravante estar num outro país. A vida comunitária, para Elias (1994a, p. 17), só pode existir de forma livre de perturbações e tensões se:

“todos os indivíduos dentro dela gozarem de satisfação suficiente; e só pode haver uma existência individual mais satisfatória se a estrutura social pertinente for mais livre de tensão, perturbação e conflito”.

Em São Paulo, existem algumas associações criadas por bolivianos que buscam esses objetivos. Destacamos algumas:

- Círculo Boliviano (1975). Promove ações culturais, recreativas e sociais.
- BOLBRA – Associação Comercial Bolívia-Brasil (2001). Tem por finalidade defender os bolivianos do ramo da costura nos possíveis conflitos existentes entre empregados e empregadores, ou entre bolivianos e coreanos.

- FURBRA – Federação Única dos Residentes Bolivianos no Brasil (2003). Objetiva superar as diferenças sociais e ideológicas entre os bolivianos residentes em São Paulo.
- ACGCGBB (2007) – Associação Cultural de Grupos e Conjuntos *Folklóricos*²³ Bolívia-Brasil. Formada inicialmente pela união de alguns grupos, tem como grande missão promover a dignidade do imigrante boliviano, incentivando a produção cultural. Enveredam suas ações trabalhando na organização, na integração e na evangelização em parceria com a Pastoral do Migrante. Existem reuniões periódicas, para organizar e desenvolver projetos sociais e culturais.
- ADRB – Associação dos Residentes Bolivianos (1969). Promove ações culturais, recreativas e sociais. Publica mensalmente e de forma gratuita o jornal *La Puerta del Sol* (www.etni-cidade.net/imagem_lapuertadosol.htm)²⁴.



²³ Os principais grupos que compõem essa associação são: *Fratérnidad Morenada Bolívia Central*; *Fratérnidad Morenada Nueva Revelación 2004*; *Fratérnidad Morenada Juventud Intocables*; *Fratérnidad Tynkus Bolívia WuaynaLisos*; *Fratérnidad Kullaguada Juventud Rebelde*; *Fratérnidad Kullaguada Esmeraldas Del Valle*; *Fratérnidad Diablada 10 de Febrero*; *Fratérnidad Jenecheru*; *Ballet Folclórico Boliviano*; *Grupo Tobas de Jagarés*; *Grupo Nuestra Bolívia*; *Grupo Bolívia K'ori Jalipas*; *Grupo Kantuta Bolívia*; *Grupo Autóctono Flor de Phuyas*.

²⁴ Além desse jornal, circula na comunidade boliviana o *Alianza News*, uma publicação independente, e o *Pachamama*, publicado pelo Espaço Cultural Boliviano e que discute questões da comunidade. Recentemente está circulando o jornal *Presença Latina* e *Conexión Migrante* (<http://sardinha17.com.br/jobs/conexion-migrante/>) que visa integrar os diferentes povos latinos. Outras informações jornalistas dos povos latinos estão no site www.adital.com.br

O objetivo comum a todas essas organizações é principalmente o de reconquistar a confiança dos compatriotas, perdida por promessas não cumpridas feitas no passado por integrantes de outras organizações.

Culturalmente, a fim de divulgar e manter viva a cultura boliviana, alguns grupos foram criados, como os apresentados a seguir:

- *Raza Índia* (1976) – Esse grupo interpreta danças típicas, como a *tarqueada*, e músicas típicas da Bolívia, utilizando instrumentos de sopro (*quena* e *zampoña*), instrumentos de corda (*charango*) e instrumentos de percussão (*bumbo*).
- *Kantuta* (1988) e Sociedade Folclórica Boliviana (2003) – apresentam danças típicas, como *diablada*, *morenada*, *tinkus*, *caporales*, *cueca*, entre outras.
- Fraternidade Morenada Bolívia Central (2001) e *Unión Fanáticos* (2002). Criados com a finalidade de animar a festa da Virgem de Copacabana²⁵, exibem a dança típica chamada *morenada*.



Imagem da Virgem de Copacabana exposta na Igreja Nossa Senhora da Paz. (foto tirada pelo autor desta tese Ubiratan Silva Alves)

²⁵ O nome “Copacabana” originalmente é *Copawana* que significa Caminho das estrelas: *copa* = caminho e *wana* = estrela. Conta-se que um escultor, na época em que os espanhóis maltratavam o povo, sonhou que uma mulher lhe dava um pedaço de madeira à beira do lago *Titicaca*. No dia seguinte, ele foi até à beira do lago e achou o mesmo pedaço de madeira. Desse pedaço, ele esculpiu uma santa que chamou de Virgem de Copacabana. A santa foi levada até à aldeia que estava sendo escravizada pelos espanhóis. Logo depois os espanhóis foram embora da vila. Desde então a Virgem de Copacabana se tornou a santa padroeira da Bolívia. Ressalta-se que essa deidade era cultuada em princípio pelos indígenas e foi “catolizada” com o passar do tempo, conforme Saavedra (1991).

- O *Ballet Folclórico Boliviano* (BFB-2006) tem como objetivo difundir e integrar a cultura boliviana por meio da dança, tentando manter as tradições das danças e das músicas dos diferentes departamentos bolivianos. Atualmente conta com bailarinos de diferentes nacionalidades, que investigam e difundem o folclore boliviano.

Alguns grupos foram criados para animar “musicalmente” festas e comemorações, como é o caso do Santa Fé, Los Duques, Latin Band, Monte Cruz, Quelamarca, Maypi, Nueva Expresión, Pachamama, Sensación, entre outros.

No quesito esporte, o futsal parece ser a única modalidade praticada, de forma estabelecida, pelos bolivianos no Brasil. Em alguns espaços, essa prática já está bem organizada como destacamos a seguir:

- Cancha Praça *Kantuta* – Canindé;
- Cancha Tomás Mazoni – Vila Maria;
- Centro Esportivo Sul-Americano – Bom Retiro;
- *La Bombonera* – Casa Verde;
- Vavá Sport Center – Vila Guilherme.

Nessas quadras existem alguns campeonatos que têm tempo médio e longo de duração entre 4 e 10 meses, ou os chamados festivais²⁶. Algumas dessas organizações só permitem que equipes com jogadores exclusivamente bolivianos participem. Outras já permitem participação de outras nacionalidades.

Os bolivianos também frequentam quadras públicas (principalmente as que ficam ao longo da marginal do Rio Tietê) e parques públicos onde há espaço para *jogar bola* (Horto, do Carmo, do Trote, da Juventude, do Ibirapuera, entre outros).

Outra prática bastante frequente na vida dos bolivianos residentes em São Paulo se refere à fé católica. Uma das igrejas católicas que concentram grande número de migrantes (não só bolivianos, mas de toda a América Latina e do resto do mundo) em seus cultos e em suas festas é a Igreja Nossa Senhora da Paz, sede da Pastoral dos Imigrantes Latino-Americanos

²⁶ Festivais são jogos pré-agendados em que duas equipes se enfrentam e a vencedora ganha um troféu, ou um prêmio, como se aquele jogo fosse uma final de campeonato.

surgida no final dos anos 70. A igreja realiza para a comunidade latina uma missa em espanhol no último domingo de cada mês. Após a missa, nas dependências da igreja, os latinos se confraternizam com as barracas de comidas típicas e as danças organizadas pelos membros do país que é designado em cada uma dessas missas.

Um dos grandes impactos que essas organizações causam diz respeito ao número de integrantes, o que determina as posturas de cada um diante do grupo. Nas palavras de Elias (1994a, p. 139), esse contexto é assim esclarecido:

“A cada transição de uma forma menos populosa e menos complexa da organização predominante de sobrevivência para uma forma mais populosa e mais complexa, a posição de cada pessoa isolada em relação à unidade social que todas compõem juntas – em suma, a relação entre indivíduo e sociedade – modifica-se de modo característico”.

Os integrantes e os participantes desses eventos católicos passam a integrar grupos dentro da igreja, participando de várias ações comunitárias, ajudando e acolhendo outros imigrantes como eles foram um dia.

4.3.1- Festas típicas: crenças e tradições

As festas típicas promovidas por bolivianos em São Paulo são muito frequentes e têm grande aceitação dos imigrantes. Esse espaço se tornou, de certa forma, um local onde o encontro de gerações, costumes e misturas de etnias acontece de maneira muito incisiva, onde os mais velhos querem manter as tradições, e os mais jovens tentam encontrar significados diante dos eventos. Também frequentam curiosamente o local os indivíduos de outras nacionalidades, para conhecer; conseqüentemente, em determinado momento do evento, eles se envolvem na “folia”.

Para Mauss (2003), as festas explicitam elementos da organização social, tensões entre os sistemas de crenças envolvidos, interesses econômicos e políticos, expressões estéticas, ritmos, emoções, sabores etc. As festas põem em circulação a totalidade do grupo envolvido num complexo sistema de prestações totais, que, resumidas nas palavras do autor, compõem o “fato social total”.

É nas festas que, segundo Geertz (1989), se permite ler o que uma sociedade diz sobre si mesma, por meio de uma linguagem que lhe é própria e das formas sensíveis pelas quais se expressa. A música, as roupas, as vestimentas e os enfeites fazem parte dessa expressão dos grupos.

Para os participantes das festas, principalmente as ocorridas em outros países, como é o caso dos bolivianos no Brasil, acontece a celebração de sua memória coletiva. De acordo com Halbwachs (1993), toda memória individual que não esteja em contínua relação com a memória de um determinado grupo é esquecida; por isso, a importância da pertença a essas comunidades num laço afetivo.

As principais datas comemorativas (ou cívicas) do calendário boliviano adaptado ao de São Paulo, incluindo já as datas de grandes comemorações do Brasil, estão descritas no quadro a seguir:

QUADRO 2 – Eventos e datas comemorativas do calendário boliviano adaptado

Evento	Data
Festa de Ano-Novo	Primeiro domingo do ano
<i>Alasitas</i>	24 de janeiro
Carnaval	Domingo de carnaval
Homenagem com hora cívica na Praça <i>Kantuta</i>	Domingo na véspera do dia 25
Dia de São Paulo	25 de janeiro
Festa de la Virgen de La candelária	02 de fevereiro
Oruro	10 de fevereiro (ou domingo antes)
Dia dos pais	19 de março (ou domingo antes)
<i>Tarija</i>	15 de abril (ou domingo antes)
Dia do trabalho	1º de maio (ou domingo antes)
Festa de la cruz	03 de maio
<i>Chquisaca</i>	25 de maio (ou domingo antes)
Dia das mães	27 de maio (ou domingo antes)
Feira <i>Kantuta</i>	2 de junho (ou domingo antes)
Namorados	12 de junho (ou domingo antes)

La Paz	16 de julho (ou domingo antes)
Festa de San Juan	24 de junho
Apostol Santiago	25 de julho
Virgem de Copacabana	Agosto
Virgem de Urkupinha	Agosto
Independência da Bolívia	6 de agosto
San Lorenzo	10 de agosto
Independência do Brasil	7 de setembro
Cochabamba	14 de setembro (ou domingo antes)
<i>Pando</i>	24 de setembro (ou domingo antes)
Santa Cruz	24 de setembro (ou domingo antes)
Dia das crianças	12 de outubro (ou domingo antes)
Fundação de La Paz	20 de outubro (ou domingo antes)
Dia de todos os santos	1 de novembro (em casa)
Dia dos mortos	2 de novembro (no cemitério)
Dia de San Martín de Porres	4 de novembro (ou domingo antes)
Potosí	10 de novembro (ou domingo antes)
Beni	18 de novembro (ou domingo antes)
<i>Huayllunka</i>	30 de novembro (ou domingo antes)
Festa de San Andre	30 de novembro (ou domingo antes)
Festa de Natal	24 de dezembro (ou domingo antes)
Festa de fim de ano	Último domingo do ano

Autor: Ubiratan Silva Alves

As festas bolivianas normalmente podem ter várias dimensões sociais, culturais, venerando um santo, deuses indígenas, a Terra ou um evento político, tais como uma batalha ou revolução. Predominando o caráter religioso, as festas normalmente incluem muita música local, danças, procissões, comida, bebidas, rituais e comportamento descontraído.

Nas festas bolivianas, Silva (2005a) mostra que o que chama a atenção é a quantidade de pessoas de diferentes classes sociais, faixas etárias e origens étnicas que são capazes de aglutinar numa grande celebração. Também é notável a diversidade de tradições, ritmos, sabores e objetos da cultura material veiculados nessas festividades. Assim, graças à sua polissemia – que lhes permite exprimir uma pluralidade de significados –, os símbolos se constituem um importante canal de diálogo para grupos de imigrantes em início de inserção num novo contexto – como é o caso dos bolivianos em São Paulo.

Numa de suas obras, Silva (2003) afirma que a festa de cunho religioso que tem maior adesão é a da Virgem Maria, sob as evocações de Copacabana (padroeira nacional) e

Urkupíña (padroeira do departamento de Cochabamba). Outra padroeira, a do departamento de Santa Cruz de la Sierra, Virgem de Cotoca, também tem suas homenagens.

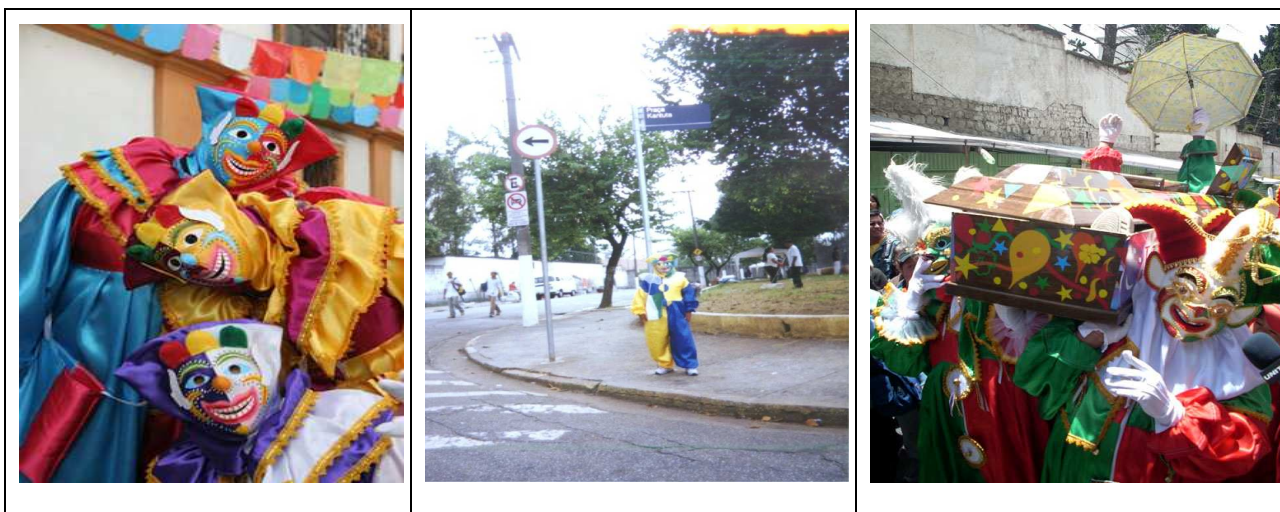
Quando criança, as festas do batismo e do corte de cabelo fazem parte das cerimônias dos bolivianos. O batismo ocorre dentro dos padrões tradicionais do catolicismo. Entretanto, ao deixar a igreja, a criança, os pais e os padrinhos recebem, antes de irem para a festa, uma chuva de papéis picados, denominados *mixturas*. Nessa festa geralmente ocorre o ritual do primeiro corte de cabelo da criança, feito pelo padrinho e denominado *rutucha* (*aimará*) ou *umaruthku* (*quéchua*), como mostra Silva (2003).

Para os “mortos”, os bolivianos montam em suas casas no dia de finados um local denominado *Tumba de los Muertos* ou *Altar de Todos los Santos* com comidas e bebidas de agrado do falecido, em memória de alguma pessoa em especial. Essa tradição, segundo Silva (2003), deve acontecer consecutivamente durante os três primeiros anos após a morte. Existe também, nessa contextualização dos mortos, a festa para fim do luto, em que o viúvo ou a viúva sai de um estado de interdito social para outro de abertura a novas relações sociais ou amorosas.

Uma semana antes do carnaval ocorre uma festa em homenagem ao Santo Cristo de *Limpías* ou *rosto de Limpías*, denominada festa dos compadres, também realizada dentro das casas dos organizadores, aponta Silva (2003).

Outro evento tradicional, chamado de *ch’alla*, praticado pelos bolivianos, acontece na terça-feira de carnaval e consiste em aspergir nos cantos da casa bebida alcoólica, colocar guloseimas e comidas e espalhar papel picado – *mixtura* – que são oferecidos a *Pachamama* (mãe Terra), segundo Silva (2003).

Na época de carnaval, surge um personagem tradicional da Bolívia chamado de “Pepino”. Trata-se de uma figura com fantasia própria que, quando se aproxima de mulheres, faz uma dança para tentar seduzi-las. É considerado um grande “mulherengo”, e o costume conta que, depois do carnaval, as pessoas enterram o “pepino” para que ele não assedie outras mulheres no próximo carnaval.



Fotos do personagem “Pepino”, na Praça *Kantuta* e sendo enterrado após o carnaval.
(Disponível em: <<http://www.ccbparana.org.br/galefoto.html>>;
<<http://www.canalpatrimonio.com/es/noticias/?iddoc=50711>>. Acesso em: 4 nov. 2010)

San Martín de Porres é outro santo festejado pelos bolivianos. Conforme Silva (2003), essa festa ocorre dentro das próprias casas em honra àquele que, mesmo de família nobre, aceitou realizar tarefas humildes, como limpeza e cuidados com doentes no Mosteiro de Santo Domingos Martín.

O festival de *alasitas*, ou objetos em miniatura, também é uma festa para os bolivianos, em que se celebra a deidade *El Ekeko* (ele é baixinho, quase um anão, forte, com bigode espalhado, fumante; ele veste chapéu e carrega vários produtos), conhecido como “*el diós da fortuna*”, que traz abundância e prosperidade. Nesse evento os bolivianos compram algum objeto, móvel (carro) ou imóvel (casa) em miniatura que deve ser bento a fim de que possa ser adquirido. Esse benzimento é feito por um sacerdote andino, conhecido como *El Yatire*, que deve “acertar” os futuros acontecimentos em seus benzimentos a fim de ter credibilidade nos atos.

Tive a oportunidade de estar presente numa festa de *alasitas* ocorrida na Praça *Kantuta*. A crença dos bolivianos nesse ritual é muito grande e explícita. Praticamente todas as barracas da feira, nesse dia, vendiam imagens do *Ekeko*, bem como das miniaturas para serem bentas.

Havia três barracas com os sacerdotes andinos para benzer os objetos. O benzimento é feito pelo sacerdote, que derrama sobre o objeto, colocado em cima de uma mesinha com toalha, um líquido oleoso e água, fazendo o acompanhamento com rezas numa língua extremamente diferente, em tom bastante baixo. Ao final da reza, que demora em média

três minutos, o sacerdote joga, numa lata que está cheia de carvão em brasa, um pó que faz uma fumaça pela qual o objeto é passado para que a “toque”.

Num outro ritual, numa outra barraca, uma senhora coloca pedaços de papel-alumínio numa panela sobre o fogo. O papel-alumínio derretido é retirado pelas pessoas com uma concha e jogado numa lata com água; imediatamente, ao ser imerso, endurece e forma uma estranha figura. A senhora coloca essa figura num prato e devolve para a pessoa, que vai até o sacerdote. Este, com um canudo de refrigerante, toca a figura e fala baixo no ouvido da pessoa algumas coisas, relacionando os formatos da figura de alumínio com a vida dessa pessoa.



Foto do boneco *El Ekeko* e de um sacerdote em momento de benzimento na feira. (Disponível em: <<http://cronicasmundosocultos.blogspot.com/2008/08/el-ekeko.html>>. Acesso em: 4 nov. 2010)

Ressaltamos que todos os sacerdotes recebiam pela prestação do “serviço”, pelo que vimos, em média R\$ 5,00 por atendimento.

Outra comemoração em que também pude estar presente foi a festa de San André, (comemorada em 30 de novembro) a qual leva muitos bolivianos à praça, mais especificamente os cochabambinos. Essa tradicional festa do departamento de Cochabamba coloca um balanço numa das árvores da praça e apenas as mulheres podem participar, tendo que derrubar com os pés alguns baldes pendurados com brindes num arco colocado na frente do balanço. Dois homens puxam com uma corda o balanço onde a boliviana está sentada até que ela alcance altura suficiente para derrubar o balde e ganhar os prêmios que estão dentro dele.

Além disso, nesse dia as barracas vendem comidas típicas dessa região (o prato típico da região de Cochabamba é o *chicharrón*, composto por carne suína, picada e bem

temperada), bem como uma aguardente feita de milho, chamada de *chicha*, que também pudemos experimentar. Um dos diretores da associação, que nos acompanhou, disse que a bebida feita na Bolívia é bem diferente desta: “Essa tá muito aguada, nem parece aquela que tomamos por lá. O gosto é bem diferente!”.



Foto da boliviana (tiradas pelo autor desta tese Ubiratan Silva Alves) apanhando o balde na feira que constam das observações do diário de campo.

Todas essas festas tentam manter as tradições originais vindas da Bolívia, mas para isso sofrem determinadas ressignificações pelo fato de o calendário do Brasil se diferenciar do boliviano. Além disso, alguns incrementos não existem, como os originais sendo feitos conforme disponibilidade e contexto local da comemoração. O que tais festas trazem são elementos de uma história de longa duração da cultura boliviana e fragmentos de um imaginário que são rememorados e ressignificados no contexto urbano.

Nessa perspectiva, as festas incitam um pensamento na dinâmica cultural urbana porque, de acordo com Mauss (2008), esses eventos são um “fato social total”, em que se apresentam elementos de organização social, interesses econômicos e políticos, tensões entre os sistemas de crenças envolvidos, expressões estéticas, ritmos, emoções, sabores (Silva, 2008). O mesmo autor acrescenta ainda que as festas veiculam ao mesmo tempo uma multiplicidade de valores, tradições, interesses, expressos em símbolos, formas sensíveis de gestualidades e expressões musicais de múltiplos significados, e que, no limite, também exprimem diferentes identidades.



Fotos tiradas de eventos na Igreja Nossa Senhora da Paz e na Praça *Kantuta*, que constam das observações do diário de campo. (Disponível em: <<http://www.ojornalweb.com/2010/03/19/brasil-atrai-grande-numero-de-imigrantes-bolivianos/>>; <<http://gritosufocado2.blogspot.com/>>; Acesso em: 04 nov. 2010)

As festas bolivianas, principalmente as devotas, passaram a ser consideradas um importante espaço de reafirmação de identidades e ao mesmo tempo de diálogo com o novo contexto cultural, no caso o Brasil, afirma Silva (2003).

Em praticamente todas as festas bolivianas, música (danças: a *cueca*, a *morenada*, a *diablada*, os *caporales* / ritmos musicais: o *waiño*, animado pelo instrumento musical típico do país, o *charango*), bebida e comida (a *salteña*, a *chicha* – bebida fermentada de milho –, o *chicharón* – porco frito –, o *fricasé* – sopa com *chuño* e carne de porco –, o *ají con poll*) são indispensáveis.

4.4- De mãos dadas com Marcel Mauss

Marcel Mauss (1972, 1999, 2003 e 2008) foi utilizado neste estudo para sustentar algumas discussões acerca do tema que alicerçaram boa parte dos entendimentos. Por isso, abrimos espaço para explorar as ideias desse autor, principalmente relacionadas às “categorias” que se coadunam com a pesquisa e ajudam a fazer a apresentação dos resultados.

Basicamente, o pesquisador chamado de etnógrafo, que vai buscar dados de determinado grupo, deve ir a campo, sabendo algumas informações sobre esse grupo, para que possa trazer à tona o que ainda não sabe. Uma outra preocupação é a de ser claro e completo, compreendendo o sentido dos fatos bem como as possíveis relações e articulações existentes. O estudo de sociedades por meio das observações tem por objetivo conhecer fatos sociais, não cabendo informações baseadas em intuições. Vale lembrar que tais fatos sociais são históricos em primeiro plano, portanto, irreversíveis.

Antes de entrar na Praça *Kantuta* para desenvolver a pesquisa, apoiados em Mauss, buscamos contatar muitas pessoas e informações, tanto atuais quanto antigas, acerca das questões relacionadas àquele grupo. Isso nos deu muita segurança para desenvolver o trabalho.

A confecção de um diário sugerida pelo autor como primeiro método de trabalho foi acolhida por nós. No diário, o pesquisador deve anotar todas as informações captadas em suas fichas, e esse material deve estar sempre pronto para ser consultado e ter fácil manuseio.

Na nossa pesquisa, o diário fora confeccionado e preenchido em todas as situações em que o pesquisador estava na praça, nos dias de reuniões e nos domingos de feira. Além disso, algumas informações foram trazidas da Igreja Nossa Senhora da Paz e das conversas com bolivianos em seus locais de trabalho e moradia.

São dois os métodos de investigação apresentados por Mauss: o extensivo e o intensivo. No método extensivo, em determinado local num período de tempo estabelecido, pretende-se observar a maior quantidade de pessoas possível. Esse método corre o risco de ser superficial em suas análises. Por isso, não sendo suficiente, o etnógrafo deve utilizar o método intensivo.

A observação aprofundada faz parte das ações do método intensivo, que exige uma análise muito minuciosa. Entretanto, o período de tempo para um trabalho que se utiliza desse método é muito grande, por volta de 3 ou 4 anos de investigação.

No nosso trabalho, prevaleceu um método intermediário de investigação entre o intensivo e o extensivo. Além do tempo de contato na igreja e em locais de encontro de bolivianos que contabilizaram perto de 2 anos, permanecemos no local específico da pesquisa, ou seja, na Praça *Kantuta*, por volta de 18 meses, entre agosto de 2008 e fevereiro de 2010.

A quantidade de sujeitos entrevistada (72 ao todo) não foi excessivamente grande, mas procuramos buscar indivíduos que nos trouxessem informações relevantes para as interpretações. Ressaltamos que esse fator de tempo de permanência no local impediu que outras questões pudessem ser mais aprofundadas.

Os métodos de observação apresentados por Mauss (1972) são divididos em métodos de registro e observação materiais e os métodos de registro e observação morais. No método de observação material, está compreendido o método morfológico e cartográfico (de que é que a sociedade fala), o método fotográfico (registro em fotos), o método fonográfico (registros sonoros), o método filológico (língua) e o método sociológico (história da sociedade).

Na pesquisa com os bolivianos, predominantemente foram utilizados os métodos morfológico e cartográfico, filológico e sociológico, pois estes atenderam a nossas buscas para atingir os objetivos. O método fotográfico também foi um pouco utilizado, e, além das imagens obtidas na Igreja Nossa Senhora da Paz, a maioria das imagens foram captadas na própria praça durante as visitas dominicais.

As questões que pairam nas observações, segundo Mauss (1972, p. 23), para serem completas, devem conter as seguintes questões: “onde, por quem, quando, como, por que se faz ou foi feita esta ou aquela coisa.” Os estudos podem ser feitos com base em questões comuns a todos os inventários: para quem, por que, lugar onde fica, valor estético, valor coletivo, valor econômico, valor individual, se é uma lembrança, uma magia ou não. Esses quesitos subsidiaram os questionários confeccionados por nós e aplicados aos sujeitos da pesquisa.

Na obra de Silva (1999), constatamos que os bolivianos imigraram para o Brasil de forma mais contundente a partir da década de 1950, principalmente para estudar, e construíram alguns contextos que não podem mais ser modificados. Nos anos 80, apesar de haver

uma lacuna nessa imigração, grande parte ainda se deslocava com fins laborais. O que muda nesses contextos são as interpretações enveredadas para os fatos.

Ao observar grupos, o pesquisador não deve fazê-lo por olhares superficiais, tampouco por prejulgamentos. Além disso, não deve ter nenhum tipo de preconceito moral nem pode se espantar ou se exaltar com determinados comportamentos ou atitudes detectadas no contato com os grupos. Ressaltamos que, para muitos paulistanos, os bolivianos são “vagabundos”, “bêbados”, “drogados”, “traficantes” e “sujos”. Pensando nisso, não poderíamos chegar a esses grupos com nenhum desses pré-conceitos, pois alterariam as interpretações e os entendimentos das figurações.

O plano de estudos de uma sociedade apresentado por Mauss se divide em três níveis: morfologia social, fisiologia social e fenômenos gerais. Qualquer sociedade se compõe de uma massa humana, e estudá-la constitui a morfologia social, que compreende a demografia e a geografia humana. O autor (1972, p. 25) considera sociedade:

“um grupo social geralmente denominado por si mesmo e pelos outros, maior ou menor, mas sempre suficientemente grande para conter grupos secundários cujo mínimo são dois, vivendo geralmente num local determinado, tendo uma língua, uma constituição e muitas vezes uma tradição que lhes são próprias”.

Dados da Pastoral do Migrante e do Ministério Público Federal indicam uma estimativa perto de 100 mil bolivianos em São Paulo atualmente. Sabe-se, porém, que, vivendo irregularmente em São Paulo e no Brasil, o número é bem maior.

Para que se possa determinar o grupo social que será estudado, devemos levar em conta dois quesitos: o *habitat* e a língua. O *habitat* seria o território comum utilizado pelo grupo a ser estudado unido por laços sociais. A língua é um ótimo quesito, mas delicado, pois os dialetos fazem parte de várias comunidades.

A especificação do *habitat* utilizado nesta pesquisa, a Praça *Kantuta*, fora escolhida por considerarmos um grande pátio comum de encontros dos bolivianos em São Paulo já efetivamente enraizado na dinâmica desses grupos.

Em relação à língua, vimos que na Bolívia existem pelo menos 26 diferentes, subdivididas em 127 dialetos. Em 1977, além do castelhano, o *quéchua* e o *aimará* foram consideradas línguas oficiais do país. Por conta disso, pode-se utilizar de outros meios para se determinarem os grupos, como a vestimenta, o corte de cabelo, a presença em cultos etc.

A língua predominantemente utilizada pelos bolivianos, na Praça *Kantuta*, para a comunicação é o espanhol. Entretanto, as conversas entre os bolivianos na feira ocorrem com uma fala muito acelerada, o que por muitas vezes nos deixou sem entender. Tal fato nos fez retomar os estudos de espanhol a fim de poder ter uma comunicação mais eficiente nas entrevistas e nas conversas com os sujeitos no local.

Em conformidade com Mauss (1972, p. 26), que prega ser prudente “tomar um grupo de população dentro de uma determinada sociedade e, nela, um número limitado de localidades de organização evidentemente comum”, ficamos confortáveis ao escolher o grupo de bolivianos que praticam futebol em um espaço específico e predeterminado, a Praça *Kantuta*. Esse grupo é bem peculiar, pois percebe-se nitidamente entre os frequentadores da feira aqueles que vão para lá por terem vínculo com o futebol, como jogadores, torcedores, parentes ou “delegados”.

Durante os jogos, por estarem envolvidos sujeitos de diferentes nacionalidades, portanto, com diferentes línguas, poderíamos ter tido problemas de comunicação entre os participantes: jogadores, árbitros e organizadores. No entanto, pressupomos que, por ser uma linguagem universal, já tendo conseguido até parar uma guerra²⁷, o futebol transpôs essas dificuldades de entendimento.

A fisiologia social estuda os fenômenos em si mesmos e nos seus movimentos, classificando-se, segundo o grau de materialidade, em técnicas (artes e ofícios da produção),

²⁷ A equipe de futebol do Santos Futebol Clube, tendo Pelé em seu plantel, temporariamente suspendeu uma guerra civil na Nigéria, em 26 de janeiro de 1969, por uma cota de US\$ 25 mil e a promessa de uma trégua e confiança no carisma do “rei”. O jogo entre o Santos e a seleção nacional deu uma trégua aos habitantes “para ver Pelé Futebol Clube”, cessando temporariamente os ataques aéreos e as sabotagens promovidas pelos rebeldes. Mais de 50 mil pessoas foram ao Estádio Nacional para assistir ao empate de 2 a 2, com dois gols de Pelé. Tal foi o sucesso do jogo, que o Santos foi convidado a fazer mais um amistoso com uma cota maior: US\$ 30 mil. A equipe foi a Moçambique e retornou à Nigéria, promovendo nova trégua, em 3 de fevereiro do mesmo ano, com vitória brasileira por 2 a 1. A guerra se estendeu até 1970, tendo havido um milhão de mortes. Outro fato interessante que relaciona guerra e futebol é citado por Agostino (2002). O autor afirma que o General *Jorge Rafael Videla*, presidente da Argentina, em 1978, “empenhou sua palavra” à FIFA e garantiu que, durante a realização da Copa em seu país, não haveria nenhum incidente político.

estética (material), ciências (não existe sociedade desprovida de ciências), economia (dinheiro), direito (fenômenos jurídicos e morais) e religião.

Uma das vertentes das técnicas apresentadas por Mauss que nos interessa está nas indústrias especializadas para usos especiais, habitação, produção e conforto. Nesse caso, todos os bolivianos pesquisados que atuam no ramo da costura residem no próprio local de trabalho. Os alojamentos, bem como os refeitórios, ficam dispostos ao lado das máquinas de costura, numa mistura de trabalho e moradia, o que acarreta sérios problemas de saúde, principalmente relacionados ao aparelho respiratório, por conta da aspiração de pó dos tecidos.



Fotos (tirada pelo autor desta tese Ubiratan Silva Alves e pelo aluno Marcos) na Praça *Kantuta* em dias de jogos com os participantes da organização que constam das observações do diário de campo.

Os fenômenos estéticos, que para Mauss são em certo grau fenômenos sociais, podem ser visualizados no vestuário, considerado pelo autor mais um ornamento do que uma proteção. Algumas vestimentas são muito utilizadas em rituais e festas dos bolivianos, que fazem questão de se trajar de modo característico, de acordo com a festividade ou a comemoração da qual está participando. Esse fenômeno ainda está muito presente na Praça *Kantuta* quando existe uma data comemorativa ou algum grupo folclórico se apresentando. Não obstante, a vestimenta utilizada no cotidiano da vida dos bolivianos em nada os distingue dos outros povos quando frequentam a feira em momentos de lazer. Ressaltamos que algumas mulheres bolivianas têm uma roupa e um chapéu característicos de seu país, mas que praticamente não são usados no Brasil, exceto em ocasiões especiais.

Esse grupo de bolivianas com características muito peculiares em relação à vestimenta que identifica sua nacionalidade são as chamadas *cholas*. Essas mulheres, as *cholitas*, descendentes de indígenas, mantêm por muitos anos a mesma forma de se vestir: tranças nos seus longos cabelos, vestido encorpado de rendas com anágua, chamado de *pollera*, chapéu típico (tipo coco) e quase sempre um pano colorido nas costas que serve para transportar seus filhos ou algum mantimento. Os bolivianos apreciam muito as mulheres que assim estão trajadas, pois, segundo eles, ficam *muy bonitas*.



Desenho e foto da *cholita*.

(Disponível em: <<http://bolivien.sarahschmitz.de/2007/07/23/cholita-pacena-2007/>>. Acesso em: 14 nov. 2010)

Nos fenômenos estéticos que se subdividem em fenômenos artísticos puros e jogos, Mauss sugere que se observe o lado sociológico, como o papel das festas, das feiras e dos jogos. Vale ressaltar que estes últimos são os acontecimentos analisados em nosso trabalho de maneira inextricável.

Os jogos que têm certo grau estético, segundo Mauss (1972, p. 98): “são um meio de criar uma alegria desinteressada, são atos tradicionais geralmente feitos em coletividade”. Podem ser rituais ou não, que dependem de sorte ou não, de habilidade manual ou de habilidade corporal.

Em contrapartida, Elias (1994b) destaca que se faz necessário manter o controle das emoções durante os jogos, e esse controle é enraizado no subconsciente das pessoas. O autor acrescenta a necessidade de buscar um equilíbrio desse autocontrole que poderia acontecer na prática de atividades em que houvesse a liberação de emoções reprimidas, como os jogos nos momentos de lazer.

O prazer sensorial que aparece na prática do jogo também tem certo grau estético. Nas investigações sobre o jogo, o autor apresenta divisões por idades, sexo, gerações, tempos e espaços. Há ainda a classificação feita em grupos de jogos rituais ou não, manuais ou orais. Em relação aos jogos manuais, Mauss mostra a divisão em jogos de habilidade, de sorte ou não, divinatórios ou não.

Ressalta ainda que, nos jogos de habilidade, aparecem as técnicas do corpo, ou “técnicas corporais”, termo mostrado por Mauss em seus estudos de 1936, que pressupõe serem ações humanas com diferentes significados de acordo com determinados grupos. No caso dos bolivianos, além da prática do futebol, existem também algumas festas e alguns cultos em que se podem observar tais “técnicas corporais” que se enquadram num sistema de montagens simbólicas.

A prática do futebol pelos bolivianos em São Paulo se encaixa nos jogos de habilidade corporal, em que cada jogador demonstra suas técnicas e suas habilidades no transcorrer das partidas. Algumas posturas físicas e alguns comportamentos dos diferentes participantes dos jogos de futebol nos levaram a supor que, de acordo com os adversários, as atitudes corporais iam se alterando. Quando bolivianos jogavam contra bolivianos ou contra jogadores de países da América do Sul, excetuando-se o Brasil, as atitudes pareciam ser mais espontâneas e fluentes. Nos jogos em que havia brasileiros numa das equipes, as atitudes dos bolivianos tinham caráter mais tímido e até certo ponto oprimido. Pressupomos certo “respeito” embutido nessas atitudes, em primeiro plano, por estarem no país do outro, no caso o dos brasileiros, e, em segundo plano, por serem inferiores aos brasileiros tecnicamente e nas habilidades motoras.



Fotos (tiradas pelo autor desta tese Ubiratan Silva Alves e por um amigo boliviano) na Praça *Kantuta* em dias de jogos com os participantes que constam das observações do diário de campo.

Constatamos isso nas respostas a uma das questões da pesquisa. Quando perguntamos as diferenças e as semelhanças entre o futebol da Bolívia e o futebol do Brasil, o sujeito 31 da pesquisa disse que: “O futebol no Brasil tem mais energia e na Bolívia é muita brincadeira, não jogam sério”. O sujeito 55 afirmou que: “O brasileiro é mais técnico, mais habilidoso, o que torna o jogo dos brasileiros mais bonito de se ver”. Na fala do sujeito 68 da pesquisa, vemos expressa realmente uma das grandes diferenças entre o futebol dos dois países: “Aqui no Brasil tem escolinha de futebol, o governo apoia, as crianças têm quadras para jogar. Na Bolívia só joga quem tem dinheiro, não são os melhores quem jogam apenas quem tem dinheiro”.

Na fala desse sujeito da pesquisa, que não foi única, pudemos descobrir que, segundo eles, na Bolívia existem grupos de pessoas que facilitam a entrada de jogadores em equipes de competição desde que disponibilizem dinheiro para tais intermediadores. Parecem ser como os “empresários” que existem no Brasil, mas com uma grande diferença: não estão preocupados com o fato de o jogador ser ou não habilidoso. Tendo como pagar seu ingresso nas equipes, assim fará parte dela. Os sujeitos da pesquisa acrescentam que é por isso que a Bolívia não consegue montar equipes de competição de alto nível, tampouco a seleção do país, porque não são os melhores que jogam, mas sim os que podem pagar para jogar.

Nessa mesma linha de praticantes, segundo os jogadores, a classificação dos jogos pode acontecer de acordo com sexo, idade, profissão e classe social. Quanto ao local,

podem acontecer em praças públicas ou em locais sagrados, como são considerados os grandes estádios de futebol espalhados pelo mundo, denominados “templos sagrados da bola”.

A pesquisa buscou os dados numa praça pública, a Praça *Kantuta*, que muitas vezes se tornava um local sagrado principalmente nos dias festivos, nas datas comemorativas do calendário boliviano. Quanto aos jogadores, optamos por jogadores do sexo masculino, como já dissemos, pois estavam presentes em maior número nos campeonatos do local. Não obstante, identificamos que há equipes femininas de futsal composta por bolivianas, mas ainda em número pequeno. Durante os campeonatos em que estivemos presentes, pudemos viabilizar jogos femininos e de crianças, para fomentar essa prática no local.

Na subdivisão dos jogos manuais, Mauss mostra os jogos de bola que, praticados por adultos, geralmente são rituais. Jogos de agilidade e jogos de força frequentemente coletivos correspondem a uma expressão social do prestígio, e a vitória explicita o melhor, o mais forte, o campeão.

As equipes que participam dos campeonatos de futsal na Praça *Kantuta* são constituídas e agrupadas para compor times com os jogadores mais habilidosos, e o grande objetivo é a vitória. Muitas vezes identificamos alguns bolivianos que recebem algum tipo de ajuda financeira para participar de algumas equipes em jogos na praça ou não. Além disso, esses jogadores participam não apenas de jogos de futsal, mas também de futebol de campo. Alguns bolivianos que jogavam futebol de alto nível na Bolívia, em equipes organizadas, chegaram ao Brasil com a esperança de poder dar segmento a suas possíveis carreiras no mundo da bola. Praticamente todos se frustraram, pois, além de a concorrência aqui ser bem maior, os “empresários da bola” pouco valorizam esses atletas latinos.

Na estética, Mauss fala das artes que, segundo ele, se distingue dos jogos (1972, p. 101) “pela procura exclusiva do belo que implicam”, sem, contudo, haver rigidez nessa distinção. A divisão das artes apresentada pelo autor está em plásticas e musicais, sempre baseadas no corpo. As plásticas se definem pelo uso do corpo ou de um objeto temporário ou permanente. São as artes corporais, as ornamentações exteriores ou do corpo, as quais incluem as pinturas ou as esculturas que deformam o corpo, como as tatuagens, por exemplo, destacando-se a procura pela beleza artificial.

Em relação às plásticas, os bolivianos, nas comemorações de datas festivas, pintam e usam ornamentos para enfeitar seus corpos, o que Mauss chama de cosmética. Muitas dessas artes têm suas raízes nos povos indígenas e nos incas que foram os principais ancestrais da região onde fica a Bolívia. Com as pinturas e os ornamentos, ocorrem as danças, as louvações aos deuses e a *Pachamama* (mãe Terra). Naturalmente as tintas, os objetos, os instrumentos, os aparelhos de som usados e as ornamentações usadas hoje nas festividades em quase nada se assemelham às usadas pelos povos originais da região andina.

Os bolivianos têm uma tradição em relação a esses ornamentos decorativos que aparece explicitamente no festival de *alasitas*, ou objetos em miniatura, em que, como já dissemos, se celebra a deidade *El Ekeko*, um boneco baixinho, quase um anão, forte, com bigode espalhado, fumante, que veste chapéu e carrega vários produtos. Esse boneco é vendido no dia desse festival, durante a feira, em quase todas as barracas. E é conhecido como “*el diós da fortuna*”, que traz abundância e prosperidade. Os bolivianos compram algum objeto, móvel (carro) ou imóvel (casa) em miniatura e levam para serem bentos por “sacerdotes” a fim de que sejam adquiridos. Depois do festival, o pequeno boneco é levado para as residências e fica num local de destaque, após esse ritual, a fim de que os desejos possam ser atendidos. O circuito dura um ano até o próximo festival em que os procedimentos são repetidos.

Na feira boliviana da Praça *Kantuta*, algumas barracas comercializam ornamentos trazidos da Bolívia para que os bolivianos que aqui residem possam, de alguma maneira, recordar ou reviver determinadas lembranças de sua terra natal. A comercialização desses objetos é muito valorizada pelos bolivianos e pelos turistas frequentadores da feira.

Nesse contexto, Mauss destaca que (1972, p. 112): “O conjunto de elementos estéticos que caracterizam uma sociedade constitui o estilo dessa sociedade”. Por conseguinte fica claro que as vestimentas usadas pelos bolivianos traduzem bem o estilo de viver desses grupos. Mais do que um estilo, as bolivianas querem dizer alguma coisa ao usar essa vestimenta, afirmando, assim, sua identidade.

Em relação ainda às vestimentas, por ser uma representação simbólica, o imaginário trabalha com a construção desses símbolos, que são uma atribuição de significados, ou seja, a ideia representativa de um dado da realidade.

Os significantes de que são dotados os símbolos formam uma teia que une as construções dos estereótipos e das identidades. Os símbolos suscitam diferentes olhares e entendimentos, porque mobilizam a subjetividade das emoções. Um mesmo símbolo pode provocar orgulho em alguns e desprezo em outros, mesmo que ambos estejam protegidos pela comum realidade representada. Laplantine (1996, p. 22) reforça tal ideia, afirmando que:

“os símbolos são polissêmicos e polivalentes, aparando-se também no referencial significante que lhes propicia os sentidos, os quais contêm significações afetivas e são mobilizadores de comportamentos sociais. A eficácia dos símbolos consiste nesse caráter mobilizador e promotor das experiências cotidianas: os símbolos permitem a cura de doenças psicossomáticas e fazem emergir emoções como: raiva, violência, nostalgia e euforia.”

Nas artes musicais, existem dois elementos: o sensorial e o ideal. O primeiro corresponde às noções de ritmo, equilíbrio, contrastes e harmonia. No segundo, existe um elemento de teoria, segundo a qual quem executa sente alegria somada a um elemento de imaginação e criação. Em relação às outras artes, a música comporta elementos de entusiasmo e excitação, reunindo-se a dança, a música, a poesia, o drama e a literatura, ligados entre si e ligados a diversas instituições.

Especificamente na dança, Mauss afirma ser sempre cantada e acompanhada de mímica, além de ser rítmica com o corpo ou parte dele. Os estudos da dança podem ser feitos de acordo com a distinção entre os objetos que podem representar uma lenda ou um conto, trágico ou cômico. Pela função, podem representar danças fúnebres, totêmicas, jurídicas, para acompanhar lutas, caças, guerras, jogos ou trabalho. Quanto aos dançarinos, podem ser profissionais, semiprofissionais ou amadores.

Há vários grupos folclóricos constituídos por bolivianos que tentam cada um com suas características, quanto à região ou às crenças, desenvolver atividades musicais e de dança, mantendo suas tradições e desenvolvendo apresentações. Assim, revivem algumas lembranças de sua terra natal. As principais manifestações musicais e de dança que podemos observar na Praça *Kantuta* durante alguns eventos contam com um grande número de participantes, não só como dançarinos, mas principalmente como espectadores. São elas: a *tarqueada*, a *diablada*, a *morenada*, *tinkus*, *caporales*, *cueca*, entre outras. Podemos presenciar

que os bolivianos gostam muito de dançar e se sentem muito absortos quando estão dançando, principalmente em situações públicas, em seus respectivos grupos. Há um alto grau de pertencimento demonstrado nas apresentações públicas dos grupos, e os espectadores mantêm um grande respeito pelos integrantes dos grupos.

Os grupos organizados desfilam pelas ruas ao redor da praça, dando voltas em seu entorno. As composições em sua maioria têm músicos que tocam os instrumentos e dançarinos que, além da própria dança coreografada, cantam, em tom de voz elevado, as músicas características do grupo. Lembramos que, nessas apresentações que envolvem as danças, o consumo de cerveja é bastante alto principalmente pelos integrantes dos diversos grupos que o fazem antes, durante e depois dos desfiles.

Com as danças, aparecem as músicas e os cantos. A música, considerada um sistema para Mauss (1972, p. 117), é definida “como um fenômeno de transportes, um passeio maravilhoso pelo mundo dos sons e acordes”.

As variações entre diferentes ritmos e melodias aparecem de forma bem explicitada nas diversas sociedades. Já numa mesma sociedade as variações ocorrem de acordo com o sexo, a idade e a classe social, aparecendo as músicas nobres e vulgares, músicas militares, de igreja e de cinema.

Os instrumentos musicais são inevitáveis objetos que aparecem como um ponto de apoio à música. As músicas bolivianas são acompanhadas por alguns instrumentos típicos que pudemos conhecer nas diferentes festas que ocorreram na Praça *Kantuta*, os quais são comercializados nas barracas. Destacamos alguns instrumentos de sopro, como a *quena* e a *zampoña*, os instrumentos de corda, como o *charango*, e os instrumentos de percussão, como é o caso do *bumbo*. A Associação Gastronômica e Cultural Padre Bento disponibiliza, no palco existente na praça, um aparelho de som, caixas acústicas e um DJ que toca músicas principalmente típicas da Bolívia, além de vários outros ritmos.

O drama, para Mauss, existe em toda parte. O máximo de uma arte dramática se encontrará na religião, que corresponde à procura de um mundo diferente a que se dedica certa crença. Uma cena que pudemos observar na Praça *Kantuta* relacionada a esse conceito de drama acontece no festival de *alasitas*, como já mencionamos.

O sacerdote, figura que benze os objetos, faz cenas extremamente dramáticas que até certo ponto impressionam pela veracidade que “ele” demonstra em seus atos, como jogar água nos objetos, dançar, sussurrar, acender velas e rezar. Todos os espectadores ficam extasiados diante da “encenação” do sacerdote, principalmente aqueles que “contrataram” os serviços de benzimento para algum objeto. Depois de toda a dramatização, os espectadores ficam tão absorvidos e credos pelo “sacerdote” que alguns também contratam os serviços de benzimentos para os objetos comprados.

A partir do momento em que há canto sobre as palavras, existe poesia, pois, sendo o texto necessariamente ritmado, corresponde a versos. Seu efeito não é só físico, mas também moral e religioso.

Em relação à prosa, Mauss (1972, p. 125) pondera que: “A literatura tal como nós a concebemos é uma literatura escrita, mas nas sociedades que interessam à etnografia a literatura é feita para ser repetida”. O autor salienta que quanto mais se conta uma história a uma criança mais ela aprecia.

Poesia e prosa não tiveram diretamente nenhuma inserção para que pudéssemos fazer correlação com o tema da nossa pesquisa, exceto a vontade dos dirigentes da associação de reestruturar um espaço na sede para a biblioteca que seria utilizada principalmente pelas crianças. Existem alguns livros, revistas e vídeos armazenados no local, mas em péssimo estado de conservação e guarda. Sugerido por nós e apresentado para a associação, elaboramos um projeto de “brinquedoteca”, “gibiteca” e “videoteca”, que os dirigentes levaram para algumas empresas a fim de patrocinar a iniciativa, até o momento sem sucesso.

Um autor citado por Mauss (1972), Simiand, define o fenômeno econômico como distinguido pela presença de um mercado em geral e sempre pela noção de valor. O autor indaga que são econômicos os bens e os serviços cujo valor é fixado por uma massa social determinada; onde não houver noção de valor, não há fenômeno econômico. Fica evidenciado o conceito de necessidade e de utilidade que são relativos a um determinado estado social e a uma época, em que a mudança do estado social implica mudanças das necessidades.

Pudemos identificar na fala dos sujeitos da pesquisa um fenômeno de inflação nas vendas de produtos confeccionados pelos bolivianos. O caso ocorreu um tempo atrás quando a “moda” era costurar bolsas de uso feminino. Todos viram oportunidades de negociar com esse

artefato. Assim, os preços despencaram, e o desespero de quem havia investido no negócio veio à tona, como diz o sujeito 44 da pesquisa:

“Começamos a fazer as bolsas, e a média de preço era de R\$10,00 cada uma para ter um bom lucro. Esse preço foi caindo para R\$ 8,00, R\$ 6,00, R\$ 3,00, pois, como todo mundo estava fazendo bolsas, os contratantes buscavam quem cobrasse mais barato. No fim disso, tinha boliviano cobrando R\$ 1,00 apenas para poder girar um dinheiro, sendo que esse preço não paga nem a linha usada na bolsa. Muita gente perdeu dinheiro, inclusive eu.”

Os primeiros bolivianos que chegaram ao Brasil na década de 1950 tinham necessidades completamente diferentes das necessidades que hoje estão na baila. Os primeiros imigrantes vieram para cá em busca de estudos, de qualificação, ou até mesmo vieram como fugitivos políticos. Hoje, as necessidades dos bolivianos no Brasil são expressas pelo fenômeno econômico da busca de trabalho e de condições melhores de vida que, para eles, acontecem quando adquirem um imóvel e passam de costureiros a donos de oficina. O sujeito 19 da pesquisa expressa essa vontade nas suas palavras: “Quero poder comprar uma casa própria e dar conforto à minha família.”. O sujeito 71 da pesquisa ambiciona crescer no ramo da confecção: “Eu e minha mulher estamos trabalhando muito para juntar dinheiro e montar a nossa própria oficina”.

A divisão do trabalho não é um fenômeno exclusivamente econômico, mas também jurídico e, por vezes, metafísico, religioso e sempre moral, predominando a divisão de tarefas por conta de sexo e idade. A organização do ofício e do trabalho, antes de qualquer coisa, é um fenômeno técnico.

Existe uma competição capitalista na lógica do mercado porque nas oficinas de costura onde trabalham os bolivianos não se faz distinção de sexo, tampouco de idade. Vemos homens, mulheres, adultos e jovens desenvolvendo as mesmas tarefas, até porque o que predomina na atividade é o manuseio de uma máquina que não necessariamente exige alto grau de força ou de destreza. O que prevalece nessas atividades é a resistência. Detectamos que alguns bolivianos chegam a trabalhar de 12 a 14 horas por dia, uma vez que grande parte desses trabalhadores recebe seus salários por peça concluída. As oficinas recebem as peças das lojas e

têm que fazer os arremates e os “fechamentos”; o custo é pago por peça terminada e entregue no prazo. Vimos, no período de fim do ano, o estresse dos bolivianos com a pressão dos prazos.

O sujeito 22 da pesquisa assim nos contou numa conversa: “No fim do ano, viramos a noite nas máquinas para entregar as peças no prazo. Se eu disse que iria entregar dia 11, vou entregar!”. A oportunidade de aumentar os ganhos nessa época é muito importante; em conversa, o sujeito 6 da pesquisa nos informou que: “No Natal podemos ganhar um dinheiro a mais, e a família que está na Bolívia espera muito este dinheiro, pois a vida lá tá muito difícil”.

A família que liga um grupo de pessoas, por laços sanguíneos ou não, está presente entre os grupos de bolivianos, dando continuidade às tradições. É raro no Brasil ver bolivianos ou bolivianas se casando com pessoas de outras nacionalidades. Segundo os dados dos sujeitos da pesquisa, não conseguiriam se “misturar”, aceitar e até certo ponto incorporar algumas atitudes do “outro”; provavelmente a união não seria duradoura. Isso não significa que não foram constatados casamentos entre bolivianos ou bolivianas com brasileiros e brasileiras, mas em grau de exceção. Um dos diretores da associação que tem uma barraca de saltenhas é um brasileiro que se casou com uma boliviana, como já dissemos.

Os bolivianos entrevistados não parecem ser muito solidários com seus compatriotas, tampouco com indivíduos de outras nacionalidades. Os relatos dos sujeitos da pesquisa apontam para uma individualização das ações e das atitudes restritas aos familiares de primeiro grau: pai, mãe, filhos. Nem mesmo os irmãos têm uma proximidade grande entre eles.

Perguntamos aos sujeitos da pesquisa se eles aconselhariam os compatriotas que vivem na Bolívia a virem para o Brasil. Praticamente todos disseram que aconselhariam a vir desde que tivessem local para ficar e algo certo para fazer, bem como documentação legalizada, como informou o sujeito 45 da pesquisa: “Eu diria a eles para virem, pois aqui tem mais trabalho que na Bolívia; mas não peçam emprego para mim. Cada um tem que arrumar o seu trabalho.” Já o sujeito 16 da pesquisa parece ser mais equilibrado: “Acho que eles podem vir para o Brasil desde que tenham documentos e emprego certo, pois eu não vou atrás de emprego para ninguém.” O sujeito 54 da pesquisa foge dos compatriotas: “Eu não dou meu endereço para nenhum boliviano, senão eles vêm na minha casa e já querem dormir lá e morar comigo.”

Essas respostas mostram as diferenças entre eles, talvez até pelo grau de dificuldade que enfrentaram e continuam enfrentando. Vale ressaltar que tal processo é cíclico,

pois os mesmos sujeitos que agora rechaçam seus compatriotas, em algum momento também tiveram de ter acolhida de alguém quando aqui chegaram pela primeira vez. O fato é que cada boliviano que desembarca no Brasil é um possível e potencial concorrente deles às vagas de emprego.

Muitos bolivianos e bolivianas que vêm para o Brasil deixam seus filhos e filhas aos cuidados de seus pais na própria Bolívia. Esses grupos partem do seguinte pressuposto: aqui no Brasil seus filhos não teriam condições de ter cuidado e educação adequados, razão pela qual preferem enviar periodicamente dinheiro para manutenção deles em seu país. Nas entrevistas, muitos sujeitos da pesquisa ressaltaram que a educação escolar na Bolívia, em comparação com a educação escolar no Brasil, é bem melhor, e principalmente o respeito ao professor se faz sempre presente. Esse fato também os leva a tomar a decisão de manter seus filhos nas escolas da Bolívia, como mostrou o sujeito 7 da pesquisa que tem dois filhos: “Meus filhos estudaram um tempo aqui no Brasil, mas tinha criança na sala deles com 9 anos que não sabia nem ler e nem escrever. Mandeí eles de volta para estudar na Bolívia, pois eu sei que lá pelo menos vão aprender a ler e a escrever.” O sujeito 14 da pesquisa questionou ainda mais a escola do Brasil: “Aqui na escola do Brasil todo dia falta professor, tem muita bagunça e violência. Eles não aprendem nada, e os professores não fazem nada. Ninguém respeita ninguém. Meus filhos vão estudar na Bolívia!”

Os programas educacionais do governo boliviano são explicados pelo sujeito 10 da pesquisa: “Evo Morales dá um bônus em dinheiro para quem coloca os filhos na escola. Por isso, meus filhos estudam lá. Só que eles só dão os livros, pois lápis, caneta, caderno e outros materiais escolares eles não dão”.



Foto (tiradas pelo autor desta tese Ubiratan Silva Alves) da placa colocada na parede próximo a porta de entrada da sede da Associação e foto da Praça *Kantuta* em dia de semana quando não existe nenhuma atividade organizada que constam das observações do diário de campo. A porta de entrada da sede da Associação está indicada com a seta.

Na produção, Mauss sugere um inventário destacando alguns pontos, como a natureza do trabalho, quem produz, se é coletivo ou não. O autor parte do pressuposto segundo o qual a divisão do trabalho é essencialmente social.

Nas oficinas de costura, a produção das peças é feita pela divisão do trabalho, e cada boliviano faz uma parte da confecção. Por exemplo, numa camisa, um costura a manga, outro a barra e outro a gola; no final, a peça está pronta. A soma de cada intervenção culmina com a integralização da peça.

A relação entre o empregador e o empregado parece ser, na grande maioria das vezes, informal, até porque muitos bolivianos que oferecem mão de obra nas confecções estão no país de forma ilegal. Isso quase os obriga a aceitar as condições impostas pelo dono da oficina, salienta o sujeito 68 da pesquisa: “Recebemos o pagamento aos sábados e aí temos o domingo para ir à feira, jogar futebol e beber cerveja. Às vezes ele demora a pagar, mas a gente entende”. O sujeito 29 da pesquisa está preocupado com a família que ficou na Bolívia e ressalta: “Ainda estou ganhando pouco e não consigo mandar dinheiro para minha família na Bolívia, mas logo vou conseguir.”

A repartição e o consumo se enquadram nos negócios, nas transações de compra e venda ou de serviços. No caso da feira da Praça *Kantuta*, a venda de produtos é feita diretamente entre o feirante (que produz ou compra para revender) e o consumidor. Grande parte dos consumidores é boliviana, mas não se pode negar a existência de brasileiros e estrangeiros

(principalmente latinos) que frequentam a feira e consomem os produtos. Os feirantes desembolsam mensalmente uma quantia para a associação, a fim de regularizar a permanência dentro dos limites legítimos da feira. Esses valores servem também para subsidiar alguns serviços, como o de segurança, energia elétrica e limpeza.

Outro movimento de dinheiro no local ocorre no campeonato de futsal. Os participantes devem arcar com alguns custos operacionais para viabilização do evento, como taxa de arbitragem, compra de bolas e redes, premiações, papéis de inscrição e súmulas, entre outros. Normalmente os “donos dos times” é que arcam com essas despesas, mas às vezes as contas são divididas entre todos da equipe.

O que nos chamou a atenção foi a maneira pela qual eram cobradas as taxas, bem como as diferentes maneiras pelas quais os participantes prorrogavam o desembolso das verbas. As velhas “desculpas” de cada um iam fazendo a comissão organizadora ter de custear algumas despesas imediatas, principalmente com relação às taxas de arbitragem que, conforme combinado, devem ser pagas imediatamente após os serviços prestados, ou seja, após o término dos jogos do domingo. Mesmo constando no regulamento punições para os devedores, como o aumento do valor das taxas por meio de multas, raramente isso acontecia, e a política da “relevância” permanecia nas relações.

Os “delegados”, como são chamados os donos dos times, normalmente pagam as despesas e alguns agrados aos jogadores, como diz o sujeito 23 da pesquisa: “Às vezes eu pago um refrigerante e ajudo na condução de algum jogador. Cerveja não!”. Outro delegado, o sujeito 39 da pesquisa, disse: “Eu pago as inscrições e dou uniforme, mas bebida só depois do jogo... e de preferência da vitória.”

A moeda é uma medida de valor que ocorre pelo ajustamento do regime econômico da produção e do consumo. A partir do instante em que há uma escala de preços jurídica, há um sistema de moedas. O alto índice de inflação esteve presente tanto no Brasil quanto na Bolívia por muito tempo e fez muitas pessoas perderem a noção do valor da moeda. Atualmente, o Brasil tem inflação anual média em torno de 5% enquanto a Bolívia ultrapassa os 10%. A moeda no Brasil hoje, o Real/R\$, tem estabilidade financeira. A moeda da Bolívia hoje

se chama *Bolivianos/Bs\$* e tem menor valor que a brasileira. De acordo com o *site* do Banco Central do Brasil²⁸, no câmbio dos dias atuais, em média, R\$ 1,00 vale Bs\$ 4,00.

Muitos bolivianos que residem no Brasil conseguem enviar parte de seus ganhos para parentes ou amigos que vivem na Bolívia, visto que os gastos por aqui se resumem praticamente à alimentação, à moradia e a vestuário.

Na discussão sobre fenômenos morais, Mauss (1972, p. 213) salienta que “Todos os direitos são fenômenos morais, mas a moral não está toda compreendida no direito”. Essa afirmação nos mostra as diferenças que existem nas atitudes, nos valores e nos significados para cada povo, principalmente nas questões religiosas. Cada povo tem suas devoções, seus “deuses” e santos que devem ser respeitados pelos povos com diferentes crenças. O autor (p. 213) afirma que: “A moral é a arte de viver em comum, reconhecível pela presença da noção de bem”. Para ele, a moral é interior, ou seja, a consciência que estamos sempre interrogando, condenando ou absolvendo, o chamado exame de consciência.

Os bolivianos, em muitas situações, passam por esses “exames” quando ficam diante de situações em que não podem agir de acordo com seu interior, principalmente por estarem em território que não é seu, no caso o Brasil. Identificamos muitos pais que relatam bater em seus filhos de forma incisiva e radical com um “chicotinho” tradicionalmente utilizado em território boliviano. Tal adereço, que tem origem nos *aimará*, leva o nome de *quinsacharani* – *quinsa* = 3 e *charani* = chicote –, isto é, um cabo com três pedaços de couro de ovelha. Esse adorno na feira é comercializado por R\$ 5,00 e principalmente comprado por bolivianos.

Um sujeito frequentador da feira, em conversa informal, nos relatou a seguinte história que o fez usar o *quinsacharani*:

“Meu filho roubou R\$100,00 da minha carteira na minha casa e deixou de ir à escola para ir ao *shopping* com um amigo. Eu descobri porque a escola me ligou perguntando por ele. Quando ele chegou em casa, me contou toda a verdade e já sabia que ia apanhar. Peguei o *quinsacharani*, ele abaixou a bermuda e levou boas chicotadas no bumbum para nunca mais fazer isso”.

²⁸ (Disponível em <<http://www.bcb.gov.br/?txcambio>> Acesso em: 12 dez. 2010)

Houve ainda relatos informais de que professores batiam com esse “chicotinho” em crianças na escola, quando elas agiam de maneira inadequada. Os bolivianos que relataram tais procedimentos apoiam as atitudes dos professores. Entretanto, parece que hoje esse expediente não ocorre mais.

No que tange à religião, o catolicismo e todas as suas imagens fazem parte de várias adorações e vários rituais entre os bolivianos, os quais, para Mauss (1972), correspondem a uma representação religiosa que está por trás dos atos. Normalmente esses atos são realizados por indivíduos determinados, como os sacerdotes. Ressaltamos que tais atos são representações, até porque todo rito tem uma representação.

A festa religiosa católica com grande adesão entre os bolivianos é a da Virgem Maria, chamada de Copacabana (padroeira nacional) e Urkupiña (padroeira do departamento de Cochabamba). Existe ainda outra padroeira, a do departamento de Santa Cruz de la Sierra, a Virgem de Cotoca, que também recebe muitas homenagens.



Logo da Associação Padre Bento e da Feira dominical.
Disponível em <<http://www.boliviacultural.com.br>> Acesso em: 01 dez. 2010)

Todas essas comemorações fazem parte do calendário da Associação Gastronômica e Cultural Padre Bento que promove tais festividades na Praça *Kantuta*, em dias marcados, e contam com uma grande quantidade de participantes bolivianos. Na Igreja Nossa

Senhora da Paz, esses dias também são comemorados com festividades, o que inclui missa, comida e bebida.

CAPÍTULO 5

OS BOLIVIANOS E O FUTEBOL

5.1- Os atores/jogadores de futebol

Para Geertz (2001), os antropólogos foram os primeiros a fixar que nós vemos as vidas dos outros através de lentes que nós mesmos lapidamos e que os outros, por conseguinte, nos veem por lentes que eles mesmos lapidaram. Em sua obra *O saber local*, o autor (1997) enfatiza que o campo não é tão maravilhoso como se projeta e que lá existe certa intersubjetividade que não pode ser negada. Não se deve ir a campo tentar desvendar ou descobrir mistérios ou enigmas ora ocultos ou escondidos, mas sim interpretar uma realidade, criando uma ponte entre dois universos. Estes, a experiência próxima e a experiência distante propostas pelo autor, devem interagir a todo o momento da pesquisa, pois há uma certa graduação entre o material coletado (bruto)²⁹ e a interpretação que deverá ser feita com sólidas bases teóricas em determinado momento fora do campo, como neste trabalho.

Optamos por coletar dados na forma de entrevistas (ANEXO 1) abertas, que foram construídas com base nos temas relevantes para nossa pesquisa. As entrevistas, feitas com os bolivianos praticantes de futsal na Praça *Kantuta*, eram ora anotadas em caderno de campo, ora no próprio questionário impresso. Usamos também gravadores e vídeo em algumas coletas de informações. Evidentemente foram tiradas muitas fotos do local e das pessoas registrando os momentos.

De todos os jogadores que participam do campeonato da Praça *Kantuta*, a maior parte é de bolivianos, mas conta também com brasileiros, paraguaios, chilenos e peruanos. Como nosso foco de pesquisa são os bolivianos, a coleta de dados ocorreu quase que exclusivamente

²⁹ Vale lembrar que essa descrição também é subjetiva e sofre influências da interpretação que não deve ser vista como única, mas apenas como uma entre outras.

com essa população, o que não nos impediu de vez ou outra coletar informações de pessoas de outras nacionalidades.

Entrevistamos e conversamos com 72 sujeitos bolivianos do sexo masculino para a coleta de dados e informações. Grande parte desse grupo nasceu em solo boliviano. Alguns (3) nasceram em solo brasileiro, mas foram criados na Bolívia e retornaram ao Brasil. Outros são filhos de bolivianos que apenas conhecem a Bolívia de visita aos parentes de seus pais. Enfim, pela ligação que todos têm com a Bolívia, tiveram grande contribuição no fornecimento de informações para esta pesquisa.

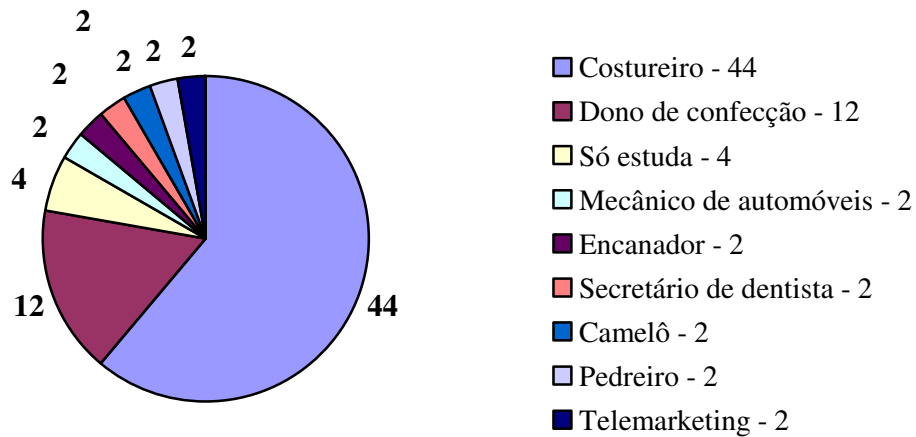
As informações foram coletadas, em sua maioria, nas salas de reuniões da Associação Gastronômica e Cultural Padre Bento que está localizada na própria praça. Essas salas dispõem de cadeiras onde ficávamos bem à vontade para conversar com os entrevistados. Algumas conversas ocorriam dentro da própria quadra, em momentos específicos, e outras na feira, o que nos obrigava a estar com o diário de campo e com o gravador em todos os momentos de estada no local.

A maior parte dos bolivianos desenvolve suas atividades profissionais relacionadas ao ramo da costura, trabalhando nas máquinas ou como donos de oficina; os demais, como profissionais liberais. A entrada em tal ramo de atividade acontece rapidamente, pois as pequenas confecções necessitam constantemente desse tipo de mão de obra. Em sua maioria, as confecções são constituídas como um empreendimento familiar e de certa forma artesanal, o qual tende a crescer e utilizar tecnologias mais avançadas. Essas confecções se utilizam de uma rede de aliciamento e contratação de mão de obra predominantemente “indocumentada”, com baixa remuneração e recém-chegada da Bolívia.

Os profissionais liberais fazem serviços autônomos que já executavam na Bolívia. *Telemarketing* é uma área em plena expansão para vagas de emprego em todo o mercado brasileiro e mundial. Entretanto, para que os bolivianos trabalhem em empresas de atendimento apenas do Brasil, faz-se necessário ter domínio pleno da língua portuguesa, o que não acontece com a maioria deles. Por conta disso, muitos procuram empresas que atendem clientes da América Latina, o que facilita o uso da língua espanhola nas conversas.

O gráfico a seguir indica as profissões exercidas atualmente pelos sujeitos da pesquisa:

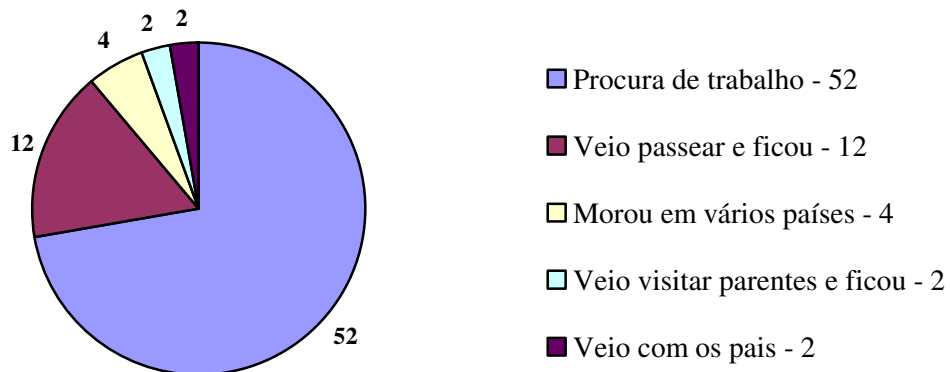
Gráfico 3 - Profissões dos sujeitos



Os motivos que trouxeram os bolivianos ao Brasil são muito parecidos. Vieram principalmente em busca de trabalho com fins de melhorar as condições e a qualidade de vida pessoal e de seus familiares.

No gráfico a seguir estão demonstrados os vários motivos pelos quais os sujeitos da pesquisa vieram ao Brasil:

Gráfico 4 - Motivos da vinda dos sujeitos ao Brasil



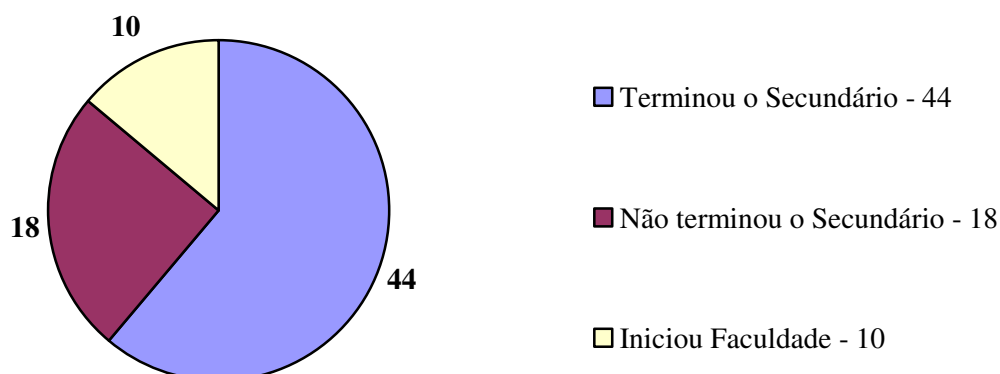
Grande parte da população boliviana em São Paulo está nos bairros do Brás, do Bom Retiro e do Pari. A busca por esses bairros se dá pela rede formada nas atividades profissionais ligadas ao ramo da costura que estão estabelecidas nessas regiões, principalmente as lojas que comercializam as peças de vestuário finalizadas. Entretanto, existe uma grande expansão de oficinas por todas as regiões de São Paulo, em razão do baixo custo de aluguel dos imóveis, bem como da distância de possíveis fiscalizações que se concentram na região central da cidade.

De acordo com registros das Unidades Básicas de Saúde da região central de São Paulo, a maioria dos acometidos por tuberculose³⁰ é constituída de bolivianos, por conta dos trabalhos com costura.

Um ponto que julgamos importante averiguar neste estudo está relacionado ao grau de instrução dos bolivianos pesquisados. Vimos que praticamente todos passaram por bancos escolares em seu país, exceto os quatro garotos que nasceram no Brasil e desenvolvem seus estudos nas escolas brasileiras. Alguns chegaram a iniciar estudos no ensino superior, outros terminaram o “secundário” (equivalente ao nosso ensino médio) e outros não terminaram.

O gráfico a seguir mostra a situação dos sujeitos da pesquisa em relação aos estudos:

³⁰ A tuberculose ocorre principalmente pelas más condições de trabalho. As oficinas têm pouca ventilação, e a alimentação é pobre em proteínas e vitaminas. Outras doenças de cunho ortopédico, como desvios posturais e lombalgia, também se fazem presente entre eles pelo tempo excessivo que ficam sentados nas cadeiras em frente das máquinas de costura numa posição quase que imóvel.

Gráfico 5 - Situação dos sujeitos relativa aos estudos

Percebemos na fala da maioria dos sujeitos da pesquisa que existiu uma preocupação em concluir ao menos a educação básica na Bolívia, que poderia ser resgatada caso houvesse fracasso no Brasil. Esse fracasso, como consequência de retorno à Bolívia, não foi por nós constatado em nenhum discurso, ou seja, nenhum sujeito da pesquisa retornou à Bolívia para aproveitar seus estudos. Todos que para cá vieram obtiveram melhores condições que aquelas da Bolívia e, diante de seus projetos, conseguiram parcial ou totalmente atingir seus objetivos.

Ainda na temática da educação, identificamos que apenas 15 sujeitos da pesquisa estudam aqui no Brasil, e 6 fazem curso técnico de radiologia, 5 de informática e 4 o ensino médio. O curso técnico em radiologia, além de ser de curta duração e ter preço baixo, permite fácil inserção no mercado, tanto no Brasil quanto num possível retorno à Bolívia. A preferência desses bolivianos por esse curso também ficou expressa na fala do sujeito 11 da pesquisa: “Com este curso, posso até voltar para a Bolívia porque lá pouca gente mexe com estas máquinas de raio X.”

Os demais sujeitos da pesquisa optaram por investir seus tempos nas atividades profissionais para poderem acumular riqueza. Esse dado fica caracterizado pelas prioridades que a maioria tem aqui no Brasil o que implica trabalhar mais. Consequentemente não sobra tempo para estudar, até porque teriam gastos com os estudos, e isso, para a maioria dos sujeitos da pesquisa, no momento não é prioritário.

Alguns ainda disseram ter intenção de estudar aqui no Brasil, mas as respostas, à primeira vista, foram dadas mais como uma possibilidade expressa apenas no discurso, sem

muita firmeza e convicção. Todavia eles parecem não querer desistir da possibilidade de estudar e mudarem de atividade profissional. As áreas mais indicadas por eles, como intenção de estudos, foram informática, modelagem e turismo. As menos indicadas foram serigrafia, direito, elétrica, mecânica e engenharia.

As áreas de interesse dos bolivianos foram bem variadas, o que indica que cada um teve alguma informação sobre algum curso e se interessou de maneira superficial, sem conhecimento profundo daquilo que implica tal formação. Duas das áreas de interesse dos sujeitos da pesquisa fazem sentido em relação à opção: a informática será útil em qualquer intervenção profissional; a modelagem tem ligação direta com o ramo de atividade predominantemente desenvolvida por eles aqui no Brasil, a confecção.

Alguns sujeitos da pesquisa foram taxativos em dizer que não vão mais estudar, pois já se focaram nas atividades profissionais e seus investimentos são realmente direcionados aos seus trabalhos, com possibilidade de se tornarem principalmente donos de oficinas. Eles salientam que vão investir capital no estudo de seus filhos, como diz o sujeito 47 da pesquisa: “Eu não consegui estudar, não tinha tempo e nem dinheiro daí resolvi só trabalhar [...] mas meus filhos vão estudar sim, não tem desculpa, vai até a faculdade e se formar porque eu economizei para isso.”

A Educação Física também foi questionada nas entrevistas para sabermos se eles têm algum conhecimento dessa área no Brasil. Mais da metade dos entrevistados, 46 sujeitos, desconhece a área e não teceu nenhum comentário sobre o tema, até porque parece ser um assunto muito distante dos seus interesses atuais.

Os demais 26 sujeitos da pesquisa disseram achar os estudos aqui no Brasil, de maneira geral, muito fraco. Os que têm filhos nas escolas e acompanham os estudos disseram que as aulas de Educação Física são constituídas por jogos de quadra (principalmente futsal) e que os professores “só enrolam” e “distribuem as bolas” para os alunos jogarem.

Esse grupo ratifica vários dados que já existem em pesquisas da área no Brasil que mostram o foco das aulas de Educação Física escolar nos esportes e apenas no fornecimento e na distribuição de material esportivo.

Outra parte dos informantes salienta questões sobre a violência, provavelmente oriundas das reportagens na mídia, e explicitam claramente que a escola na Bolívia é “melhor”

que a escola no Brasil por ser mais exigente, haver mais respeito aos professores e mais autoridade. O sujeito 7 da pesquisa assim disse diante desse fato: “Eu coloquei meus filhos para estudar aqui, mas não dá, é muito fraco e desorganizado. Mandeí eles de volta à Bolívia, para casa de meus pais, e agora estão estudando lá.”

A Educação Física na Bolívia também trouxe alguns dados interessantes para este estudo. Dos sujeitos entrevistados, 58 disseram que as aulas de Educação Física nas escolas são constituídas por atividades de ginástica, jogos, conhecimento das regras dos esportes e preparação física. Basicamente, nas escolas da Bolívia, praticam-se futsal, futebol de campo, vôlei e basquete.

Um dado interessante que surgiu nessa temática, durante as conversas, foi a ausência, na fala dos bolivianos, da modalidade handebol (tão comum em escolas brasileiras) como prática esportiva. A dúvida pairou sobre a existência ou não do conhecimento dessa modalidade. Dos entrevistados, 41 não conheceram o handebol na escola nem na Bolívia, viram apenas na TV. Os demais ainda tinham dúvidas sobre essa modalidade, confundindo-a com a *pelota basca* praticada na Bolívia.

De modo geral, a Educação Física escolar desenvolvida na Bolívia, de acordo com os sujeitos da pesquisa, parece ter muitas semelhanças com a desenvolvida no Brasil, com foco nos esportes, nas regras e nos conhecimentos da modalidade. As diretrizes das atividades por lá sugerem ainda trabalhos de condicionamento físico e técnico, como no Brasil nas décadas de 1970 e 1980.

Os sujeitos da pesquisa praticam futebol e, por isso, foram indagados sobre suas relações com essa atividade na Bolívia. Dos entrevistados, 62 já haviam praticado futebol em solo boliviano, ressaltando que os que não jogaram por lá são os quatro garotos entre 15 e 16 anos que aqui estudam e alguns que sofreram algum tipo de lesão e pararam de jogar, tornando-se “delegados” das equipes. Assim, mesmo não praticando efetivamente o jogo em quadra ou campo, eles mantinham na Bolívia ligação com a modalidade.

Assim como o Brasil, a Bolívia dispõe de vários locais de prática. Os sujeitos da pesquisa nos mostraram que por lá praticavam futebol em quadras ou em campos de bairros (44), em clubes (22) e em escolas (6). Dos sujeitos da pesquisa entrevistados, 8 deles nos disseram ter jogado profissionalmente. O futebol na Bolívia é muito praticado nos bairros onde

existem organizações que comandam a prática, como é o caso das associações ou das ligas, bem parecido com o contexto da organização desenvolvida na Praça *Kantuta*.

A semelhança da organização do futebol em bairros existente na Bolívia com a organização existente na Praça *Kantuta* pode ser um indicativo de familiaridade quanto à aceitação das normas e do ingresso nos campeonatos da associação aqui no Brasil. Na Bolívia, a prática nos bairros supera a prática nas escolas.

Dos sujeitos da pesquisa que na Bolívia foram atletas profissionais, parte está com idade avançada, o que os impediria de atuarem profissionalmente aqui no Brasil. Estes não conseguiram guardar dinheiro para se manter, até porque jogadores profissionais na Bolívia, como no Brasil, não ganham “fortunas” e tiveram de vir para cá a fim de trabalhar em outras áreas para manter suas famílias.

Na pergunta sobre a prática de outros esportes na Bolívia, além do futebol, 28 sujeitos da pesquisa responderam que sim, mas não tinham fins de competição, pois tal prática ocorria em ambiente escolar como forma de lazer. O vôlei e o basquete, nesse caso, foram as modalidades ressaltadas.

A prática de outra modalidade aqui no Brasil também foi questionada, e a resposta foi bem parecida, pois apenas uma pequena quantidade de bolivianos (6) joga vôlei, principalmente em parques e de forma recreativa. Predominantemente os locais são o Parque Estadual da Cantareira e o Parque do Trote localizado na Zona Norte da capital paulistana. Vale lembrar que essa prática observada tem um cunho exclusivamente recreativo e de lazer, desenvolvida basicamente entre familiares e amigos. A justificativa foi a falta de locais para uma possível prática. Enfatiza-se que no Brasil existem muitas quadras de futsal e poucas de outras modalidades. O futebol realmente fica no topo da prática de esportes dos bolivianos pesquisados, observada e constatada, não só na praça, mas também nas visitas feitas aos parques públicos que têm frequência de bolivianos.

Além da prática, a participação como espectador nos chamou a atenção. Verificamos que praticamente todos os bolivianos já estiveram em campos ou em quadras para assistir a jogos de futebol ou de futsal, ou seja, a maioria deles, como torcedores, já teve contato com o futebol lá na Bolívia.

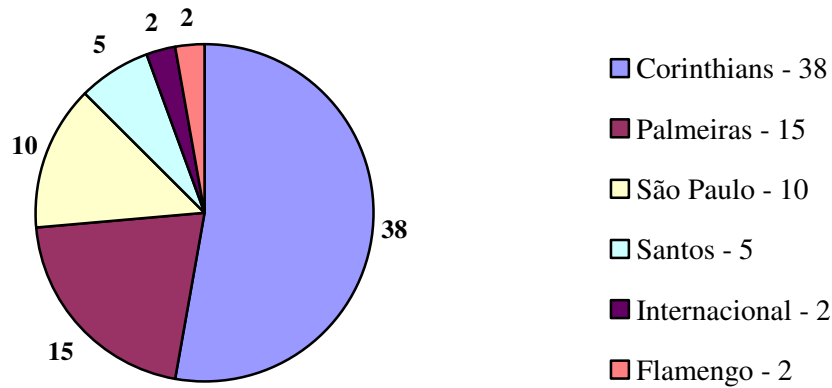
Os bolivianos têm muitos ídolos no futebol brasileiro, e identificamos que praticamente metade dos entrevistados já foi a um campo ou a uma quadra de futsal assistir a jogos oficiais no Brasil. Dos que já foram a estádios no Brasil, fizeram-no não mais do que duas vezes, e aqueles que não foram ainda disseram que têm muita vontade de ir e que um dia com certeza irão. Aqueles que já foram, estão no Brasil há pelo menos 5 anos, o que indica já uma certa segurança e familiaridade no traslado e nos procedimentos de ida a um jogo, em relação principalmente à segurança.

A ida aos estádios tinha mais um caráter cultural do que de torcedor, como nos disse o sujeito 45 da pesquisa: “Eu sempre sonhei em conhecer o estádio que o Pelé jogava. Combinamos com os amigos e fomos para Santos. Nem lembro contra quem o Santos jogou, eu sei que ganhou, mas o importante foi conhecer a Vila Belmiro”. O sujeito 60 da pesquisa também quis ir ao estádio mais para conhecer do que para ver o jogo: “Muitos times da Bolívia já jogaram no Morumbi contra o São Paulo, e eu fui até lá para ver onde meus conterrâneos jogaram, pois é o maior estádio de São Paulo”.

O palco dos grandes espetáculos de futebol no Brasil e principalmente em São Paulo teve a presença dos bolivianos em alguns jogos. O Morumbi teve presença de 17 bolivianos; o Pacaembu, de 6; o Canindé, de 3; a Vila Belmiro, de 3 e o Parque Antártica, de 2. Alguns já assistiram a jogos em mais de um estádio.

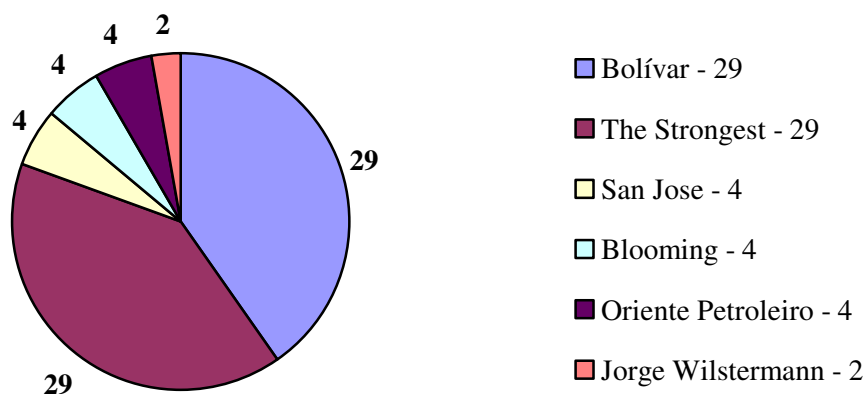
Excetuando-se a Vila Belmiro, os demais estádios citados pelos bolivianos são os mais importantes da capital paulista e abrigam grandes jogos dos grandes times pelos quais eles têm preferência. Essa paixão pelo futebol fez os bolivianos elegerem equipes do Brasil para torcer. Apenas quatro disseram não serem torcedores de times brasileiros, e os demais mostraram as suas preferências.

O gráfico a seguir mostra a preferência de cada sujeito da pesquisa em relação ao time de futebol que aprecia:

Gráfico 6 - Preferência de time de futebol brasileiro

Metade dos entrevistados torce no Brasil pelo Corinthians e a outra metade está dividida entre os outros clubes. O sujeito 75 da pesquisa explicou a preferência: “Os corintianos são muito fanáticos, lotam os estádios, cantam e gritam, é muito bonito de ver. Eu tenho muita vontade de ir ao estádio, mas tenho medo, pois tem muita gente. Daí, eu vejo na televisão”. O sujeito 67 da pesquisa chamou nossa atenção em sua resposta ao porquê da sua escolha por um clube no Brasil: “Eu torço pelo time do Pelé, o melhor do mundo!”.

Não obstante, a paixão pelas equipes bolivianas permanece mesmo em solo brasileiro e assim são divididos, no gráfico, os torcedores de equipes bolivianas:

Gráfico 7 - Preferência por time de futebol boliviano

Ambos com sede em La Paz, o Club Bolívar, fundado em 1925, e o Club The Strongest, fundado em 1908, são os mais populares da Bolívia, e isso se reflete também nos bolivianos que estão no Brasil. Na feira existem barracas que vendem camisas desses times e não é raro ver bolivianos (principalmente) passeando pelas ruas com a camisa desses times.

Nas entrevistas foram apresentadas questões relacionadas às semelhanças e/ou às diferenças existentes entre o futebol na Bolívia e no Brasil, além de algumas possíveis comparações.

É importante salientar nessas falas que afirmam pontualmente na Bolívia existirem jogadores que se tornam profissionais em grandes clubes por pagarem para chegar a esse estágio. Segundo eles, não são os melhores jogadores que jogam, mas sim quem pode pagar para jogar, o que torna quase impossível haver grandes equipes, como mostram os resultados dos torneios sul-americano e internacionais de que tanto as equipes bolivianas quanto a seleção da Bolívia têm participado.

O quadro identifica as falas dos sujeitos da pesquisa em relação a essa questão. Ressalte-se que alguns entrevistados deram mais de uma resposta:

QUADRO 3 – Comparação entre o futebol no Brasil e na Bolívia

No Brasil é mais técnico, há mais habilidade, é mais bonito.	23
Na Bolívia só joga quem tem dinheiro ou parentes.	10
O Brasil se dedica mais ao futebol, tem mais fanatismo.	5
Na Bolívia é muita correria, só tem físico.	5
Na Bolívia só jogam para brincar.	4
No Brasil é mais competitivo e tem mais energia.	4
Na Bolívia tem pouca técnica.	4
No Brasil é mais organizado o regulamento.	2
No Brasil a torcida é muito violenta.	2
No Brasil tem escolinhas de formação.	2

Na Bolívia se trabalha muito e joga pouco.	2
Na Bolívia a torcida é mais calma.	2
Na Bolívia os empresários dão preferência aos ricos.	2
Na Bolívia o governo não apoia o futebol.	2
Na Bolívia eles jogam e bebem muito. Por isso, não vai pra frente.	2
Na Bolívia o clima é ruim; esquenta o pé quando joga.	1

Autor: Ubiratan Silva Alves

O sujeito 68 da pesquisa informou claramente essa situação: “Quem não tem dinheiro não joga, não adianta, não joga. Às vezes você vê que o garoto é bom de bola, mas sem dinheiro volta para casa para trabalhar e ajudar a mãe. Assim não vai formar bons times nunca!”. Outro sujeito da pesquisa, o 28, endossa essa questão: “A última vez que a Bolívia foi para uma Copa foi em 1994 e desse jeito nunca mais vai!”. Já o sujeito 16 da pesquisa se refere a essa questão em âmbito de continente: “Com esse pensamento de dinheiro, nunca fomos campeões nem da Taça Libertadores da América, pois os times bolivianos são muito fracos perto dos argentinos e dos brasileiros”.

Outra questão é o interesse que os sujeitos demonstram em ver bons espetáculos de futsal nos jogos na Praça *Kantuta*. Os bolivianos conseguem identificar muito bem a diferença técnica entre brasileiros e bolivianos, e os espectadores dos jogos da praça vibram e torcem quando ocorrem lances bonitos nos jogos, como diz um sujeito entrevistado do lado de fora da quadra num dos jogos: “Dá gosto de ver esse menino jogar [referindo-se a um brasileiro que estava jogando em uma das equipes e acabara de fazer um gol muito bonito], pois ele dá o sangue pelo time e deveria jogar num time melhor.” Outro espectador boliviano entrevistado por nós fez a comparação:

“Olha esse boliviano jogando [referindo-se a um boliviano que estava em quadra e era tecnicamente pouco habilidoso], dá até vergonha, só faz besteira, nem sabe o que faz com a bola. Agora olha esse baixinho jogando [referindo-se a um brasileiro que estava em quadra e era tecnicamente muito habilidoso], faz tudo certinho, sabe o que faz”.

Merece destaque também o fanatismo que, em ambos os países, está explicitado no número de torcedores que vão aos estádios. Não é diferente na Praça *Kantuta*, onde, além de haver um espetáculo gratuito, os passeios pelas barracas sempre esbarram nas imediações da quadra que fica no centro da praça, o que torna inevitável assistir aos jogos, como mostra outro boliviano entrevistado na praça: “Eu venho aqui todo domingo [...] dou uma voltinha pela praça, como uma saltenha e assisto aos jogos. Tem coisa melhor?”. Outro boliviano que frequenta a praça reforça esta tese: “Tem jogo aqui o dia inteiro. Então, você pode almoçar, dar uma volta, assistir um joguinho, dar mais uma volta e assim passamos a tarde inteira com a família”.

Em relação à técnica e à preparação física, os entrevistados disseram que na Bolívia há muita correria e pouca técnica ao contrário do Brasil onde há muita técnica e pouca correria. Identificamos isso explicitamente em vários jogos em que estavam envolvidos jogadores bolivianos e brasileiros. Os bolivianos realmente parecem ter uma condição física melhor que a dos brasileiros, pelo menos entre os participantes dos jogos da praça. Ao final dos jogos, víamos os bolivianos em plena condição de deslocamento enquanto os brasileiros estavam fatigados. Lembramos que os jogos aconteciam predominantemente no período da tarde e em horário de verão. Além disso, a quadra, que é descoberta, absorvia todo o sol do período, normalmente das 12 às 18 horas.

A Bolívia é um país localizado numa região com altitude elevada, o que gera implicações fisiológicas em relação ao desempenho dos jogadores nas diferentes práticas esportivas, visto que a pressão atmosférica é menor nessas regiões. Em tais locais, o organismo humano sofre adaptações diferentes daquelas ocorridas em lugares com altitudes baixas e pressão atmosférica alta. Quando um indivíduo adaptado a altitudes altas (como os bolivianos na Bolívia) vai para locais com altitude baixa (como os bolivianos em São Paulo), ele tem melhor desempenho físico. Esses fatores podem explicar as diferenças explicitadas nos jogos da praça no que se refere a menores resistência e desempenho físico dos brasileiros em relação aos bolivianos.³¹

Os entrevistados foram questionados a respeito de seu ingresso na praça para a prática do futsal. Apenas 18 jogam pela primeira vez, e 54 já participaram mais de uma vez dos campeonatos. Os jogadores que estavam participando do campeonato pela primeira vez estão no

³¹ Algumas pesquisas confirmam tais adaptações fisiológicas ocorridas na altitude, como é o caso de Sellera e Ghorayeb (2005) ou Campos e Vivacqua (1999).

Brasil há menos de dois anos e provavelmente participarão das muitas outras edições da competição, segundo eles. Os demais, que participaram de outras edições, disseram que continuarão a jogar na praça por conta da grande festa que envolve o local aos domingos, como nos disse o sujeito 56 da pesquisa: “Às vezes, durante um jogo aqui na Praça, me sinto como se estivesse na Bolívia, pois tudo aqui me faz lembrar da Bolívia: o cheiro, a comida, a música e o futebol. Daí eu ‘acordo’ e vejo que estou apenas num pedaço da Bolívia aqui no Brasil, mas é uma sensação muito boa.”

Por se tratar de um espaço boliviano, o motivo que os leva a participar do campeonato na praça é o mesmo: convite de amigos. Normalmente alguém vê um jogador numa outra quadra e faz o convite para jogar na praça. Ainda vimos que os bons jogadores que trabalham nas oficinas de propriedade de delegados têm presença garantida na escalação da equipe.

Outra forma de ingresso é a rede de contatos formada principalmente nas oficinas de costura, onde se divulgam os eventos da comunidade latina. A Praça *Kantuta* ainda tem pouca divulgação na mídia e depende quase que exclusivamente do “boca a boca” dos frequentadores para ampliar o número de participantes da feira e do campeonato. Nos arredores da praça, existe uma gama de comércios, principalmente de alimentos típicos, onde vivem alguns bolivianos que mantêm o contato com a praça pela proximidade da moradia e do trabalho. Por frequentarem a praça e morarem perto dela, entram na rede de formação de equipes e participam do campeonato. Tivemos a oportunidade de ir a restaurantes com comidas típicas localizados nas cercanias na praça e percebemos que as televisões ficam ligadas em canais que transmitem a programação local das redes de televisão bolivianas.

A relação entre os jogadores das equipes é muito grande. Constatamos que todos os jogadores dentro de suas respectivas equipes se conhecem, e grande parte dos jogadores de todas as equipes também se conhece. Considerando que os convites para integrar as equipes vêm de conhecidos, algumas vezes pudemos presenciar a troca de jogadores entre diferentes equipes, muitas vezes atrelada a propostas de atividades profissionais no ramo da costura.

As equipes que participaram do campeonato têm especificidades em relação a seus nomes que constam das observações do diário de campo. Destacamos algumas apresentadas a seguir (as fotos das equipes foram tiradas pelo autor desta tese Ubiratan Silva Alves):

BIG FOOT (criado em 2008)

Os bolivianos são considerados indivíduos que têm o tamanho dos pés pequeno. Por isso, a equipe escolheu esse nome para fazer uma sátira dessa situação, nomeando-se “pés grandes”, ao contrário do que dizem. O delegado dessa equipe, além de ser dono de uma oficina de costura, tem uma barraca na feira e é membro da diretoria da Associação Padre Bento. A equipe já participou de três campeonatos.



BOLPAR (criado em 2008)

BOL vem de Bolívia e PAR de Paraguai. A equipe recebeu esse nome por ser composta de imigrantes oriundos da Bolívia e do Paraguai. Dois delegados comandam essa equipe, ambos donos de oficinas. É a primeira vez que participam do campeonato.



K CAMBAS (criado em 2009)

O nome da equipe vem do fato de todos os seus membros serem da região da Bolívia onde predominam os *cambas*. Nessa equipe não são aceitos *collas*. O delegado trabalha no mercado informal, é ex-atleta e faz questão de arcar com os custos e dirigir a equipe mesmo sendo jogador. É a primeira participação deles no campeonato da praça.



LOS CAPORALES (criado em 2008)

Caporales é um tipo de dança típica da Bolívia. O delegado dessa equipe é dono de uma barraca, com o mesmo nome do time, a qual vende saltenhas, e é membro da diretoria da Associação Padre Bento. A equipe já participou de três campeonatos.



CORIPATA (criado em 2009)

Coripata é uma região da Bolívia próxima a La Paz. A equipe é constituída por jogadores oriundos dessa região. O delegado dessa equipe, além de ser dono de uma oficina de costura, tem uma barraca na feira. A equipe já participou de dois campeonatos.



HUANCANE (criado em 2007)

Huancane é uma região situada na Bolívia. A equipe tem esse nome por conta de seu delegado ser dessa região. O delegado dessa equipe é dono de uma oficina de costura e demonstra muito poder aos seus jogadores. A equipe já participou de quatro campeonatos e constantemente participa de campeonatos fora da praça.



SÓ QUEM É CANINDÉ (criado em 2008)

A equipe composta apenas de brasileiros tem esse nome por conta de os jogadores serem moradores do local, do bairro do Canindé. O delegado mora na região, tem idade avançada e banca todos os custos da equipe, formada maior parte de jovens.



TRÊS FRONTEIRAS (criado em 2007)

A equipe tem esse nome por ser composta de jogadores oriundos de países que formam a região das Três Fronteiras: Paraguai, Brasil e Argentina. Essa equipe se sagrou campeã no campeonato de 2009. O delegado é dono de uma oficina de costura e demonstra ser o mais organizado de todos em relação a uniformes, prazos e documentos do grupo.



REAL SANTA CRUZ (criado em 2008)

Santa Cruz de La Sierra é um departamento da Bolívia. O nome da equipe se justifica pelo fato de os jogadores serem oriundos dessa região. Dois delegados comandam essa equipe, ambos donos de oficinas. É a primeira vez que participam do campeonato.



BOLPER (criado em 2008)

BOL vem de Bolívia e PER de Peru. O nome da equipe se deve ao fato de ser composta de imigrantes oriundos da Bolívia e do Peru. O delegado dessa equipe, além de ser dono de uma oficina de costura, tem uma barraca na feira. A equipe já participou de dois campeonatos e tem fama de não pagar suas dívidas com a organização.



WACHOS (criado em 2008)

Esse nome vem de uma expressão característica do México que quer dizer “ver as coisas”, ou ainda “estar atento”, ou “estar ligado”, como se solicita aos jogadores em jogos de futebol. A equipe não apresentou um único delegado como dirigente, e a cada reunião ou conversa um dos jogadores comparecia como representante. Eles resolviam as questões sempre em grupo. Participou de dois campeonatos.



Apenas 4 bolivianos disseram conhecer pouco dos companheiros da equipe. Identificamos que eles participam pouco dos eventos, faltam aos jogos, não têm muito compromisso com o grupo e rapidamente são excluídos. Raramente outro fator ocorreu: quando uma equipe não tinha número de jogadores suficiente para entrar em quadra, e para que não fosse desclassificada naquele dia, recorria aos espectadores (de qualquer nacionalidade) para completar o número mínimo de jogadores. Estes, de boa-fé, ingressavam nas equipes mesmo sem conhecer os demais jogadores e jogavam apenas vez ou outra.

O ingresso nas equipes se dá de forma bastante espontânea. Na fala de 49 entrevistados, averiguamos que, em algumas equipes, se permite a participação apenas de conhecidos. Dos demais entrevistados, 11 disseram que qualquer um pode jogar, e 8 disseram que apenas bolivianos podem jogar. Além disso, 4 sujeitos da pesquisa disseram que é o delegado que diz quem pode ou não jogar.

Todas as equipes selecionam seus jogadores previamente (exceto no caso de necessidade imediata, como citamos anteriormente), os quais são conhecidos entre si e quase sempre devem passar pelo crivo do delegado. O delegado, na verdade, convida os jogadores que considera habilidosos ao vê-los jogarem em algum outro local ou na própria praça. Os escolhidos passam a fazer parte do grupo e, conseqüentemente, após alguns jogos, passam a conhecer os demais integrantes.

Ainda nesse quesito, os sujeitos da pesquisa que responderam que qualquer um poderia jogar, cremos que assim o fizeram numa resposta “politicamente correta”. Na prática não era bem assim que ocorria. Verificamos que os jogadores já vinham todos nos seus grupos formados e definidos.

Em relação às equipes compostas apenas por bolivianos, vimos que isso realmente ocorre e alguns times não permitem que jogadores de outras nacionalidades, principalmente brasileiros, componham tais grupos. Essa posição fica expressa nas palavras do sujeito 6 da pesquisa, um delegado: “Os brasileiros são muito individualistas, não passam a bola, querem ser estrelas. No meu time não tem estrela”.

Para a equipe participar do campeonato, é necessário desembolsar uma quantia em dinheiro para arcar com os custos que, além dos uniformes, são da organização, como arbitragem, medalhas, bolas, redes, entre outros. Dos jogadores entrevistados, 56 disseram que é o delegado quem banca os custos. Os demais, 12, disseram que os custos são divididos entre todos os jogadores, e 4 informaram que apenas alguns da equipe pagam os custos e outros apenas jogam.

A maioria dos delegados são donos de oficina, não jogam, apenas dirigem o grupo, pagam as contas e tomam conta de tudo que envolve as ações do time. Eles exercem certo poder sobre os jogadores, pois, como são possuidores do dinheiro que banca a permanência do time na competição, são ainda muitas vezes patrões dos jogadores nas oficinas das quais são

donos. Ou seja, o respeito e o medo ficam meio amalgamados nos sentimentos que relacionam jogadores e delegados. A relação de dominação e de exploração parece ir além das paredes das oficinas de costura, chegando às linhas da quadra de jogo. Nesse caso a “dádiva” parece se transformar em “dívida”, existindo uma dupla obediência, ou seja, na oficina e no futebol.

Tal relação de poder é muito bem explicitada nas atitudes de um (delegado) para com os outros (jogadores) durante o campeonato quando aqueles colocam e tiram de quadra jogadores que acham convenientes, independentemente de opiniões do grupo. Presenciamos algumas vezes o delegado sacar da equipe em quadra, durante o jogo, algum jogador que explicitamente discordou de alguma atitude do delegado. O sujeito 22 da pesquisa descreve essa situação da seguinte maneira: “Quem manda no time é o delegado porque ele que paga as contas do campeonato. Além disso, ‘ele’ é meu patrão, pois trabalho na oficina ‘dele’ e preciso do emprego. Por isso, obedeço ao que ele manda fazer: se for para jogar, eu jogo; se for para eu ficar no banco, eu fico”.

Alguns comportamentos dos bolivianos inter-relacionados às figurações e às redes de interdependência já existentes nos grupos e conjunturas são estruturas que não podem ser compreendidas nem explicadas pela sua redução ao comportamento dos seus participantes tomados isoladamente, mas sim envolvidos em uma rede, em que o comportamento de muitas pessoas separadas, segundo Elias (1994a), se enreda a formar estruturas entrelaçadas.

A prática do futebol na praça deveria ser apenas mais uma atividade de esporte e lazer dos bolivianos no Brasil. Entretanto, surpreendeu-nos ver que 52 jogadores, além de jogar futsal na praça e trabalhar, nada mais fazem no dia a dia. Outros 15, além de jogarem, estudam; os demais ainda fazem passeios ou navegam na internet.

Mais da metade dos bolivianos entrevistados que jogam futebol na praça *Kantuta* fazem isso como única atividade, além do trabalho, buscando, nessa investida, equilibrar tensões geradas em suas vidas resumidas às atividades profissionais e buscar tensões agradáveis e distantes das rotinas, a fim de se recuperarem aos domingos para mais uma jornada semanal. Os entrevistados, principalmente os que atuam no ramo da confecção, trabalham de segunda a sábado, tendo apenas o domingo livre, coincidentemente o dia em que acontecem a feira e os jogos.

Quanto aos passeios e à internet, que ocorrem de maneira muito esporádica, o sujeito 44 da pesquisa disse: “Já levei minha família a alguns parques para a gente conhecer, mas o gostoso mesmo é quando a gente vem na *Kantuta* ver os amigos bolivianos e jogar bola. Sinto-me em casa, na minha terra”.

Consideramos família qualquer parente direto do entrevistado. Vimos que alguns jogadores (28) vêm jogar sem a presença de seus familiares, e outros (34) trazem seus familiares para a praça em dias de jogos. Os demais, às vezes trazem e às vezes não, dependendo principalmente dos afazeres profissionais de cada um.

Dos sujeitos da pesquisa que disseram trazer seus familiares aos jogos, constatamos que muitos parentes diretos, desde pais, tios, irmãos, primos e filhos, fazem parte do mesmo grupo do futebol. Muitas vezes, o delegado coloca seus parentes na equipe, os quais, além de terem vindo para trabalhar na sua oficina, já estão escalados para fazer parte do time por ele comandado. Ou seja, muitos jogadores exercem dupla jornada de obediência, na oficina e no time. Essa obediência é explicitamente demonstrada nas relações entre o delegado e seus jogadores, como mostra o sujeito 56 da pesquisa: “Meu tio que me trouxe para cá. Eu trabalho na oficina dele e jogo no time dele. Ele é muito legal, me ajuda muito e devo muito a ele”. Nessa fala pudemos perceber que a dívida à qual o sujeito se refere parece não ser apenas de gratidão, mas também de dinheiro, relativa à passagem, à moradia e à alimentação.

Outros sujeitos que levam a família para assistir aos jogos dão assistência quando o jogo termina, como mostra o sujeito 23 da pesquisa, delegado:

“Minha mulher e minhas filhas vêm comigo na feira, mas, quando eu estou no jogo, elas ficam fora da quadra. Digo a ela para não falar comigo durante o jogo porque eu fico muito nervoso. Depois do jogo, pego ela e minhas filhas e vamos dar uma volta na praça, comer um doce”.

O sujeito 39 da pesquisa, delegado, tem na sua equipe parentes que trabalham com ele e jogam no time. Em seu discurso, tenta não misturar as funções dos funcionários – jogadores – familiares, mas perde-se um pouco em sua fala: “Os meus funcionários trabalham na minha oficina para costurar roupas. Aqui eles vêm jogar futebol. Tem que ser bom nas duas

coisas senão não joga”. Nesse contexto, entendemos que o poder do dono da oficina é uma extensão de sua função como delegado e, por que não dizer, vice-versa.

Apreciar ou jogar futebol de campo e futsal tem algumas diferenças. Em relação à mídia, o futsal no Brasil, mesmo que extremamente praticado, ainda é pouco divulgado, principalmente em canais abertos de televisão. Já o futebol de campo é semanalmente transmitido ao vivo na programação dos canais abertos de televisão. Quanto aos locais no Brasil, o efeito é contrário, pois existem mais locais de prática de futsal do que de futebol de campo até pelas dimensões do campo de futebol e pelo número de jogadores ser maior no campo do que no futsal.

Nesse tema, os sujeitos da pesquisa foram perguntados se preferem assistir ao futebol de campo ou ao futsal, e 55 disseram que preferem assistir ao futebol de campo, 10 ao futsal e 7 a ambos. Já para jogar, 26 preferem o futsal, 20 o futebol de campo e os outros 26 preferem ambos.

Os entrevistados ainda nos expuseram os motivos dessas preferências entre as duas modalidades, apresentadas neste quadro. Alguns deles deram mais de uma resposta:

QUADRO 4 – Preferências entre o Futebol de Campo e o Futsal

O futsal é mais calmo, mais rápido, mais físico.	18
O futebol de campo tem mais fanatismo, torcida, emoção, ídolos.	14
Gosto dos dois.	8
Gosto do futebol de campo, pois jogo melhor.	6
Futsal é mais bonito e eu jogo melhor.	6
Estou mais acostumado com o futsal.	6
O futebol de campo é mais tático, tem mais habilidosos.	6
O futebol de campo tem mais jogadores e mais espaço.	5
Gosto de qualquer esporte.	2
Gosto de ver o Falcão ³² .	2

³² Falcão é o apelido de um dos maiores jogadores de futsal do Brasil e do mundo. Alessandro Rosa Vieira, seu nome de batismo, é conhecido pelos dribles que abrilhantam os jogos em que ele atua.

O futsal não passa na TV.	2
Futebol mais oportunidade/visibilidade.	2

Autor: Ubiratan Silva Alves

Acreditamos que, pelo fato de a quantidade de quadras existentes no Brasil ser maior que a de campos, a preferência pela prática do futsal superou a preferência pela prática do futebol de campo. Além disso, o futsal, por ter pouco espaço na mídia, não permite que os bolivianos (nem os brasileiros) acompanhem essa modalidade e criem identidade. No caso do futebol de campo, o espaço na mídia é enorme, o que favorece acompanhar e discutir a modalidade, bem como torcer por um time.

Os motivos das opções foram bem diversificados e basicamente ficou posto que, na opinião dos sujeitos da pesquisa, no futsal a parte física predomina; no futebol existe toda uma magia da torcida, dos ídolos da mídia, o que torna a modalidade a mais popular do planeta.

Todos os bolivianos que estão no Brasil, independentemente de jogarem futsal na praça ou de frequentarem o local, têm sonhos e desejos constituídos antes de virem para o Brasil ou logo após desembarcarem aqui. Dos sujeitos entrevistados, catalogamos aqueles desejos expressos nas entrevistas, respeitando aqueles que disseram ter mais de um objetivo:

QUADRO 5 – Desejos dos bolivianos no Brasil

Estabelecer-me	16
Comprar casa própria	12
Ter a minha própria oficina	8
Estabelecer-me e comprar casa própria	8
Conhecer mais o Brasil e jogar mais futebol	4
Dar conforto para minha família	4
Trabalhar bastante e dar estudo a meus filhos	3
Manter o que eu tenho	3

Regularizar os documentos e trabalhar bastante	3
Ganhar mais dinheiro e jogar mais futebol	3
Trazer mais parentes	2
Casar e ter filhos	2
Casar, ter filhos, trabalhar bastante, estudar e me formar	2
Estudar meus filhos, estudar e me formar	2

Autor: Ubiratan Silva Alves

Mais da metade dos sujeitos da pesquisa espera da vida no Brasil algo como progresso profissional e de bens, fixando-se por aqui. Alguns dos entrevistados se preocupam com algo relacionado à família, como conforto e estudo para os filhos. As demais indicações não tiveram expressividade.

Questionados sobre a pretensão de voltar um dia à Bolívia, vimos que 28 bolivianos pretendem retornar a seu país assim que melhorarem suas condições e juntarem dinheiro. Nenhum sujeito da pesquisa admite a possibilidade de voltar ao seu país em condições piores que aquelas de quando chegaram. Esse sentimento está expresso nas palavras do sujeito 54: “Nunca vou abandonar minha querida Bolívia. Eu cheguei aqui sem nada e já tenho muitas coisas. Estou aqui apenas para juntar dinheiro enquanto a situação por lá não está boa. Mas vai melhorar. Daí, eu volto”.

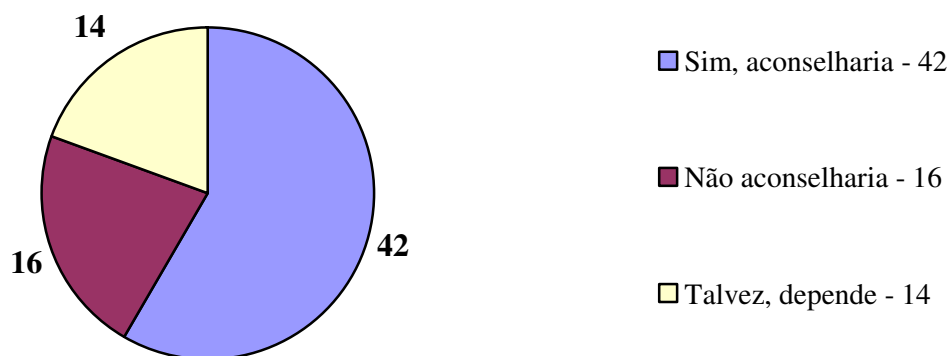
Dezoito sujeitos da pesquisa são taxativos em dizer que não voltariam e assim o fizeram convictos, como disse o sujeito 13 da pesquisa: “Eu não tenho mais família na Bolívia e conheço praticamente o país todo. Não quero mais voltar para lá, quero conhecer coisas novas, principalmente aqui no Brasil”.

Outros 18 disseram que voltariam apenas para passear e rever parentes – pais, mães e filhos –, pois ainda os têm morando na Bolívia, o que os leva a constantemente terem contato, enviarem dinheiro e visitarem sua terra, como disse o sujeito 31 da pesquisa: “Meus filhos estão com a mãe da minha mulher na Bolívia. Eu e ela vamos pouco para lá, morremos de saudades, mas temos que ganhar dinheiro para mandar para eles”.

Os sujeitos da pesquisa que disseram “talvez, depende” condicionaram a volta às condições de vida de seu país, que, para eles, no momento está muito ruim, mas passa por mudanças com sinais de melhora com o novo governo. A dúvida quanto ao retorno foi a resposta de 8 sujeitos.

Nas idas e vindas dos sujeitos à Bolívia, discutimos com eles um possível aconselhamento ou não de compatriotas residentes na Bolívia de virem ao Brasil. As respostas estão no gráfico:

Gráfico 8 - Conselho para amigos ou parentes virem ou não ao Brasil



Mais da metade dos entrevistados responderam que aconselhariam os bolivianos que estão na Bolívia a virem para o Brasil, pois parece ainda ser uma boa opção para migrar. Essa temática está expressa na fala do sujeito 13 da pesquisa: “Eu conheço bem a Bolívia e, desde que eu saí de lá, não tem emprego, e a situação parece piorar cada vez mais. Os bolivianos que estão lá deveriam arriscar sair porque eu acho que não vão ter mais como ganhar dinheiro para viver”.

Esse grupo mostrou os motivos desse aconselhamento, dizendo que a vida por aqui é diferente, mas vive-se melhor. Além disso, ressaltaram que a economia por aqui é mais estável e segura – isso está comprovado em qualquer dado oficial dos dois países. Consequentemente, a vida passa a ser “melhor”, mesmo que numa visão consumista, explicada na fala do sujeito 60 da pesquisa: “Aqui, a gente sempre trabalhando, arruma um dinheiro e pode comprar muitas coisas”.

Alguns ainda disseram que o compatriota só deve vir se tiver trabalho garantido. Ademais, não querem nenhum tipo de compromisso ou de responsabilidade com aqueles que aqui chegam, como descreve o sujeito 28 da pesquisa: “Eu já convidei parentes para virem para cá, mas eu tinha emprego para eles. Mas, se eu não tenho nada para oferecer, eu não chamo ninguém”. Outra parte desses “conselheiros” enfatizou que os contrerrôneos até podem vir, mas que “eles” não se responsabilizam por nada. O sujeito 49 da pesquisa explicou essa questão: “Os bolivianos chegam aqui procurando um contato feito na Bolívia, não acham e depois ficam batendo de porta em porta, pedindo moradia, emprego e comida. Na minha porta, não adianta bater que eu não abro.”



Jovens bolivianos observam mural de anúncios de emprego na Praça Kantuta, em São Paulo.

Radicalmente um grupo diz que os compatriotas não devem vir e demonstram que não querem aumentar a concorrência por aqui, como diz o sujeito 55 da pesquisa: “Aqui no Brasil já tem muito boliviano e está começando a faltar emprego. Evo Morales está ajudando os amigos que estão na Bolívia; por isso, eles devem ficar por lá mesmo”.

Aqueles que disseram talvez, depende, sugerem que os compatriotas devem vir apenas se tiverem “apertados”, o que nos chamou a atenção quanto à questão do desespero, ou seja, “se estiver apertado” venha para cá e “se dará um jeito”. Ficou ainda em destaque a questão da documentação como entrave e do dinheiro que se deve ter para chegar aqui e ter um tempo para se estabelecer.

Vimos, assim, certa preocupação com os compatriotas apontada nas palavras do sujeito 2 da pesquisa: “Não adianta vir para o Brasil se não for com trabalho e moradia certos.

Vai dormir na rua? Tem gente que acha que é só chegar aqui que vai ter alguém na rodoviária esperando e, quando chega, vê que está sozinho”.

A instabilidade econômica da Bolívia não é um fato novo. Mesmo com o novo governo dito popular e reeleito, as condições de vida por lá ainda são muito ruins principalmente no quesito emprego. No inconsciente da população boliviana que por lá ainda vive, está o sonho do eldorado em terras brasileiras.

ENTRELAÇAMENTOS FINAIS

O Brasil pode ser tido como uma nação hospitaleira, mas o imigrante pode ter dificuldade de deixar-se absorver. Já seus filhos e netos se tornam brasileiros com certa facilidade.

Os bolivianos que vivem em São Paulo, cada qual com suas lentes, ao depararem com o cotidiano da vida no Brasil, fazem suas interpretações e reinterpretações dos novos destinos que ora se moldam em suas vidas. Sobreviver num outro país implica reconstruir representações sociais e se adaptar aos novos processos existentes na nova sociedade.

Própria da espécie humana é a faculdade mimética para transformar e ressignificar os novos saberes adquiridos no país. No caso dos bolivianos no Brasil, tal capacidade pode ser observada pela organização do futebol na Praça *Kantuta*. Um olhar atento sobre esse futebol revela diversas realidades interessantes na forma moderna de prática esportiva e de práticas culturais arraigadas no ser humano, independentemente de seus ambientes históricos específicos. Mais do que atento, porém, tal olhar deve estar despido de preconceitos e de valores externos.

A realidade simbólica merece ser repensada e receber uma reflexão, pois, ao olhar o contexto urbano no qual existem imigrantes e o fenômeno migratório, eles nos fazem pensar que esse dado se tornou algo decisivo para a própria sobrevivência da comunidade local.

De acordo com um relatório da Organização Internacional do Trabalho (www.oitbrasil.org.br), atualmente a principal causa do fenômeno migratório é a globalização que não tem conseguido gerar postos de trabalho nos países de origem, criando um traço estrutural na economia mundial: a desigualdade econômico-social. Além de aumentar a concentração da riqueza nas mãos de poucos, o fenômeno da globalização produziu uma enorme deterioração das condições de vida, especialmente nas camadas mais baixas da população com ênfase nos chamados “países periféricos”, causando o deslocamento humano em busca de trabalho e oportunidades de uma vida melhor para o imigrante e sua família.

Essa realidade é vivida dia a dia pelos cidadãos paulistanos e por todos os imigrantes que em São Paulo se estabeleceram. Nessa cidade a quantidade de sujeitos que passam a fazer parte da “nova” sociedade paulistana está em constante processo.

Com a formação desses “novos” grupos, estabelecem-se as redes, e o poder vai se apresentar de acordo com as configurações, podendo durar pouco ou muito tempo. Esse poder se constitui um elemento fundamental e integral de todas as relações humanas que ocorrem praticamente todo dia. Por conseguinte, o equilíbrio de poder se fará presente sempre que houver interdependência funcional entre pessoas, indicando que, mesmo o poder não sendo eterno, ele não é um amuleto que alguns têm e outros não, mas sim uma característica de todas as relações entre seres humanos. Assim, configurações não podem ser planejadas, programadas ou previstas porque são construídas e redimensionadas o tempo todo.

A história é sempre a história dos indivíduos, o que elimina o pensamento de que as mudanças são externas ao ser humano. Na verdade, a única mudança entre os seres humanos foi a forma da vida comunitária, a estrutura da sociedade e, com ela, a influência social no indivíduo e na forma de suas funções psíquicas.

As redes e o poder identificados pelos dados desta pesquisa sinalizam para uma dependência dos praticantes de futebol, os jogadores, para com os seus respectivos “delegados”, os “donos” dos times. Tais “donos”, mesmo demonstrando aparentemente desconhecimento técnico e tático da modalidade nas questões relacionadas a dirigir efetivamente a equipe durante os jogos, apresentam domínio nas ações dos jogadores, estabelecendo locais, horários e procedimentos antes, durante e depois dos jogos.

As configurações são as relações que existem desde nas oficinas de confecções onde o funcionário muitas vezes não tem direito de optar onde vai jogar. É praticamente obrigado a jogar no time de seu patrão, o delegado, criando um compromisso dos jogadores/funcionários com o dono da confecção.

Em Mauss (1999), a dimensão principal de uma organização social seria um constante “dar e receber” que, das prestações assumidas na dádiva, podia assumir diferentes características de acordo com a época e o lugar em que a dádiva era posta em prática. Assim, o autor afirma que a noção de dádiva estaria centralizada em uma tripla obrigação: dar, receber e retribuir, ações baseadas nos conceitos de dom e contradom. O que se questiona é o caráter de

gratuidade e desinteresse presente (ou não) nas ações dos atores sociais baseado em uma oferta de dádiva.

Pelas falas dos sujeitos da pesquisa, foi possível identificar o desejo daqueles que ainda não são “donos” de equipes de se tornarem “delegados”, buscando o *status* que essa condição garante, como participar das reuniões e decidir algumas questões com o poder do voto. Além disso, todos os “delegados” são “donos” de oficinas, o que ainda lhes dá possibilidade de vincular os seus trabalhadores a suas equipes e consequentemente propiciar a eles momentos de lazer.

O que caracteriza o lugar do indivíduo em sua sociedade é a extensão da margem de decisão que lhe é conferida pela estrutura e pela constelação histórica da sociedade em que ele vive e age. Assim, o “poder” não passa da amplitude dessa margem de decisão. O modo pelo qual um indivíduo decide e age se desenvolve sempre nas relações com outras pessoas, tendo uma modificação de sua natureza pela sociedade.

As oficinas de propriedade dos próprios bolivianos foram constituídas pelo trabalho “deles” nas máquinas de costura, os quais, depois de juntarem dinheiro, montaram seus próprios negócios. As redes, após a abertura de uma oficina, ocorrem com o chamamento de outros bolivianos para trabalharem nas máquinas. Assim, continuam perpetuando tais processos, como ocorreu tempos atrás com indivíduos de outras nacionalidades.

É nessas oficinas que as funções são delegadas a cada um, lembrando que a divisão das funções sociais existe até nas sociedades mais simples. Quanto maior é a divisão, mais se acentua a dependência de uma pessoa em relação a outras, fazendo alguns se apropriarem da violência e usá-la com intuito de negar aos outros aquilo de que precisam para garantir e efetivar sua existência social, ou até subjugar e explorá-los constantemente.

Esse quadro, na visão de Elias (1994), provoca tensões entre os grupos que geram impulsos por mudanças estruturais na sociedade. As mudanças não foram planejadas ou criadas por indivíduos isolados, mas alteraram a forma e a qualidade do comportamento humano.

Grande parte dos bolivianos aliciados para trabalharem nas oficinas é recém-chegada a São Paulo. Tal fato praticamente obriga esses indivíduos a morarem na própria oficina por falta de opção. Essa moradia passa a ser o primeiro obstáculo real para obtenção da “liberdade” porque o dono da oficina cobra por todos os locais (quarto, banheiro, cozinha) e

utensílios (fogão, cama, televisão) utilizados pelos compatriotas, descontando de seus salários a “dívida” praticamente obrigatória a ser contraída.

A rede de funções existente nas associações humanas não surgiu da soma de vontades, isto é, da decisão comum das pessoas individuais. No entanto, esse contexto funcional é algo que existe fora dos indivíduos, e cada função é exercida de uma pessoa para outras. Cada uma das funções está relacionada com terceiros e cada um depende dos outros. Essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação às outras e a elas mesmas é que se entende como sociedade.

As condições de trabalho e de moradia de alguns grupos de bolivianos em São Paulo são desumanas. O que se vê são as camas de dormir ao lado das máquinas de costura, inviabilizando qualquer tipo de movimentação no local. Como muitas das famílias que moram no local de trabalho têm crianças pequenas, estas sofrem com a falta de mobilidade, bem como de assistência por parte dos pais que ficam concentrados em suas máquinas, produzindo suas “rendas”, sem dar atenção ao desenvolvimento dos pequeninos. Com isso, as crianças pequenas que não vão à escola são criadas nesse ambiente desfavorável.

Absortos pela vontade de juntar dinheiro e preocupados com as dívidas contraídas logo que chegam, os bolivianos passam a maior parte do tempo de suas vidas fechados nas oficinas/moradias que, além de tudo, têm pouca ventilação. Esses locais funcionam praticamente durante as 24 horas do dia, com os funcionários se revezando nas máquinas para cumprirem os curtos prazos de entrega acordados com os donos das oficinas, o que causa um aumento da temperatura interna das casas. Diante desse quadro, a higiene interna do local fica comprometida, e conseqüentemente alguns são acometidos por doenças relacionadas às atividades profissionais e às condições existentes nas residências.

As doenças que mais acometem os bolivianos que trabalham nesses locais são as relacionadas ao sistema respiratório. Pela própria natureza das atividades, forma-se uma grande quantidade de pedaços de tecidos, linhas e poeira gerados pelas costuras. Os fragmentos oriundos das peças, que ora estão sendo manuseadas, ora costuradas, empilhadas e por fim encaixotadas para serem levadas aos respectivos contratantes, são aspirados pelos trabalhadores e causam as enfermidades relacionadas à respiração. As mais comuns são gripes, alergias, rinites, bronquites, enfisema; as mais graves, tuberculose e pneumonia.

Outras enfermidades que os bolivianos contraem nas oficinas estão relacionadas ao sistema muscular e esquelético. Os trabalhadores permanecem em média entre 12 e 16 horas por dia sentados numa cadeira na frente da máquina de costura, executando uma mesma ação motora repetidas vezes. Tais procedimentos levam os bolivianos a desenvolverem doenças como distensões, tendinites e artrites; desvios posturais como escoliose, lordose e cifose; além das câimbras quase que diárias.

A anemia também assola boa parte dos bolivianos que atuam nas oficinas. Além de não se alimentarem em horários regulares, o tipo, a qualidade e a quantidade de alimentos por eles ingeridos nem sempre são adequados para suprir as necessidades diárias desses trabalhadores. A principal carência causadora da anemia é a de ferro, encontrado principalmente nas carnes vermelhas e no feijão, que têm custo alto para serem consumidos regularmente. Como a anemia causa fadiga generalizada e indisposição, os bolivianos anêmicos ficam privados de trabalhar e de gerar renda.

Ressaltamos que, por conta do medo de serem abordados em hospitais por agentes da Polícia Federal, boa parte dos bolivianos que ainda vivem no Brasil de forma ilegal – os chamados de “indocumentados” – se recusa em ir a esses locais para receber tratamento adequado. Eles se submetem a tratamentos paliativos a fim de poderem continuar com as atividades profissionais, o que conseqüentemente agrava suas doenças.

Voltando à Praça *Kantuta*, considerada uma representação cultural criada pelos bolivianos em São Paulo, na construção mimética da feira dominical acontecem situações das mais variadas, o que os faz reviverem de vez em quando quem são. Além do campeonato de futsal que ocorre na quadra localizada no centro da praça, existem barracas de comidas típicas, artesanatos, fotografias, cabeleireiros, brinquedos, cartões telefônicos que se espalham pelo local e possibilitam aumentar as inter-relações com o Brasil.

Há uma grande variedade de vendedores de cartões de telefone para ligações internacionais. Essas facilidades de comunicação em razão das atuais tecnologias do planeta fazem os bolivianos que aqui residem terem contato constante com os compatriotas e os familiares que permaneceram na Bolívia. Por conta disso, os bolivianos conseguem obter informações quase que diárias das condições de vida (que não são boas) da população que

permanece em solo boliviano, podendo analisar as possibilidades cada vez mais remotas de retorno aquele país.

Outro local de representação social criado pelos bolivianos em São Paulo e que tivemos a oportunidade de frequentar são os restaurantes com comidas típicas, que ficam nas cercanias da praça. As televisões existentes nesses locais transmitem, via cabo, as emissoras bolivianas. Na época das eleições para presidente da Bolívia (fim de 2009), pudemos acompanhar o horário político daquele país transmitido pela TV, o qual em nada difere do nosso horário político. Além disso, a praça recebeu políticos da Bolívia na época das eleições que fizeram comícios e campanha no palco, trazendo grandes correligionários, principalmente de Evo Morales. Aos bolivianos que moram no Brasil foi-lhes dado direito a voto, o que fez da *Kantuta* uma grande zona eleitoral fora da Bolívia.

As principais mudanças ocorridas na Bolívia, nos últimos tempos, em relação à economia, ao emprego, à agricultura, à saúde e à educação, tiveram direta influência do governo de Evo Morales. Os bolivianos que aqui residem acreditam que as mudanças ocorridas no atual governo foram necessárias e corretas. Todavia, consensualmente indicam que vai levar muito tempo para que o reflexo dessas mudanças possa chegar à população que vive lá em condições ruins. Por isso, praticamente todos os bolivianos participantes desta pesquisa não têm interesse de retornar ao seu país. Sobretudo as informações dos familiares e amigos residentes na Bolívia não os convidam a um possível retorno. O interesse deles se restringe a um retorno a passeio ou para reverem parentes e amigos. O desejo explícito é o de se legalizar, fixar residência no Brasil, constituir família, comprar imóveis e educar os filhos.

Considerada um Estado mínimo e espoliado pelo capital internacional preconizado pelas políticas ditadas pela ideologia neoliberal, a Bolívia não tem mercado de trabalho e sim “mundo do trabalho”, onde somente os “melhores” conseguirão ter sucesso. Essa política neoliberal norteia todo o ideário das políticas educacionais dos países latino-americanos, produzindo no cotidiano dessas sociedades o aumento das desigualdades, do número de excluídos, da minoria privilegiada e das mazelas que destroem as diversas formas sociais em prol de uma lógica individualista e economicista.

Em relação ao futebol, os bolivianos declaradamente expressam admiração pelos jogadores brasileiros, bem como pelos jogos que aqui ocorrem. Eles têm ídolos declarados e afinidade por equipes brasileiras, frequentam estádios e vestem camisas de clubes.

A Bolívia mais uma vez fracassou na tentativa de participar de mais uma Copa do Mundo³³, na África do Sul. Essa desclassificação automaticamente fez os bolivianos expressamente passarem a torcer pela seleção brasileira. Ressaltamos, ainda, que os principais ídolos que eles têm no futebol são os jogadores da nossa seleção, como é o caso de Kaká e Robinho, nunca se esquecendo dos dois “Ronaldos”.

A comparação feita pelos sujeitos da pesquisa entre o futebol no Brasil e na Bolívia esbarra na questão financeira. Eles disseram claramente que os jogadores bolivianos só se tornam profissionais se desembolsarem uma quantia em dinheiro para bancar seu ingresso em grandes clubes. Pressupondo-se que a prática do futebol na Bolívia é muito difundida, esse fator entrava e impede que grandes jogadores se tornem profissionais, até porque as condições financeiras da maioria da população boliviana não permitem arcar com esse ônus que, na verdade, não deveria existir.

O futsal da praça não começa nem termina nele mesmo. Existe todo o charme envolto no antes e no depois dos jogos, quando os jogadores se encontram, trocam suas roupas cotidianas pelos uniformes dos times e, mesmo que momentaneamente, se transformam de simples cidadãos comuns em atletas de futsal admirados por uma boa quantidade de espectadores.

A troca de roupas ocorria em vários locais inusitados, como dentro da própria quadra, perto dos carros dos delegados, atrás das barracas, na frente da sede da Associação³⁴ ou nos bancos ao redor da quadra, sempre aos olhos atentos dos frequentadores da praça. Não obstante, não havia nenhum tipo de constrangimento de ambas as partes, jogadores e frequentadores. Ao final do jogo, voltando ao estado normal de cidadão comum, alguns jogadores destroçavam de roupa novamente, devolvendo o uniforme ao delegado que faz a lavagem do

³³ A Bolívia esteve presente até hoje em apenas três Copas do Mundo: 1930, 1950 e 1994.

³⁴ Uma das propostas de utilização das possíveis verbas de patrocinadores para reformas da praça é justamente a construção de vestiários para abrigar não apenas os jogadores, mas também os grupos folclóricos que necessitam de um local para colocarem suas vestimentas. Os banheiros existentes na associação e que são utilizados pelos visitantes está em condições muito ruins de uso e é até certo ponto situação que envergonha a feira. A Associação tem disponibilizado banheiros químicos aos domingos. Ressaltamos que o uso do banheiro também é fonte de renda para a associação que cobra R\$ 0,50 para sua utilização.

fardamento para os próximos jogos. Vestidos com o uniforme da equipe que acabaram de defender em quadra, alguns jogadores, após os jogos, permaneciam na praça, tomando cerveja ou refrigerante, com a família ou os amigos.

Por estar estrategicamente localizada no centro da praça, a quadra de futsal nunca passa despercebida pelos frequentadores e tem público constantemente apreciando todos os jogos durante a feira. Ressaltamos que, como não há nenhuma equipe de grande expressão no cenário futebolístico participando do campeonato, os espectadores não têm vínculo afetivo com nenhuma das equipes. O que acontece é que as próprias equipes levam seus parentes e amigos que assistem aos jogos de seus entes e, assim, manifestam atitudes de torcedores e fanatismo com seus próprios conhecidos. Entretanto, esse número é minoria, e podemos enfatizar que os espectadores da Praça *Kantuta* apreciam a prática do futsal e a plasticidade oferecida por alguns de seus praticantes como meros observadores e admiradores dessa “arte” e não como torcedores de equipes.

Algumas equipes de futsal participantes dos campeonatos da praça são constituídas por jogadores de várias nacionalidades, como peruanos, paraguaios, chilenos, além de, é claro, bolivianos. Somado ao esporte como elo de união, as atividades profissionais (principalmente no ramo da costura) são fontes de encontros e de trocas de informações entre as diferentes nacionalidades.

As relações dos indivíduos com outras pessoas terão muito mais influência sobre eles do que sua própria constituição. A relação entre as pessoas é tão imprevisível que, numa conversa, cada um dos interlocutores forma ideias que não existiam antes, ou, até mesmo, leva adiante ideias que já estavam presentes. Não há como prever o desenrolar da relação entre as pessoas, pois estamos continuamente nos moldando e nos remoldando umas as outras. Cada indivíduo traz consigo a marca de uma sociedade específica, de uma nação e de uma classe específica, o que nos faz, assim, compreender o que é sociedade.

Infelizmente constatamos na pesquisa que o futsal na praça é a única atividade física praticada pelos bolivianos, o que os coloca num alto grau de risco, pois trabalham a semana inteira em condições ruins, alimentam-se mal, dormem mal e pouco e ainda aos domingos praticam futsal durante períodos longos. Esses fatores, somados, têm potencial de desencadear algum tipo de problema súbito aos praticantes nessas condições. Os jogos de futsal, que têm

características de jogo rápido e dinâmico, podem causar, durante a prática, algum tipo de mal ao praticante.

Na praça não existe nenhum tipo de prevenção, tampouco de acompanhamento médico dos jogadores, o que aumenta o risco possível de algum problema. Durante o período em que estivemos nos campeonatos, detectamos apenas lesões de ordem muscular, esquelética e cutânea.

Nas participações das reuniões de organização dos campeonatos, ressaltamos sempre a importância prévia das questões relacionadas à saúde. Sugerimos que todos consultassem médicos para detectar algum problema. Nós nos posicionávamos sempre favoráveis a algum tipo de prevenção de possíveis problemas. Infelizmente isso não se operacionalizou.

O futsal da praça é apenas mais uma atração para os frequentadores, jogadores e delegados. Tanto os que jogam quanto os que não jogam usufruem a praça como local de passeio, caminhando, apreciando barracas e assistindo às constantes apresentações musicais e de grupos folclóricos. A praça, na verdade, é uma grande festa todos os domingos, e o futebol faz parte desse “cardápio” de opções, em que famílias acompanham os jogadores que, após os jogos, se juntam e desfrutam aquilo que a praça oferece.

Pudemos participar da organização formal do campeonato, construindo tabelas de jogos, fazendo divulgação, faixas, reuniões e regulamentos. Verificamos que a estrutura anterior era muito precária, o que levava os participantes a tecerem muitas e constantes críticas aos dirigentes da associação quanto à idoneidade dos processos. Organizamos os procedimentos, e, assim, parece que a lisura ficara mais transparente aos olhos de todos, facilitando o desenrolar do evento.

No segundo semestre de 2009, fizemos um projeto de patrocínio para que a quadra e a praça pudessem passar por uma reforma, principalmente a dos banheiros, considerados pelos dirigentes da associação o grande problema dos domingos para os visitantes, de certa forma inibindo a ida ao local. Esse projeto foi levado adiante e conseguimos interessados, mas esbarrara na burocracia e na falta de vontade de alguns dirigentes em aceitar as condições ora descritas.

A cidade de São Paulo tem centenas de praças, e muitos paulistanos as utilizam com fins de recreação, lazer, esporte ou entretenimento. Entretanto, alguns indivíduos fazem desses locais seus dormitórios, muitas vezes por falta de outras opções. Ainda são poucas as

políticas públicas que aproveitam o potencial das praças a fim de viabilizar sua utilização de forma integral pelos cidadãos.

Em relação às praças públicas, a Secretaria do Verde e Meio Ambiente tem projetos que as utilizam como instrumento de trabalho, tendo como foco influenciar as políticas públicas de segurança. O projeto propõe a prevenção da violência por meio do trabalho comunitário de revitalização de praças e da realização de eventos esportivos e culturais nesses locais.

Desde o dia em que passamos a fazer parte dos contextos da Praça *Kantuta*, não vimos nenhuma ação pública relacionada à revitalização ou à utilização do local com fins de recreação, lazer ou entretenimento. A prefeitura de São Paulo cedeu algumas vezes palcos para a Associação Padre Bento que os utilizou em grandes eventos. Ressaltamos que, durante a semana, a praça é utilizada como dormitório e como local para consumo de drogas, tendo constantemente visitas da polícia para amenizar a situação.

No mês de março de 2010, os alambrados que cercavam a quadra, bem como as traves dos gols foram retirados do local com promessa de políticos para uma grande reforma. A associação ficou refém dessa promessa, pois não possui recurso para tal reforma e, infelizmente, até agora não há sinais para o início da reforma, o que impede a realização dos campeonatos, demonstrando uma grande falta de respeito a esse grupo, que fica suscetível às atrocidades de outros grupos mais poderosos.

Em visitas à feira dominical, após a retirada das grades, pudemos conversar com sujeitos que participaram da pesquisa e ainda frequentam a praça, como foi o caso do sujeito 38 que, a respeito da quadra, nos disse: “Tenho muitas saudades do tempo que havia o campeonato. Todos torcendo e a gente jogando dava uma grande emoção.” No mesmo tema, um frequentador da praça nos disse que: “A feira sem jogo fica estranha. Parece que está faltando alguma coisa. Não vejo a hora de vir aqui para ver os jogos de novo”.



Fotos (tiradas pelo autor desta tese Ubiratan Silva Alves) que constam das observações do diário de campo do local onde havia a quadra e onde agora, sem alambrado, aos domingos, colocam brinquedos infantis.

O estudo sociológico das teias de interdependência indica que as coerções ou as forças sociais têm origem na própria teia formada pelos indivíduos. Esses indivíduos constroem tais teias que dão origem a configurações de muitos tipos, como família, aldeia, cidade, estado, nações. Essas configurações e essas teias de interdependência humanas podem ser constituídas independentemente do tamanho do grupo, agrupamentos maiores ou menores. Não obstante, alguns grupos podem ficar, por tempo indeterminado, à mercê de grupos mais poderosos, como ilustra o caso da retirada dos alambrados da quadra.

Desse modo, a relação entre o indivíduo e as estruturas sociais deve ser analisada e concebida como um processo, ou seja, as “estruturas sociais” e o “indivíduo” são aspectos diferentes, contudo inseparáveis. As análises devem recair nas teias de interdependência humanas que formam as configurações sociais.

Tais teias existem desde o início da vida dos homens, e uma parte delas tem origem nas necessidades biológicas dos seres humanos, que, desde os primeiros momentos de suas vidas, necessitam dos cuidados e da atenção dos próprios pais. A grande parte advém de necessidades recíprocas, socialmente geradas, como a divisão do trabalho, a competição, as ligações afetivas, entre outras.

O sucesso dos imigrantes vindos ao Brasil antes dos bolivianos se deu pelo fato de a situação econômica e social da cidade de São Paulo na época ser extremamente favorável para se trabalhar e para se viver. Isso hoje já não ocorre mais de maneira incisiva, visto que as crises financeiras mundiais também afetam o Brasil, e a população sofre com a falta de emprego e de condições melhores de saúde, educação, transporte, moradia, entre outras, levando-a a

despejar nos imigrantes a culpa por essa situação, indicando que “eles” estariam roubando os empregos dos brasileiros.

A Bolívia ainda passa nos dias atuais por sérias crises econômicas e políticas, o que atrai ao Brasil um grande número de bolivianos com a intenção de buscar no país um “eldorado” de trabalho e de riqueza, o que efetivamente na prática não ocorre.

Os bolivianos ainda são muito humilhados, pois muitos brasileiros têm uma imagem altamente negativa desses indivíduos, em razão das atitudes de alguns relacionadas à embriaguez e ao tráfico de drogas. A população paulistana, diante desse quadro, aumenta o preconceito e faz generalizações dos grupos apenas pelas características físicas que diferem das nossas, como “cabelos negros e lisos”, “olhos levemente repuxados” e “pele morena”, além da utilização predominante da língua espanhola para comunicação. Os bolivianos em São Paulo são considerados “sujos”, “pobres”, “índios” e, o que é pior, “sem cultura”.

No que diz respeito ao preconceito, (Nogueira 1985 [1954], p. 78-79) distingue dois tipos básicos de preconceito racial:

“Considera-se como preconceito racial uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece. Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico para que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é de origem.”

Conforme o autor, identificamos que os bolivianos em São Paulo sofrem ambos os tipos de preconceito, simplesmente por terem descendência indígena, bem como traços físicos, gestos e sotaques específicos da região de que são originários. O que está por trás dessa imagem do boliviano se encaixa na própria denominação de imigrante que opera para marginalizar grupos, fazendo-os ocuparem lugares inferiores no sistema social e serem responsabilizados por todos os males que assolam a região.

No caso dos bolivianos, a associação entre a pobreza e a origem étnica (indígena) acrescenta-se à composição do perfil desses indivíduos por parte daqueles que

desconhecem suas origens, suas dificuldades na cidade de São Paulo e suas contribuições econômicas e culturais. Guardadas as devidas proporções, os sons que incomodam a cidade de São Paulo vindos das flautas andinas dos bolivianos se comparam aos sons dos atabaques tocados nas “senzalas” que incomodavam os moradores da “casa-grande”. A cultura andina, principalmente aquela oriunda dos povos incas, considerados os mais avançados para a época em que existiram, poderia contribuir com as trocas culturais entre os países hispânicos.

É necessário que a população paulistana, em primeira instância, aceite o fato de que essa imigração está ocorrendo em larga escala, para que, assim, se possa lidar de maneira mais equilibrada com a situação. Os sentimentos de alteridade (colocar-se no lugar do outro) poderiam contribuir para essa anuência, pois são públicas as exposições das difíceis condições de vida dos bolivianos em seu próprio país, em razão da falta de emprego, moradia, saúde e educação.

Respeitar as diferenças não significa aceitá-las, mas sim entender por que ocorrem, os sentidos e os significados das atitudes e dos procedimentos. As superações do racismo e do etnocentrismo deveriam estar além de qualquer outra atitude entre os povos.

Ver-se no planeta Terra como apenas mais um ser humano, entre tantos seres humanos, permite deixar de identificar nossa sociedade como a mais desenvolvida ou evoluída. Postula-se apenas que as sociedades são diferentes, entre tantas outras que existem e que ainda podem vir a existir.

O conhecimento antropológico surge do encontro de dois inconscientes em espelho, que espelham uma imagem deformada. O discurso a respeito da diferença não apenas do outro, mas também da própria diferença trabalha sobre os limites e as fronteiras. Assim, faz-se necessário, em caráter de urgência, que os governantes proponham políticas públicas de educação, saúde, habitação e emprego para esses grupos antes que as relações possam se tornar insustentáveis.

Finalmente, acreditamos que os imigrantes se constituem em agentes de uma memória ética, de uma resistência justa e em sonhadores de uma utopia possível. São protagonistas de outra integração de anunciadores de um novo mundo possível, urgente e necessário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Capistrano de (1999). *O descobrimento do Brasil*. São Paulo: Martins Fontes.
- AGOSTINO, Gilberto (2002). *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Faperj/Mauad.
- ALMEIDA, Mauro William Barbosa (2001). “Conferência: Relativismo Antropológico e Objetividade Etnográfica”. IV Reunião de Antropologia do Mercosul. Curitiba, out.
- ALVES, Ubiratan Silva e BELLO JUNIOR, Nicolino (2008). *Futsal: conceitos modernos*. São Paulo: Phorte.
- ANDRADE, Everaldo de Oliveira (2000). *Revoluções na América Latina contemporânea: México, Bolívia e Cuba*. São Paulo: Saraiva.
- ARAGÓN, Mario Montaña (1987). *Guia etnográfica linguística de Bolívia*. La Paz: Editorial Don Bosco.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz (1998). “A Guerra do Chaco”. *Revista Brasileira de Relações Internacionais IBRI*, Brasília, n. 1, ano 41, p. 161-200.
- BHABHA, Homi K. (2001). *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG.
- BELLOS, Alex (2003). *Futebol: o Brasil entra em campo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BOURDIEU, Pierre (1983). *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- _____ (2003). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- CAMPOS, Augusta L. e COSTA, Ricardo Vivacqua C. (1999). “Atividade Física em Moderadas e Grandes Altitudes. Morbidade Cardiovascular e Respiratória”. *Rev. Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, n. 1, v. 73.
- CAVALCANTI, L. (2005). “Imigrante na cidade: paradoxos e pleonasmos”. *Travessia – Revista do Migrante*, São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, n. 51.
- CORTES, Manuel Jose (2008). *Ensayo sobre la historia de Bolívia*. Tennessee: Lightning Source.

D'ADESKY, Jacques (2001). *Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismo e anti-racismos no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas.

DAOLIO, Jocimar (2000). “As Contradições do Futebol Brasileiro”. In: CARRARO, Paulo Cesar R. (org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, v. 1, p. 29-44.

_____ (org.). (2005). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados.

_____ (2006). *Cultura, educação física e futebol*. 3ª ed. Campinas: Edunicamp.

DORNELAS, Sidnei Marco e NASSER, Ana Cristina Arantes (2008). *Pastoral do Migrante – relações e mediações*. São Paulo: Loyola.

DURHAM, Eunice (2004). *A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.

EDEN, Colin e HUXHAM, Chris (2001). “Pesquisa-ação no estudo das organizações”. In: CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia e NORD, Walter R. (orgs.). *Handbook de estudos organizacionais*. São Paulo: Atlas, v. 2, p. 93-117.

ELIAS, Norbert (1994a). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar.

_____ (1994b). *O processo civilizador* (2 v.). Rio de Janeiro: Zahar.

_____ (2005). *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70.

_____ (2006). *Escritos & ensaios*. V. 1, Rio de Janeiro: Zahar.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric (1992). *A busca da excitação*. Lisboa: Difel.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan (2005). *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar.

EVERTSON, Carolyn M. e GREEN, Judith L. (1986). “Observation as inquiry and method”. In: WITTROCK, M. C. (ed.). *Handbook of research on teaching*. 3ª ed. Nova York: Macmillan, p. 162-207.

- FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça (2006). “Etno-desporto indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang”. Tese de Doutorado. Campinas: Faculdade de Educação Física da Unicamp.
- FERNANDES, Ricardo Cid (2003). *Política e parentesco entre os Kaingang: uma leitura etnológica*. São Paulo: PPGAS/USP.
- FRANCO, Hilário Júnior (2007). *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras.
- FUSCO, Wilson (2008). “Migração e Redes Sociais: a Distribuição de Brasileiros em outros Países e suas Estratégias de Entrada e Permanência”. Ministério das Relações Exteriores (org.). *Brasileiros no Mundo*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, v. 1, p. 159-180.
- GEBARA, Ademir (2002). “Sociologia Configuracional: as Emoções e o Lazer”. In: BRUNHS, H. T. *Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes*. São Paulo: Chronos.
- GEERTZ, Clifford (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan.
- _____ (1997). *O saber local*. Petrópolis: Vozes.
- _____ (2001). *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- GIULIANOTTI, Richard (2002). *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria.
- GOFFMAN, Erving (1981). *Forms of talk*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press.
- GUIMARÃES, Eduardo (2000). “Línguas de Civilização e Línguas de Cultura. A Língua Nacional do Brasil”. In: BARROS, D. L. P. *Os discursos do descobrimento*. São Paulo: Edusp/Fapesp.
- HALL, Michael (2004). “Imigrantes na cidade de São Paulo”. In: PORTA, Paula (org.). *História da cidade de São Paulo. A cidade na primeira metade do século XX*. São Paulo: Paz e Terra.
- HALL, Stuart (1996). “Identidade Cultural e Diáspora”. *Revista do patrimônio histórico e artístico nacional*. Brasília: Distrito Federal.
- HALBWACHS, Maurice (1993). *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice.

- HOLANDA, Sergio Buarque de (2003). *História geral da civilização brasileira*. 10ª ed., v. 1-v. 11. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- HYMES, Dell (1977). “Qualitative/Quantitative research methodologies: a linguistic perspective”. *Anthropology & Education Quarterly*, v. 8, p.165-176.
- JANNUZZI, Paulo de Martino (2000). *Migração e mobilidade social: migrantes no mercado de trabalho paulista*. Campinas: Autores Associados.
- KEMMIS, Stephen e MCTAGGART, Robin. *Cómo planificar la investigación-acción*. Barcelona: Editorial Alertes.
- KLEIN, Herbert S. (1991). *Bolívia: do período incaico à independência*. São Paulo: Brasiliense.
- LAPLANTINE, François (1996). *Aprender antropologia*. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1970). *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- MAGNANI, Jose Guilherme Cantor (1986). “Discurso e Representação, ou de Como os Baloma de Kiriwina podem reencarnar-se nas Atuais Pesquisas”. In: CARDOSO, Ruth (org.). *A aventura antropológica*. São Paulo: Paz e Terra, v. 1, p. 127-140.
- _____ (2003). *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec.
- MALINOWSKI, Bronislaw (1986). *Los Argonautas del pacifico occidental*. Barcelona: Ediciones 62.
- MARTINS, Dora e VANALLI, Sonia (2001). *Migrantes*. 4ª ed. São Paulo: Contexto.
- MARTINS, José de Souza (2004). “O migrante brasileiro na São Paulo estrangeira”. In: PORTA, Paula (org.). *História da cidade de São Paulo. A cidade na primeira metade do século XX – 1890-1954*. 3 vols. São Paulo: Paz e Terra, v. 3, p. 153-213.
- MATTOS, Carmen Lucia Guimarães de (2001). “A Abordagem Etnográfica na Investigação Científica”. *Revista Ines-espaco*, n. 16, jul./dez., p. 42-59.
- MAURICIO, Ivan (org.). (2002). *90 minutos de sabedoria: a filosofia do futebol em frases inesquecíveis*. Rio de Janeiro: Garamond.
- MAUSS, Marcel (1972). *Manual de etnografia*. Lisboa: Editorial Pórtico.
- _____ (1999). *Ensaio de sociologia*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva.

_____ (2003). *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU/Edusp, v. I e II.

_____ (2008). *Ensaio sobre a dádiva*. 2ª ed. Lisboa: Edições 70.

MOREIRA, Antonio Flavio e CANDAU, Vera Maria (2008). *Multiculturalismo*. Petrópolis: Vozes.

NOGUEIRA, Oracy (1985 [1954]). “Preconceito Racial de Marca e Preconceito Racial de Origem – Sugestão de um Quadro de Referência para a Interpretação do Material sobre Relações Raciais no Brasil”. In: NOGUEIRA, O. (org.). *Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais*. São Paulo: T.A. Queiroz.

PEIRANO, Mariza (1996). *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

PEREIRA, João B. Borges (1996). “O Retorno do Racismo”. In: SCHWARCZ, Lilia M. e QUEIROZ, Renato da Silva (orgs.). *Raça e diversidade*. São Paulo: Edusp.

POURTOIS, Jean-Pierre e DESMET, Huguette (1988). *Educação pós-moderna*. São Paulo: Loyola.

POWNEY, Janet e WATTS, Mike (1987). *Interviewing in educational research*. Londres: Routledge & Kegan Paul.

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van (2003). *Manual de investigação em ciências sociais*. 3ª ed. Lisboa: Gradiva.

RAMOS, Alcida Rita (2004). “O Pluralismo Brasileiro na Berlinda”. *Revista Etnográfica*, v. 8(2), p. 165-183.

REIS, Heloísa Helena Baldy dos (2006). *Futebol e violência*. Campinas: Armazém do Ipê/Fapesp.

REIS, Heloísa Helena Baldy dos e GIACOMELLO, Sérgio Luis (2005). “A Busca da Excitação no Lazer. Algumas Reflexões sobre o Processo Civilizador”. IX Simpósio Internacional Processo Civilizador. *Anais do IX Simpósio Internacional Processo Civilizador – Tecnologia e Civilização*, Ponta Grossa.

ROCHA FERREIRA, Maria Beatriz (1998). “A Cultura Esportiva no Espaço de Expressão da Língua Portuguesa”. Palestra proferida no 7º Congresso de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa. Florianópolis.

_____ (2002). “Cultura Corporal: Jogos Tradicionais e Esporte em Terras Indígenas”. VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. Ponta Grossa. (CDROM).

SAAVEDRA, Jose Luis Guzman (1991). *Nossa Senhora de Copacabana na Bolívia e no Brasil*. Campinas: Artes Gráficas Oliveira.

SELLERA, Carlos Alberto Cyrillo e GHORAYEB, Nabil (2005). “Esporte nas Grandes Altitudes”. *Revista Socesp Cardiologia*. São Paulo, n. 3, v. 15, maio/jun., p. 220-225.

SEYFERTH, Giralda (2004). “Imigração e Diferenciação Cultural: a Problemática dos Conceitos de Etnicidade, Raça e Multiculturalismo”. Encontro anual da Anpocs, Caxambu.

SILVA, Sidney Antonio da (1997). *Costurando sonhos: trajetória de um grupo de migrantes bolivianos em São Paulo*. São Paulo: Paulinas.

_____ (1999). “Estigma e Mobilidade: o Imigrante Boliviano nas Confeções de São Paulo”. *Revista Brasileira de Estudos de População RBEP*, n.1/2, v.16, jan./dez.

_____ (2000). “Ser Passante em São Paulo: Prática Ritual entre os Imigrantes Bolivianos”. In: SCHWARCZ, Lilia M. e GOMES, Nilma L. (orgs.). *Antropologia e história: relações de fronteira*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 173-189.

_____ (2003). *Virgem/Mãe/Terra: festas e tradições bolivianas na metrópole*. São Paulo: Hucitec/Fapesp.

_____ (2005a). “A Migração dos Símbolos: Diálogo Intercultural e Processos Identitários entre os Bolivianos em São Paulo”. *São Paulo em Perspectiva*, n. 3, v. 19, jul./set., p. 77-83.

_____ (2005b). *Bolivianos: a presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

_____ (2005c). “A Praça é Nossa. Faces do Preconceito num Bairro Paulistano”. *Travessia – Revista do Migrante*. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, n.51.

_____ (2006). “Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade”. *Revista de Estudos Avançados*, São Paulo, n.57, v. 20, maio/ago.

_____ (2008). *Faces da latinidade hispano-americano em São Paulo*. Campinas: Núcleo de Estudos de População/Unicamp. (Textos Nepo – 55)

- SILVA, Vagner Gonçalves da (1997). “Nos Bastidores da Pesquisa de Campo”. *Cadernos de Campo (USP)*, São Paulo, v. 7, p. 239-242.
- SOUZA, Miguel Augusto Gonçalves de (2000). *Descobrimento e colonização Portuguesa no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- TAUSSIG, Michael (1993). *Mimesis and alterity: a particular history of the senses*. Nova York/Londres: Routledge.
- TAYLOR, Charles (1994). *Multiculturalisme, différence et démocratie*. Paris: Aubier.
- TOLEDO, Luiz Henrique (1996). *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/Anpocs.
- TUBINO, Manoel Gomes (2005). *O que é esporte?* 15ª ed. São Paulo: Brasiliense.
- WEBER, Marx (1994). *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 3ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- XAVIER, Iara Rolnik e CYMBALISTA, Renato (2007). “A comunidade boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade”. *Cadernos Metrópole (PUC-SP)*, v. 17, p. 119-133.

ANEXO 1

Roteiro das entrevistas

1. NOME.
2. IDADE.
3. QUANTO TEMPO NO BRASIL – ANOS.
4. TEM FILHOS NASCIDOS NO BRASIL?
5. E NA BOLÍVIA?
6. É CASADO?
7. ESPOSA DE QUE PAÍS?
8. TRABALHA COM O QUÊ?
9. POR QUE VEIO PARA O BRASIL?
10. ESTUDOU NA BOLÍVIA?
11. ESTUDA AQUI?
12. PRETENDE ESTUDAR?
13. NA BOLÍVIA, COMO ERAM A ESCOLA E A EDUCAÇÃO FÍSICA?
14. NO BRASIL, COMO SÃO A ESCOLA E A EDUCAÇÃO FÍSICA?
15. JOGAVA FUTEBOL/FUTSAL NA BOLÍVIA?
16. COMO / ONDE / COM QUEM?
17. VOCÊ PRATICOU OUTRO ESPORTE NA BOLÍVIA?
18. QUAL?
19. ONDE?
20. E NO BRASIL?
21. QUAL?
22. ONDE?

23. FREQUENTAVA ESTÁDIOS/QUADRAS DE FUTEBOL PARA ASSISTIR A JOGOS NA BOLÍVIA?
24. E NO BRASIL?
25. FUTEBOL NO BRASIL E NA BOLÍVIA: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS.
26. QUANDO E POR QUE COMEÇOU A JOGAR FUTEBOL NA *KANTUTA*?
27. VOCÊ CONHECE OS JOGADORES DE SEU TIME?
28. QUEM PODE JOGAR NO SEU TIME?
29. QUEM PAGA AS CONTAS?
30. VOCÊ É DELEGADO?
31. O QUE FAZ ALÉM DE TRABALHAR E JOGAR FUTEBOL?
32. SUA FAMÍLIA PARTICIPA DO FUTEBOL?
33. TORCEDOR DE QUE TIME NA BOLÍVIA?
34. E NO BRASIL?
35. PREFERE JOGAR FUTEBOL OU FUTSAL?
36. POR QUÊ?
37. PREFERE ASSISTIR A FUTEBOL OU A FUTSAL?
38. POR QUÊ?
39. O QUE ESPERA DA VIDA AQUI NO BRASIL?
40. PRETENDE UM DIA VOLTAR PARA A BOLÍVIA PARA FICAR POR LÁ?
41. VOCÊ ACONSELHARIA BOLIVIANOS A VIREM PARA O BRASIL HOJE?

ANEXO 2

Parecer Comitê de Ética em Pesquisa



FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

www.fcm.unicamp.br/pesquisa/etica/index.html

CEP, 16/12/08.
(Grupo III)

PARECER CEP: Nº 1071/2008 (Este nº deve ser citado nas correspondências referente a este projeto)
CAAE: 0844.0.146.000-08

I - IDENTIFICAÇÃO:

PROJETO: “O FUTEBOL DOS IMIGRANTES BOLIVIANOS NA CIDADE DE SÃO PAULO”.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Ubiratan Silva Alves

INSTITUIÇÃO: Faculdade de Educação Física/UNICAMP

APRESENTAÇÃO AO CEP: 09/12/2008

APRESENTAR RELATÓRIO EM: 16/12/09 (O formulário encontra-se no *site* acima)

II - OBJETIVOS

Estudar o futebol praticado por bolivianos numa perspectiva figuracional, em indivíduos masculinos, na cidade de São Paulo.

III - SUMÁRIO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa. Serão convidados a participar da pesquisa indivíduos masculinos procedente da Bolívia com residência em São Paulo, maiores de 18 anos pertencentes à equipe de futebol. Os indivíduos serão selecionados na Praça Kantuta, local no qual praticam o esporte e que é filiado à Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Boliviana “Padre bento”. Serão utilizadas as técnicas de entrevistas, observações, conversas, relações de parentescos, mapeamento dos locais de prática de futebol, registro de informações em diários, jornais e revistas feitas pelo próprio pesquisador que permanecera no local por um período de três meses.

IV - COMENTÁRIOS DOS RELATORES

Projeto bem elaborado, exequível, respeitando os aspectos éticos envolvidos no tipo de estudo, com a dispensa do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apropriado ao estudo.

V - PARECER DO CEP

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, após acatar os pareceres dos membros-relatores previamente designados para o presente caso e atendendo todos os dispositivos das Resoluções 196/96 e complementares, resolve aprovar sem restrições o Protocolo de Pesquisa, bem como ter aprovado a dispensa do Termo do Consentimento Livre e Esclarecido, assim como todos os anexos incluídos na Pesquisa supracitada.

Comitê de Ética em Pesquisa - UNICAMP
Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126
Caixa Postal 6111
13084-971 Campinas - SP

FONE (019) 3521-8936
FAX (019) 3521-7187
cep@fcm.unicamp.br



**FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

🌐 www.fcm.unicamp.br/pesquisa/etica/index.html

CEP, 16/12/08.
(Grupo III)

PARECER CEP: N° 1071/2008 (Este n° deve ser citado nas correspondências referente a este projeto)
CAAE: 0844.0.146.000-08

I - IDENTIFICAÇÃO:

PROJETO: "O FUTEBOL DOS IMIGRANTES BOLIVIANOS NA CIDADE DE SÃO PAULO".

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Ubiratan Silva Alves

INSTITUIÇÃO: Faculdade de Educação Física/UNICAMP

APRESENTAÇÃO AO CEP: 09/12/2008

APRESENTAR RELATÓRIO EM: 16/12/09 (O formulário encontra-se no site acima)

II - OBJETIVOS

Estudar o futebol praticado por bolivianos numa perspectiva figuracional, em indivíduos masculinos, na cidade de São Paulo.

III - SUMÁRIO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa. Serão convidados a participar da pesquisa indivíduos masculinos procedente da Bolívia com residência em São Paulo, maiores de 18 anos pertencentes à equipe de futebol. Os indivíduos serão selecionados na Praça Kantuta, local no qual praticam o esporte e que é filiado à Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Boliviana "Padre bento". Serão utilizadas as técnicas de entrevistas, observações, conversas, relações de parentescos, mapeamento dos locais de prática de futebol, registro de informações em diários, jornais e revistas feitas pelo próprio pesquisador que permanecerá no local por um período de três meses.

IV - COMENTÁRIOS DOS RELATORES

Projeto bem elaborado, exeqüível, respeitando os aspectos éticos envolvidos no tipo de estudo, com a dispensa do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apropriado ao estudo.

V - PARECER DO CEP

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, após acatar os pareceres dos membros-relatores previamente designados para o presente caso e atendendo todos os dispositivos das Resoluções 196/96 e complementares, resolve aprovar sem restrições o Protocolo de Pesquisa, bem como ter aprovado a dispensa do Termo do Consentimento Livre e Esclarecido, assim como todos os anexos incluídos na Pesquisa supracitada.

Comitê de Ética em Pesquisa - UNICAMP
Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126
Caixa Postal 6111
13084-971 Campinas - SP

FONE (019) 3521-8936
FAX (019) 3521-7187
cep@fcm.unicamp.br